

Memorial de Atividades Acadêmicas

Requisito para progressão funcional vertical
para professor titular de carreira

MARCO ANTONIO FRANCIOTTI

SIAPE 01158868-3
MATRÍCULA UFSC 08485-3

Departamento de Filosofia
Dezembro de 2014

Sumário

Introdução

Capítulo 1: Ensino e orientação

1. Experiências pedagógicas anteriores à UFSC
2. Ensino de graduação na UFSC
3. Ensino de pós-graduação na UFSC
4. Orientações

Capítulo 2: Pesquisa e publicações

1. Pesquisas e produção bibliográfica nas áreas de teoria do conhecimento, filosofia da linguagem, filosofia da mente, epistemologia da geografia e epistemologia da psicanálise
2. Pesquisa atual

Capítulo 3: Administração e extensão

1. Administração no Departamento de Filosofia da UFSC
2. Participações em bancas de concurso público para o magistério superior
3. Participações em bancas e trabalhos de conclusão
4. Comunicações, Seminários e Palestras em Eventos e Congressos
5. O LABFIL (Laboratório de Filosofia)

Considerações finais

Comprovações

- Anexo I: atividades de ensino e orientação
- Anexo II: atividades de pesquisa e publicações
- Anexo III: atividades administrativas e de extensão

Introdução

O presente memorial compreende as atividades acadêmicas do período do Dezembro de 1985, data da assinatura do meu contrato como professor da UFSC, até Dezembro de 2014, ano de publicação do meu livro mais recente sobre a República de Platão, intitulado *Platão e a Educação Filosófica*. Trata-se, portanto, de um período de quase 30 anos de atividades no magistério superior no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Ora, exatamente em virtude dessa grande extensão de tempo, creio ser necessário realizar uma seleção das atividades de modo a enfatizar a consistência da minha trajetória acadêmica, bem como a evolução do processo intelectual e filosófico realizados. Nesse sentido, inúmeras atividades são deixadas de lado, não porque elas não tenham exercido influências positivas na minha vida profissional, ou porque não tenham sido relevantes para o meu crescimento na atividade do magistério superior, mas sim apenas para evitar produzir um memorial demasiada e desnecessariamente extenso. Alguns exemplos são as atividades de extensão, como bancas de comissões de cunho marcadamente burocrático, ou mesmo em órgãos colegiados de representação institucional, tanto no Centro de Filosofia e Ciências Humanas como em outras instâncias da UFSC. Obviamente, tais atividades podem ser encontradas no meu Lattes e no MAD correspondente aos anos de 2012 3 2013, também requerido para a solicitação da progressão funcional vertical para professor titular de carreira.

Assim sendo, este memorial irá enfatizar as atividades de ensino, tanto na graduação quanto na pós-graduação e de pesquisa, em inúmeras áreas do conhecimento filosófico, como a teoria do conhecimento, a Filosofia Moderna, a Filosofia da Ciência, a Filosofia da Linguagem em todo o período supramencionado; nos últimos 12 anos, a Filosofia da Mente e a Filosofia da Psicanálise; e, finalmente, nos últimos 5 anos, a Filosofia Antiga, principalmente ou quase que tão somente a filosofia platônica. Do mesmo modo, privilegiarei as atividades administrativas e de extensão mais relevantes e mais sintonizadas com as atividades de ensino e de pesquisa supra-citadas.

No início de meus estudos filosóficos, preocupe-me principalmente com as questões fundamentais da teoria do conhecimento, razão pela qual fui progressivamente

me dirigindo à filosofia kantiana. Quando da assinatura do meu contrato como professor da UFSC, terminava minha dissertação de mestrado na UNICAMP, sob a supervisão do professor Zeljko Loparic, sobre o papel do método analítico na filosofia transcendental kantiana. No doutorado meu interesse por Kant se aprofundou e, sob a supervisão do prof. Jerry Valberg, na University College London, realizei minha tese de doutorado sobre o ceticismo em Kant. O debate contemporâneo sobre Kant, principalmente no âmbito da filosofia analítica, exigiu um aprofundamento nos estudos da filosofia da linguagem e, posteriormente, também da filosofia da mente. Paulatinamente, os estudos nessas áreas, bem como a leitura de Wittgenstein, levou-me à psicanálise, o que me proporcionou contato com os profissionais da psicologia e, ocasionalmente, a orientação de dissertações em filosofia da psicanálise. Nesse sentido, tanto o ensino como a pesquisa foram marcados por essas áreas e seus temas específicos.

Tive a honra e o prazer de ministrar a primeira aula no pós-graduação em Filosofia da UFSC, exatamente sobre a filosofia transcendental de Kant e o debate contemporâneo sobre o ceticismo em 1997. Ao mesmo tempo, sempre no sentido de dar suporte ao Departamento e aos colegas – exatamente por ter deles recebido o suporte necessário para poder me afastar e realizar meu doutorado no exterior –, via de regra ministrava aulas de disciplinas apenas indiretamente ligadas às áreas supramencionadas, como Lógicas I e II, Filosofia da Ciência e História da Filosofia III. Nesse meio tempo, também desenvolvi uma pesquisa sobre a filosofia de Berkeley, como pesquisador do CNPq (1997-1999). Igualmente, no ano de 2003, realizei um estágio de curta duração em Salzburg e Viena, para estudar com mais detalhes a obra de Freud. Essa experiência na Áustria, somada aos 5 anos que passei em Londres por ocasião do meu doutorado, constituem-se em alguns dos momentos mais decisivos na minha trajetória como professor do magistério superior.

Do mesmo modo, após mais de 20 anos de estudo aprofundado dos temas supramencionados, interessei-me por estudos na área de epistemologia da geografia, o que me permitiu ministrar uma disciplina de mesmo nome do mestrado em geociências da UFSC por mais de 15 anos. Dessa valiosa experiência pude reunir material escrito para elaborar o livro *Fundamentos Epistemológicos da Geografia* em 2013. Igualmente, discussões sobre a lógica, desenvolvidas desde o mestrado em Lógica e Filosofia da Ciência na UNICAMP no final dos anos 80 e já mencionado, levaram-me a Frege, Russell e Wittgenstein. Esses temas se desdobraram nos estudos sobre a filosofia da linguagem e sobre a filosofia da matemática, o que me fez pouco a pouco considerar um

estudo mais sistemático de Platão. Aliás, o pensamento platônico, que era uma paixão latente, aflorou também em virtude das minhas preocupações crescentes com o ensino da filosofia, suas possibilidades e limites. A publicação do meu livro mais recente sobre Platão, mencionado há pouco, é um motivo de grande satisfação, pois denota uma busca incessante pelo conhecimento filosófico.

Paralelamente às atividades de ensino e pesquisa, é importante também ressaltar a enriquecedora experiência no setor administrativo, primeiro como chefe de departamento (4 anos), coordenador da graduação (4 anos), coordenador da pós-graduação (4 anos) e, mais recentemente, coordenador do EaD em Filosofia (6 anos). Ao assumir esses cargos, pude ter uma visão diferente do trabalho universitário e da estrutura interna da universidade brasileira, bem como o potencial e os limites do planejamento administrativo.

Por meio do detalhadamente dessas etapas e realizações de planejamentos e expectativas no período supramencionado, pretendo delinear meu itinerário acadêmico como um processo contínuo de crescimento e aprofundamento da atividade e do conhecimento filosóficos. Finalmente, vale mencionar que a filosofia, tal como Platão nos faz lembrar continuamente, inevitavelmente modifica aquele que a estuda, levando-o a investigar a si mesmo na medida em que investiga os argumentos, conceitos e princípios peculiares ao problemas com os quais ele lida, bem como as soluções buscadas, estas via de regra exigindo readequações, retomadas e reavaliações de métodos, objetivos e, no final das contas, postura intelectual. Minha intenção é a de que isso esteja plenamente apresentado no que se segue.

Capítulo 1

Ensino e Orientação

1. Experiências pedagógicas anteriores à UFSC

Além de aulas particulares e uma experiência de 6 meses dando aula de Português num colégio particular na cidade de São Paulo, minha vida intelectual resumiu-se, na primeira metade dos anos 80, às atividades do mestrado em lógica e filosofia da ciência na UNICAMP, com bolsas da CAPES (18 meses), CNPq (12 meses) e FAPESP (6 meses). Vale dizer que esse era o antigo nome do primeiro mestrado nessa área no Brasil. Somente anos depois o pós-graduação da UNICAMP passou a se chamar genericamente de Filosofia. Explico isso porque, na época, os professores corretamente enfatizavam o conhecimento da lógica para o estudo da filosofia da ciência e, no meu caso mais específico, para a teoria do conhecimento. O estudo aprofundado da Lógica – lembro-me, entre outros, de um belo curso ministrado pela professora Andréa Loparic sobre o teorema de Gödel – possibilitou-me, em 1985, ser aprovado no concurso público em Lógica na UFSC.

Além disso, cursei pela primeira vez disciplinas de cunho monográfico, aprendendo a *ler* os textos filosóficos com o cuidado e rigor necessários para a construção de uma sólida formação filosófica. A primeira disciplina cursada foi com o professor Carlos Alberto Ribeiro de Moura, sobre as *Meditações* de Descartes. O método estruturalista de estudo de textos filosóficos, seguido pelo brilhantismo e erudição do professor, fascinaram-me sobremaneira, além de me propiciarem a aquisição de um conhecimento sistemático e aprofundado do pensamento de Descartes, do qual me benefico até hoje.

Esses dois aspectos dos meus estudos na UNICAMP trouxeram a minha primeira experiência didática no magistério superior, na PUC/SP em 1985. O professor Arley Moreno, que havia sido meu professor na UNICAMP no ano anterior, convidou-me para ministrar um mini curso de 2 meses para os seus alunos da pós-graduação sobre lógica e

filosofia da ciência, a fim de complementar suas aulas sobre o primeiro Wittgenstein. O que sou hoje eu devo ao professor Arley, além dos professores que tive na UNICAMP, dentre os quais os professores Osvaldo Porchat, Balthazar Barbosa Filho, Michel Debrun, Andréa Loparic, Zeljko Loparic e outros. Os conteúdos e subsídios metodológicos na filosofia, mais especificamente nas áreas supra-mencionadas, permitiram-me não apenas ser aprovado num concurso público de universidade federal (UFSC), mas também me preparar para a experiência didático-pedagógico que adviria desse importante momento da minha vida profissional.

2. Ensino de graduação na UFSC

Tomei posse na UFSC ainda como professor auxiliar, pois ainda estava terminando o mestrado, embora já tivesse completado os créditos das disciplinas. Na época, o departamento era responsável pela disciplina de *Metodologia Científica* para toda universidade, de modo que mais da metade dos professores tinham formações diversas, não necessariamente filosóficas. Assim, no primeiro semestre, ministrei 3 disciplinas de *Metodologia Científica* para resolver problemas contingenciais de distribuição de aulas. De Agosto de 1986 a Dezembro de 1989 ministrei apenas disciplinas de lógica: introdução à Lógica, Lógica I e Lógica II. Na verdade, o concurso em que fui aprovado foi aberto porque o professor de Lógica na época, Cezar Mortari, pedira afastamento para cursar doutorado na Alemanha e o departamento precisava preencher essa lacuna em seu quadro docente. Ao mesmo tempo, solicitei 20 horas de formação para finalizar minha dissertação, o que consegui fazer em 1988. A essa altura, estimulado pela experiência profissional no magistério superior, pelos constantes contatos com os professores da UNICAMP e com os colegas da UFSC, passei aos poucos a me preparar para o doutorado. Assim, as aulas de lógica, embora ainda se concentrassem no cálculo proposicional e cálculo de predicados de primeira ordem, foram também enriquecidas com os estudos sobre história da lógica e rudimentos de teoria do conhecimento.

Retornei do meu doutorado em Londres em Maio de 1995 e encontrei um departamento bastante diferente daquele que havia deixado em 1989. Mais de dois terços dos professores, principalmente aquele com pouca ou nenhuma formação filosófica, haviam se aposentado, cedendo lugar a jovens mestres em filosofia com fôlego e ritmo

intensos de pesquisa, além de sonhos de construção de um pós-graduação em filosofia. Iniciei o segundo semestre de 1995 ministrando disciplinas de teoria do conhecimento, história da filosofia III e, mais uma vez, lógica. A partir de 1996, passei a ministrar apenas 2 disciplinas por semestre, tendo ao mesmo tempo 20 horas de pesquisa, o que era já uma prática adotada por quase todos os colegas. Pude colocar em prática os conhecimentos obtidos no doutorado e me juntei aos professores que já começavam a elaborar o projeto de pós-graduação. Com o passar dos anos, e influenciado pelas pesquisas e pela atuação no pós-graduação, passei a ministrar disciplinas de filosofia da linguagem, filosofia da mente e epistemologia da psicanálise.

Tendo ampliado o alcance de meus conhecimentos filosóficos, pude pouco a pouco ministrar disciplinas em outros departamentos, como a matemática – onde ministrei a disciplina de filosofia da educação matemática –, psicologia – onde ministrei a disciplina de introdução à filosofia e filosofia da psicologia – e biologia, onde ministrei a disciplina de filosofia da biologia.

3. Ensino de pós-graduação na UFSC

Como afirmei na introdução, em Março de 1997, ministrei a primeira aula da história do pós-graduação em filosofia da UFSC, sobre Kant. Desde o retorno do doutorado, eu fazia parte do grupo de epistemologia e lógica do departamento. Assim, minhas atividades de ensino foram realizadas basicamente nessas áreas do conhecimento filosófico nos 3 anos seguintes. A partir daí, o estudo realizado em Londres sobre Davidson, Searle, Dennett, Parfit, Bernard Williams, entre outros, levaram-me ao estudo de Wittgenstein e, com isso, ao estudo dos temas mais gerais da filosofia da linguagem. Pude também retomar os estudos em filosofia da lógica, basicamente Frege e Russell, que havia realizado ainda no mestrado da UNICAMP. Assim, passei a ministrar a disciplina de filosofia da linguagem e, igualmente, filosofia da mente, em virtude do entrelaçamento inevitável de temas nessas duas áreas filosóficas. O estudo de Wittgenstein, um interlocutor de Freud, bem como o aprofundamento de questões sobre o estatuto do mental, levaram-me pouco a pouco a retomar os estudos pouco sistemáticos que havia feito da psicanálise quando ainda estava na graduação. Assim, passei a ministrar também a disciplina de epistemologia da psicologia e da psicanálise.

Paralelamente a isso, passei a ser responsável pela disciplina de Epistemologia no mestrado em Geografia da UFSC. Essa experiência tem sido bastante enriquecedora, pois

tomo contato com inquietações, perguntas, pesquisas e abordagens que não se limitam mais ao escopo da filosofia, o que tem me permitido uma ampliação e aprofundamento de questões básicas não apenas na filosofia, mas no conhecimento humano em geral.

No últimos anos, continuo a me dedicar a esses dois programas de pós-graduação nas áreas supra-citadas. Com a recente reestruturação da área de concentração em Ontologia do pós-graduação em Filosofia da UFSC, passei a fazer parte também da linha de pesquisa sobre os fundamentos da psicologia e da psicanálise, trabalhando com pesquisa, ensino e orientação em temas sobre a filosofia da mente em geral e a psicanálise freudiana em particular, além dos temas epistemológicos que caracterizaram minha vida profissional desde o início.

4. Orientações

As orientações que realizei, desde o início do pós-graduação em filosofia da UFSC em 1997, trataram de temas importantes nas áreas filosóficas já especificadas, principalmente, filosofia moderna e teoria do conhecimento, filosofia da ciência e epistemologia da psicanálise, além de uma experiência no mestrado em geografia, em que orientei uma dissertação sobre marxismo, sua cientificidade e perspectivas, fruto de meus estudos sobre a concepção de ciência de Marx e Freud. Ao todo, orientei 7 dissertações de mestrado e 1 tese de doutorado, que estão listadas abaixo e também podem ser encontradas em meu Lattes:

Mestrado

1. Jaimir Conte. O Idealismo de Berkeley Face ao Ceticismo. 1999 (PPGFIL/UFSC).
2. Arturo Fatturi. O Estatuto da Regras em Wittgenstein. 2002 (PPGFIL/UFSC).
3. Sady Raul Pereira. A Pusão de Morte em Freud. 2003 (PPGFIL/UFSC).
4. Lurdes de Vargas Silveira Schio. A Concepção de Substância em Locke. 2003 (PPGFIL/UFSC).
5. Rosane Lorena Granzotto. Gênese e Construção da Filosofia da Gestalt na Gestalt Terapia. 2005 (PPGFIL/UFSC).
6. Éden Grei Côrtes Artiaga. Sobre os Fundamentos da Metapsicologia. 2009 (PPGFIL/UFSC).

7. Eric Coimbra. *Perspectivas do Socialismo no Século XXI na América Latina*. 2009 (PPGGC/UFSC).

Doutorado

Clóvis Brondani. *Hobbes e a Lei Natural*. 2008 (PPGFIL/UFSC).

A orientação do prof. Clóvis Brondani, que hoje faz parte do corpo docente permanente do departamento de filosofia da UFFS, resultou de meus estudos sobre a filosofia moderna em geral e o empirismo em particular. No caso de Hobbes, como suas incursões em temas relativos à teoria do conhecimento se inserem no quadro mais amplo de suas reflexões no âmbito da ética e da filosofia política, a experiência de orientação nessas duas referidas áreas solidificou meus estudos sobre essa época histórica do conhecimento filosófico, permitindo-me uma visão mais aprofundada dos rudimentos das principais doutrinas do empirismo clássico.

É preciso destacar primeiramente que a maioria dos orientando listados acima são egressos de outros cursos. O pós-graduação em filosofia da UFSC tem adotado a política de receber alunos de outras áreas desde o início. Isso se deve ao contínuo interesse dos colegas no sentido de manter uma interface com áreas afins da filosofia, como a matemática, a física, a biologia, a psicologia e a linguística, entre outras. Igualmente defendemos sempre a ideia de que a filosofia deve ser encarada como um saber universalizante, que encoraja professores e pesquisadores em geral a refletirem sobre os limites e perspectivas das mais variadas áreas do conhecimento humano. A multiplicidade de formações do corpo discente do nosso pós-graduação implica num trabalho diligente de preparação para o conhecimento e o debate filosóficos, o que requer usualmente ainda mais empenho e tempo por parte tanto do orientador quanto dos orientandos. Como resultado desse esforço, as dissertações e a tese concluídas puderam apresentar o mesmo nível de rigor colimado pelo grupo de professores do pós-graduação em filosofia da UFSC.

Vale também comentar que Clóvis Brondani, Jaimir Conte, Lurdes Vargas, Clóvis Brondani e Arturo Fatturi são hoje professores em universidades federais espalhadas pelo Brasil, levando nosso pós-graduação a realizar a esperado capilaridade e impactação propostos por órgãos de fomento como a CAPES e o CNPq. Ao mesmo tempo,

profissionais da psicologia, como Sady, Rosane e Éden Grei, além de atuarem em suas áreas, tornaram-se também pesquisadores em filosofia, com inúmeras publicações em temas relacionados às suas atividades de pesquisa sob minha orientação.

Por fim, gostaria de fazer um rápido comentário sobre as orientações em andamento. A orientação de mestrado de Adaltro Nunes, professor de filosofia no Instituto Federal de Educação em Blumenau, gira em torno da discussão acerca do estatuto do naturalismo e do ceticismo de Hume, principalmente levando em conta os debates mais contemporâneos. O orientando em questão procura apresentar uma visão do ceticismo em Hume que está inevitavelmente entrelaçado ao naturalismo. Já o orientando de doutorado Leandro Rocha, que se encontra na Alemanha fazendo seu estágio sanduíche, procura lidar com noções centrais do pensamento kantiano como um todo, em especial do conceito de ‘faculdades’ e ‘ânimo’. Com isso, o orientando considera as três críticas de Kant e a evolução das abordagens kantianas, procurando ao mesmo tempo uma unidade interpretativa delas. A orientanda de mestrado Adriana Cândido já iniciou seus estudos sobre o conceito de histeria em Freud, dando ênfase à sua relevância na discussão contemporânea da relação mente e corpo. Yuri de Almeida, por sua vez, procura desenvolver uma dissertação de mestrado sobre o conceito de alma em Platão e como é possível, apesar de inegáveis diferenças no tratamento do conceito, considerar Platão como apresentando uma doutrina unitária da alma, principalmente nos diálogos Crátilo, Banquete e República.

Capítulo 2

Pesquisas e Publicações

1. Pesquisas e produção bibliográfica nas áreas de teoria do conhecimento, filosofia da linguagem, filosofia da mente, epistemologia da geografia e epistemologia da psicanálise

Entendendo que uma pesquisa acadêmica se evidencia principalmente a partir da produção bibliográfica dela decorrente, apresento neste momento as atividades de pesquisa – realizadas no período de 1986 a 2014 – em função das publicações realizadas por meio delas. Dividirei, assim, minha produção bibliográfica a partir dos temas desenvolvidos nas pesquisas. Uso o termo ‘pesquisa’ no sentido amplo, de modo a abarcar igualmente os estudos realizados no mestrado e no doutorado, bem como no estágio de curta duração em Salzburg. Vale notar que a grande maioria das publicações foram resultantes de horas oficiais de pesquisa, mas algumas delas resultam de horas de pesquisa que vão para além daquelas prescritas contratualmente, seja em finais de semana, seja em épocas de férias. Finalmente, saliento que deixarei de fora textos esparsos, publicados em jornais, por se tratarem de questões não acadêmicas.

Assim, no que se segue comentarei as minhas 29 publicações no referido período, mais exatamente, 5 livros, 12 artigos em periódicos especializados, 9 capítulos de livros, a tradução de 1 capítulo de livro e, finalmente, destaco apenas 2 publicações em anais, dentre outras, por serem as mais relevantes. Os comentários serão realizados de modo mais temático do que cronológico. Sendo assim, no Anexo II apresentarei as primeiras páginas das publicações obedecendo essa ordem, e não a ordem cronológica, para facilitar o acompanhamento.

Inicialmente, apresento as publicações que resultaram diretamente dos meus estudos no mestrado, sobre a filosofia transcendental kantiana. Mais

especificamente, procuro mostrar que a estratégia geral de Kant, tanto nos *Prolegômenos* quanto na *Crítica da Razão Pura*, se ajusta à estrutura geral do método analítico dos geômetras gregos antigos. Assim, no artigo

‘Considerações Preliminares sobre os Princípios Transcendentais’, publicado na revista MANUSCRITO em 1991 (vol. 14, pgs. 41-51),

apresento o argumento de que os princípios transcendentais do entendimento puro podem ser interpretados como tendo sido obtidos mediante a aplicação do método analítico, ou melhor, mediante a parte ascendente ou propriamente analítica do método, em que se buscam os princípios mais gerais que irão compor as provas transcendentais. Do mesmo modo, no artigo

‘Aspectos Metodológicos da Filosofia Especulativa Kantiana’, publicado na revista REFLEXÃO em 1993 (vol. 57 pgs. 82-102),

apresento algumas das principais evidências textuais de que Kant, de fato, não apenas conhecia o método analítico dos antigos geômetras gregos como também procurava nele se inspirar para organizar e apresentar a filosofia transcendental. Recentemente, retomei a discussão sobre o papel do método analítico em Kant no capítulo

‘Kant e o Método de Análise-Síntese’ do livro *Um filósofo e a multiplicidade de dizeres*, organizado por Andréa Faggion e Robson Reis e editado pelo CLE no ano de 2010.

Igualmente, analisei o método analítico na modernidade no capítulo

‘O Método Analítico no Pensamento Moderno’ (pgs. 95-117), do livro *Temas Semânticos em Kant*, organizado por Andrea Faggion e Joãosinho Beckenkamp, publicado pela DWW Editorial em 2013.

Nele procuro mostrar que alguns dos principais pensadores da filosofia moderna sofreram influência do método analítico dos antigos geômetras gregos. A propósito desse tema, publiquei um artigo de divulgação intitulado

‘Conhecimento Científico segue Modelo Geométrico’, na Folha de São Paulo, em 11 de Agosto de 1989.

Finalmente, como resultado dos meus estudos sobre a teoria do conhecimento e a epistemologia contemporâneas durante o mestrado, elaborei e publiquei o artigo

‘Os Termos Teóricos nas Relações entre Teoria e Observação’, na REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS em 1986 (vol. 8 pgs. 63-74).

Nele procuro mostrar e debater as críticas de Putnam e outros à concepção positivista lógica dos conceitos de teoria e observação. Em oposição à noção de uma *observação neutra*, defendo a ideia de que em qualquer observação já existe um grau de comprometimento teórico do observador, como nos faz notar Putnam, Popper, Hanson e outros.

Minhas publicações se intensificaram, obviamente, após os estudos realizados no doutorado no University College, London. Na tese, procuro mostrar que a estratégia geral de Kant contra o cético apresenta inúmeros problemas, apesar de representar um grande progresso em relação às posturas epistemológicas anteriores. Em função disso, tratei de distinguir o idealismo transcendental de outras formas de idealismo, principalmente a de Berkeley. Após a defesa, desenvolvi pesquisas e elaborei mais argumentos sobre o tema, o que me levou a publicar o artigo

‘Transcendental Idealism and Phenomenalism’, na REVISTA HISPANOAMERICANA DE FILOSOFIA (Cidade do México) no ano de 1994 (vol. 26, n. 78 pgs. 73-95).

Nele elaboro considerações sobre os *Prolegômenos* de Kant, inclusive, é claro, o famoso *Appendix* em que Kant rebate as críticas de Garve e Feder. Concluo mostrando que a noção de sentido externo, ausente em Berkeley, é crucial para o sucesso da distinção colimada e retorno, assim, às considerações sobre ela na Estética Transcendental. Ainda com o intuito de esclarecer e aprofundar o idealismo kantiano, publiquei o artigo

‘The Ideality of Time’, publicado na MANUSCRITO em 1994 (vol. 17, n. 2 pgs. 135-148).

em que examino os argumentos kantianos para a idealidade do tempo, e também analiso o argumento de MacTaggart sobre a *irrealidade do tempo*, pondo-o em teste com base na posição kantiana. Minha conclusão consiste em que MacTaggart baseia-se equivocadamente no realismo metafísico para fundamentar seus argumentos. Como Kant recusa esse tipo de realismo, não há como concluir que o tempo é irreal dentro do idealismo transcendental. Em 2001, retomei essa discussão introduzindo mais argumentos, mas mantendo a mesma estratégia e a mesma conclusão no capítulo

‘Uma Solução Kantiana do Dilema de McTaggart sobre a Irrealidade do Tempo’, do livro *Argumentos Filosóficos*, coletânea organizada por mim e pelo prof. Delamar José Volpato Dutra, publicado pela editora da UFSC e pelo NEL.

Os estudos sobre o idealismo transcendental de Kant, que desempenha um papel fundamental na resposta kantiana mais geral ao ceticismo, levaram-me a publicar, no capítulo

‘Kant e o Caráter a priori do Espaço’ do livro *Princípios: seu Papel na Filosofia e nas Ciências* (coleção Rumos da Epistemologia) pela EDUFSC no ano 2000,

em que analiso os motivos de Kant para defender a aprioridade do espaço, outra noção ausente no idealismo de Berkeley, para quem espaço e tempo são apreendidos por nós através da experiência. Uma retomada recente desses temas, igualmente com argumentos adicionais, pode ser encontrada no capítulo

‘Limitações das Doutrinas do Espaço e do Tempo em Kant’, do livro *Kant: Liberdade e Natureza*, organizado por Maria de Lourdes Borges e publicado pela EDUFSC 2005, pgs. 175-197,

em que procuro desenvolver ideias indicadas em artigos anteriores, bem como na tese de doutorado, acerca de algumas críticas dos argumentos kantianos expostos na *Estética Transcendental*.

As diversas pesquisas realizadas sobre o ceticismo em geral, e o ceticismo em Kant em particular, em vários momentos da minha vida profissional como professor da UFSC, permitiram-me elaborar as publicações a seguir. Elas compõem um quadro complexo de avaliações e reavaliações de argumentos, assim como a retomada de temas e princípios que giram em torno da questão do ceticismo. No artigo

‘Skepticism, Metaphysical Realism and Transcendental Arguments’, publicado em 1995 na revista *DIÁLOGOS* (San Juan, Porto Rico, vol. 66, pgs. 88-99),

apresento as principais restrições de Strawson ao ceticismo, salientando que ele deixa de fora o compromisso realista metafísico do cético e, com isso, acaba enfraquecendo seu próprio argumento anti-cético. Uma versão ampliada desse artigo foi publicado em 1997 como

‘Las dos Estratégias Anti-Escepticas de Strawson’, na *REVISTA LATINO-AMERICANA DE FILOSOFIA* (Buenos Aires, vol 23 n. 1., pgs. 23-33).

Além disso, apresentei a versão portuguesa, com alterações da discussão sobre os argumentos transcendentais no capítulo

Argumentos Transcendentais e Ceticismo,

no livro *Nos Limites da Epistemologia*, organizado por Luiz Henrique Dutra e publicado em 1999 pelo NEL/UFSC.

É importante notar que a discussão sobre o ceticismo na tradição analítica é bastante influenciada pelas análises de Wittgenstein, não apenas no livro *Sobre a Certeza*, mas também nas próprias *Investigações*, em especial no celebrado *argumento contra a linguagem privada*. Desse modo, desenvolvi várias pesquisas sobre a posição e a resposta de Wittgenstein ao cético, o que me permitiu publicar o capítulo

‘Wittgenstein e a Estratégia Transcendental’, no livro *Wittgenstein em Retrospectiva*, no ano de 2012 pela EDUFSC (vol 1 pgs. 137-149).

Já no artigo

‘Doubting the Sceptic’, publicado no ano de 1997 em PRINCIPIA (vol. 1, n. 2 pgs. 179-202),

apresento argumentos mais gerais sobre a postura cética, principalmente explorando seu caráter auto-destrutivo. Recentemente, ampliei, revisei e aprofundei essas temáticas no artigo

‘Once more unto the breach: Strawson’s Anti-Sceptical View’ no ano de 2009 em PRINCIPIA (vol. 13 pgs. 137-151),

acrescentando a aquiescência de Strawson face às críticas de Stroud e Walker, e tentando a partir daí não apenas reabilitar Strawson e seu realismo metafísico, mas também oferecer rudimentos para construir uma alternativa epistemológica à postura cética.

As pesquisas sobre Kant e o ceticismo, que se estendem e se renovam desde a elaboração da tese de doutorado em Londres têm sido até hoje fontes de publicações, palestras e orientações, como já foi mostrarei no capítulo seguinte deste memorial. Abaixo também incluo as publicações sobre temas específicos da filosofia kantiana que só indiretamente têm a ver com a questão do ceticismo. Assim sendo, no que considero meu melhor artigo, intitulado

‘Refuting Kant’s Refutation’, publicado em 1995 pela IDEALISTIC STUDIES (Worcester, Massachusetts, vol. 25, n. 1, pgs. 93-106),

examino a famosa prova *Refutação do Idealismo* na *Crítica da Razão Pura* de Kant, procurando mostrar que o argumento de Kant depende de uma compreensão clara do que ele entende por *permanente na substância*, que desempenha um papel crucial não apenas

na construção do idealismo transcendental, mas também em sua estratégia anti-cética. Alguns anos depois retomei e aprofundei esses temas no capítulo

‘Kant e a Refutação do idealismo Material’, do livro *Ceticismo, Perspectivas Históricas e Filosóficas*, organizado por Luiz Henrique Dutra e Plínio Smith, publicado no ano 2000 pela EDUFSC.

Recentemente, no capítulo

‘Kant e o Problema do Ceticismo na *Crítica da Razão Pura*’, do livro *Comentários às Obras de Kant (Crítica da Razão Pura)*, publicado em 2012 pelo NEFIPO,

retomei algumas questões relacionadas à filosofia transcendental em geral e sua eficácia em relação ao ceticismo, principalmente no que diz respeito à Dedução Transcendental e também à Refutação do Idealismo mais uma vez.

As pesquisas sobre o papel da Dedução Transcendental, tanto para a filosofia transcendental em particular como para a resposta kantiana ao ceticismo em geral, sempre estiveram presentes. Logo após o término do doutorado, publiquei

‘The Kantian *I think*, the Cartesian Soul and the Humean Mind’, em PROCEEDINGS OF THE EIGHTH INTERNATIONAL KANT CONGRESS, de 1995, congresso realizado em Milwaukee (USA),

e também o resumo

‘Some Remarks on the B-Deduction’, nos anais do NONO COLÓQUIO DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA, em 1995, realizado em Águas de Lindóia,

em que examino as teses cartesianas, humeanas e kantianas acerca da razão. Procuo mostrar que a posição kantiana constitui-se num meio termo entre a visão cartesiana de uma razão substancial e a visão humeana da mente como um mero feixe de representações. Na Dedução Transcendental,, Kant apresenta os pressupostos a partir dos

quais só podemos pensar representações em conexão com o ‘eu penso’ enquanto uma operação lógica transcendental.

Em conformidade com minhas pesquisas sobre Kant, ceticismo e filosofia moderna em geral, elaborei e publiquei o livro

História da Filosofia III, no ano de 2009 pelo EAD/FILOSOFIA/UFSC (vol. 1 203 pgs.),

em que apresento e examino os principais argumentos de Descartes, Berkeley, Hume e Kant no que concerne à questão da verdade, do conhecimento e seus limites, assim como de outros temas clássicos da teoria do conhecimento na filosofia moderna como ‘representação’, ‘realidade’ e ‘método’. Além disso, o livro supra-citado também resulta das minhas pesquisas sobre o ceticismo em Hume, que me permitiram publicar o que considero minha segunda melhor publicação, a saber, o artigo

‘Hume and Reason’ no ano de 2001 em PRINCIPIA (vol. 4, n. 2 pgs. 277-304),

em que investigo como o conceito de razão em Hume pode nos auxiliar no esclarecimento de temas fundamentais de sua teoria do conhecimento, bem como suas críticas ao conceito de causalidade, da mente substancial e do próprio ceticismo *mitigado*. Assim, procuro destacar e interpretar algumas passagens, tanto da *Investigação* quanto do *Tratado*, nas quais Hume se refere à razão e ao seu papel na construção do conhecimento.

Com base nos estudos sobre a razão em Descartes, Hume e Kant, passei pouco a pouco a considerar as discussões contemporâneas sobre o estatuto da mente e de nossas capacidades cognitivas. Assim, fui pouco a pouco desenvolvendo estudos e pesquisas em filosofia da mente, que culminou com o convite para a tradução do capítulo

‘Mentes e Corpos’, do livro *Filosofia: textos fundamentais comentados*, publicado em 2010 pela Artmed.

Digo ‘culminou’ porque desde o início do século tenho me dedicado ao estudo de Wittgenstein em particular e da filosofia da linguagem em geral. Exemplo disso é a publicação do artigo

‘Contribuições de Wittgenstein à Epistemologia da Psicanálise’, no ano de 2003 pela NATUREZA HUMANA (vol. 5, n. 1 pgs. 59-93),

que também evoluiu e se aperfeiçoou após o estágio de curta duração em Salburg e Viena no mesmo ano, como aliás já me referi no capítulo anterior deste memorial. Igualmente, essa publicação, como o próprio título indica, é consequência dos meus estudos sistemáticos sobre Freud, que Wittgenstein tanto comentou em sua fase intermediária e final. Procuo mostrar as virtudes e também as limites da crítica do segundo ao primeiro, enfatizando a questão sobre a cientificidade da psicanálise. Mais exatamente, argumento que Wittgenstein, em seu esforço de mostrar que a psicanálise jamais pode ser vista como ciência, *malgré* Freud, acaba produzindo uma crítica bastante fértil à psicanálise, que se divide em três partes. Na primeira, Wittgenstein investiga o caráter mitológico das explicações psicanalíticas; na segunda, ele conclui que a validade de tais explicações é dependente, ao fim e ao cabo, do assentimento do paciente, o que as tornam incompatíveis com a suposta objetividade das abordagens científicas; e na terceira, Wittgenstein mostra a confusão freudiana entre razões e causa ou entre explicações baseadas em motivos e explicações causais.

Paralelamente às pesquisas nas área de teoria do conhecimento, filosofia moderna, filosofia da linguagem, filosofia da mente e epistemologia da psicanálise, após anos como professor de ensino superior na UFSC, passei também a considerar temas no campo da filosofia da educação, preocupado principalmente com o papel da filosofia no ensino médio. Pouco a pouco comecei a pesquisar as filosofias de Platão, Locke, Rousseau e Kant, principalmente no tocante às suas visões sobre a educação. Como resultado disso, pude escrever o livro

Fundamentos Filosóficos da Educação, junto com Delamar Dutra e Darlei Dall’Agnol, publicado pela EDUFSC em 2006, com várias reedições, a última das quais de 2010.

Nesse livro, analisamos as concepções de Platão e Wittgenstein sobre a educação, privilegiando suas considerações sobre a educação matemática. Ao mesmo tempo, a concepção kantiana do conhecimento matemático é levado em conta, principalmente no que tange ao caráter a priori do mesmo.

Além disso, os estudos mais sistemáticos da filosofia platônica, desenvolvidos nos últimos 6 anos, permitiram-me reunir material escrito suficiente para elaborar um livro sobre Platão, que já mencionei anteriormente, intitulado

Platão e a Educação Filosófica, publicado em 2014 pela FILOSOFIA/EAD/UFSC, com 159 pgs.

Trata-se basicamente de um estudo da *República* e a tese central é a de que essa obra, embora possa muito bem ser estudada no âmbito da filosofia política, é antes de tudo uma obra sobre a educação e a preparação do filósofo, ou seja, é antes de tudo uma obra de filosofia de educação. O processo educacional platônico é caracterizado como um conjunto de métodos, estratégias e concepções unicamente a partir dos quais o eros é apaziguado pelo logos e pela coragem, e só a partir disso a alma justa pode ser trazida à baila.

Por fim, gostaria de retornar ao meu interesse inicial pela epistemologia e filosofia da ciência, ainda na época do mestrado. Jamais deixei de pesquisar e estudar temas clássicos da filosofia da ciência, como a distinção entre ciência e não ciência, o estatuto do conceito de verdade em ciência, o positivismo clássico e, depois, o positivismo do Círculo de Viena, bem como as críticas de Popper, Kuhn e Feyerabend ao método hipotético-dedutivo e aos compromissos empiristas do positivismo lógico. Com tais estudos e pesquisas, pude ministrar disciplinas na graduação e no pós-graduação. Assim, no ano de 1997, o programa de pós-graduação em Geografia da UFSC criou a disciplina de Epistemologia da Geografia, como única disciplina obrigatória do currículo. Com o interesse de manter meus estudos sobre o assunto, assim como de começar a realizar interfaces com outras áreas, passei a ministrar essa disciplina, elaborando textos para dar suporte às aulas e para facilitar a reflexão de alguns conceitos fundamentais da geografia, principalmente o conceito de espaço. Também me senti atraído para a geografia pelo fato de que Kant, cuja filosofia já me era bem familiar na época, é considerado o primeiro geógrafo moderno de relevância, influenciando as futuras discussões e teorias nessa área do conhecimento humano. Como consequência dessa interface com a geografia, que perdura ainda hoje, quase 18 anos depois, elaborei e publiquei o livro

Fundamentos Epistemológicos da Geografia, no ano de 2013, pela Editora UNIASSELVI (196 pgs.).

A estratégia geral do livro é apresentar e desenvolver uma história analítica da geografia moderna, desde Kant até hoje. Melhor dizendo, trata-se de uma análise dos principais argumentos, debates e teorias desenvolvidas na área da geografia, organizados cronologicamente e conectados entre si em função dos temas analisados. Em sendo, antes de tudo, uma obra filosófica, procuro suscitar reflexões sobre os fundamentos do conhecimento geográfico. Procuro levar em conta o pano de fundo filosófico de cada época. Um exemplo é o debate sobre a concepção de ciência face à reação da corrente romântica no início século XIX, o que leva Humbolt e Ritter, dois dos principais geógrafos do início do referido século, a possuírem visões mistas, com elementos do determinismo da época do Esclarecimento e, ao mesmo tempo, com elementos da ciência clássica e também do movimento romântico. Assim, não se trata de um catálogo de geógrafos ou de ideias, mas sim de um conjunto de abordagens das principais correntes da geografia a partir das ideias filosóficas que lhes dão sustentação.

2. Pesquisa Atual

A partir de Março de 2013, passei a desenvolver a pesquisa intitulada *A Estrutura de Prova da Dedução Transcendental*, no qual pretendo investigar não apenas as intenções gerais de Kant ao elaborar a Dedução Transcendental das Categorias na *Crítica da Razão Pura*, mas também a estrutura desse argumento e a sua importância para o idealismo transcendental como um todo. Essa preocupação se justifica na medida em que, principalmente a partir de Strawson, inúmeros comentadores de Kant passaram a ver a Dedução como uma prova anti-cética. Ao mesmo tempo, uma discussão centrada na Dedução pode evidenciar a própria natureza do idealismo transcendental, que se tornou uma das mais influentes doutrinas filosóficas posteriores a Kant.

Tem sido quase um lugar comum entre os comentadores de Kant a idéia de que a Dedução Transcendental das categorias pode ser dividida em duas partes principais, a primeira, composta dos parágrafos de 15 a 21, e a segunda, composta dos parágrafos de 22 a 26. Essa divisão parece ser encorajada pelo próprio Kant, pois no parágrafo 21 ele afirma que até então “um início é feito de uma *dedução dos conceitos puros do*

entendimento...”¹ o que sugere que um outro movimento, que começa no parágrafo 22, é adicionado ao argumento geral da Dedução. Apesar dessa divisão amplamente aceita, no entanto, há pouca concordância com respeito ao papel que essas partes desempenham. Neste projeto defenderemos uma interpretação segundo a qual a primeira parte será vista como o principal argumento da Dedução, a saber, que toda série de representações, para ser uma série, tem que apresentar uma certa unidade que está em última instância sujeita à unidade da apercepção. Tal unidade será caracterizada como combinando ou sintetizando representações de diferentes maneiras representadas a priori pelas categorias. Ao mesmo tempo, a segunda parte tratará da própria unidade da estrutura espaço-temporal enquanto produzida pela unidade da apercepção. Nesse sentido, esta última parte funcionará como um dispositivo por meio do qual podemos trazer os resultados da primeira a um ponto de vista idealista transcendental.

Levando em conta os resultados dessa análise, pretendo analisar algumas abordagens do papel desempenhado por essas duas partes da Dedução. Cito a seguir alguns exemplos. Contra Henrich, eu afirmarei que a primeira parte já mostra como o múltiplo das intuições é sintetizado e que é incorreto sustentar que apenas na segunda parte Kant trata de intuições não-sintetizadas. Contra Allison, eu discordarei de sua distinção entre as noções lógica e ‘forte’ de objeto. Ao mesmo tempo, eu me oporei ao ponto de vista de Strawson a respeito das intenções gerais da Dedução como um todo. Mais precisamente, eu argumentarei que, na *Dedução*, Kant não está argumentando que a experiência dos objetos distintos de nós ou dos nossos pensamentos é pré-condição da auto-atribuição de experiências; antes, Kant se esforça em mostrar que a unidade da apercepção é a pré-condição de toda a experiência, incluindo aquela de objetos distintos de nós. Por esta razão, eu criticarei a visão de Strawson de que a *Dedução* pode ser vista como um forte argumento anti-cético. Ela é, antes, um argumento destinado a estabelecer que a experiência só pode ser concebida como governada por leis. Assim considerada, a única importância anti-cética da Dedução residirá no fato de que, uma vez que a experiência é vista como necessariamente governada por leis, o cético não pode consistentemente supor que a experiência pode ser de outra maneira. Essa, porém, não é a intenção precípua de Kant na *Dedução*.

A Primeira Parte: A Unidade da Apercepção

Na primeira parte da *Dedução*, Kant introduz a noção de apercepção pura como unificador originário para a constituição de qualquer conjunto de representações. O argumento, em linhas gerais, considera o que poderia resultar se lidássemos com

¹ B 144.

representações enquanto um amontoado de elementos não conectados, independentes e sem qualquer coerência. A conclusão colimada por Kant é a de que elas jamais formariam uma sucessão, o que implica na impossibilidade mesma de termos representações no final das contas. Ora, tendo em vista que nossa experiência é sempre sucessiva, é necessário pressupor nela uma certa unidade. Se não levarmos essa pressuposição em conta, nossa concepção da experiência entra em colapso e, conseqüentemente, a própria concepção de representação deixa de fazer sentido. Dizer que as representações têm que pertencer à sucessão de minha experiência a fim de serem caracterizadas como tais é dizer que tais representações, devem pertencer a *mim*. Isso significa que a unidade de representações tem que ser pensada como logicamente precedendo essas mesmas representações.²

Assim, representações espalhadas e desconectadas entre si, tal como na abordagem de Hume da mente, comprometeria a própria idéia de representação, porque elas não mostrariam nenhuma unidade, nenhuma conexão e “não seriam nada para nós”.³ Representações não pertenceriam a qualquer experiência que eu pudesse possivelmente ter, e “conseqüentemente estariam sem objeto, meramente um *livre jogo* de representações, *muito menos que um sonho*”.⁴ Eu só posso estar consciente de uma representação unicamente na medida em que eu estiver consciente de tal representação como minha ou, nas palavras de Kant, somente na medida em que eu “tenha diante” de meus “olhos a identidade” desse ato.⁵

A Segunda Parte: A Unidade da Estrutura Espaço-temporal

Tendo estabelecido a unidade sintética da apercepção como condição necessária da experiência, Kant apresenta-nos a segunda parte da *Dedução*. O conhecimento empírico, é mostrado como "realmente fluindo" das categorias,⁶ i.e., que as categorias têm realidade objetiva, o que significa que elas "devem necessariamente se relacionar aos objetos".⁷ Essa leitura é confirmada pela abordagem kantiana da unidade do espaço e do tempo apresentada na *Estética Transcendental vis-à-vis* a unidade da apercepção

Permita-me apresentar brevemente esse argumento. De acordo com Kant, o ponto de conexão entre essas unidades é a faculdade de imaginação e sua capacidade de síntese. Uma vez que é por meio dela que represento "na intuição um objeto que não está presente

² B 132.

³ A 111 (o itálico é meu; cf. Ak. XI 52).

⁴ A 112 (o itálico é meu); cf. B 299 e Ak. XVIII 621.

⁵ A 108.

⁶ Cf. B 148, 150-1, *passim*.

⁷ B 121.

a nós", essa faculdade permite-nos formar a idéia de uma série de itens que ou precedem ou sucedem o item que está realmente presente num certo momento. Se assim é, sem a síntese da imaginação, nós jamais chegaríamos à conclusão de que o espaço e o tempo são intuições a priori. De acordo com a Estética Transcendental, o espaço e o tempo são considerados dessa forma porque, diferentemente dos conceitos, constituem-se como unidades que precedem as suas partes. Esse todo, no entanto, não é realmente dado na intuição como objeto. O que é realmente dado é, poderíamos dizer, uma porção do todo. Mas só podemos representar essa porção considerando-a como membro da série (ou membro do todo), i.e., considerando-a como estando em conexão com outros membros que a antecedem ou a sucedem. Ora, a partir dos resultados da primeira parte da *Dedução*, é possível dizer que a unidade da apercepção deve ser pensada como combinando ou conectando os itens de modo a constituir uma série *qua* série. Portanto, a unidade da ordenação espaço-temporal ela mesma deve ser pensada como sendo possível por intermédio da unidade da apercepção. Em vista disso, a segunda parte pode ser vista como dependente da primeira parte. Finalmente, uma vez que nenhum objeto perceptível (empírico) pode ser dado a nós a não ser na medida em que estiver submetido às formas do espaço e do tempo, qualquer cognição de objetos empíricos que possamos ter é, no final das contas, um produto do entendimento. Isso porque, como coloca Kant, "toda síntese, mesmo aquela através da qual a própria percepção é possível, depende das categorias... e [as categorias] portanto são válidas a priori para todos os objetos da experiência".⁸ Disso Kant infere que a *Dedução* argumenta em favor da legitimidade das categorias como conjunto necessário das regras constitutivas do nosso conhecimento empírico.

Existe uma grande controvérsia no que diz respeito a essas duas partes. Alguns comentadores como Walker, por exemplo, leem a *Dedução* através da teoria kantiana do juízo.⁹ Essa interpretação parece ser autorizada pelo próprio Kant.¹⁰ Ela faz com que Walker diminua a importância da segunda parte.¹¹ Outros sustentam que essa segunda parte é necessária porque ela contempla alguns pontos não cobertos pela primeira. Henrich, por exemplo, considera que o apelo de Kant à unidade da estrutura espaço-temporal é necessária porque, enquanto na primeira parte Kant lida com intuições já unificadas, na segunda parte ele lida com intuições que ainda não foram unificadas.¹²

⁸ B 161.

⁹ Cf. Walker 1978, capítulo VI.

¹⁰ Cf. Met., pg. 475n, Ak. II p. 376 e Ak. XX, pg. 271.

¹¹ De fato, Walker trata dessas duas partes mais explicitamente em um artigo posterior (cf. Walker 1985, pg. 23).

¹² Cf. Henrich 1969; cf. also Ameriks 1978, pg. 285.

Allison, por sua vez, argumenta que, enquanto a primeira parte lida com uma noção lógica de objeto, a segunda parte lida com uma noção 'forte' (*weighty*) de objeto.¹³

Considero tais interpretações da *Dedução* equivocadas. Pretendo com este projeto esmiuçar os seus equívocos e, em assim o fazendo, esclarecer e evidenciar o papel real da *Dedução* no corpo teórico da *Crítica da Razão Pura*. Sob o meu ponto de vista, a primeira parte desempenha um papel crucial. No entanto, se nos restringirmos a ela, poderemos estar sujeitos à seguinte objeção. Pode-se muito bem concordar que toda representação deva *se conformar* às categorias, mas disso não se segue que a unidade encontrada no objeto empírico seja *produzida* pela unidade da apercepção. É possível supor que os objetos se apresentem a nós com uma unidade pré-estabelecida que de algum modo se ajusta à unidade da apercepção, aproximando-nos da metafísica leibniziana. Isso transformaria a primeira parte da *Dedução* num mero reconhecimento de que toda unidade deva pressupor a unidade da apercepção. Se assim é, ainda há a possibilidade de que a sucessão dos objetos empíricos seja unificada por outros meios que não a unidade da apercepção, embora de algum modo a unidade do objeto acabe *correspondendo* à unidade da apercepção. Se a unidade da sucessão empírica fosse constituída independentemente das categorias, embora se ajustando a ela por mera coincidência, ainda é possível pensar que o objeto dos sentidos não é necessariamente regulado pelas categorias, i.e., que o objeto não é constituído por elas. Nesse caso, nós voltaríamos ao *realismo* transcendental, ou a doutrina de que os objetos são constituídos independentemente da nossa capacidade cognitiva. Se a realidade é vista como possuindo características independentes de nós, acabaremos por enfrentar o problema insolúvel de ajustá-la às nossas condições intelectuais. Com o propósito de impedir que tal dificuldade surja, Kant adiciona a segunda parte. Assim, Kant pode ser visto como defendendo que a verdade do idealismo transcendental, estabelecida na *Estética Transcendental*, tem que ser levada em conta se quisermos nos livrar do realismo transcendental de uma vez por todas.

Nesse sentido, a Segunda parte da *Dedução* sugere, em sintonia com a primeira, que a unidade da da sucessão de dados empíricos, como qualquer outra sucessão, está submetida à unidade da apercepção *precisamente porque* essa unidade, por meio das categorias, torna a própria unidade do espaço e do tempo possível. A unidade da apercepção se apresenta como constituindo a estrutura espaço-temporal unicamente no interior da qual os objetos dos nossos sentidos podem ser encontrados. Esse é o golpe de misericórdia no fenomenalismo. A noção de objeto empírico é necessariamente

¹³ Cf. Allison 1983, capítulo 7.

dependente das condições do entendimento, e não tão somente da sensibilidade. O objeto não é simplesmente apresentado a nós, como querem os fenomenalistas, unicamente a partir dos dados dos sentidos.¹⁴ Como Kant coloca, "a combinação não está nos objetos, e não pode ser tomada de empréstimo deles".¹⁵

Tendo em mente essas considerações, é oportuno mencionar que a ênfase de Kant no papel da unidade da apercepção aponta uma diferença importante entre a *Dedução* da primeira e a da segunda edição. Embora Kant indique a subordinação de todas as sínteses à unidade da apercepção na *Dedução-A*,¹⁶ ele não deixa claro se a unidade do objeto é ou não produzida pela unidade do entendimento. Nesse sentido, ele encoraja a visão de que o que é dado na sensibilidade já está unificado. A evidência para isso pode ser encontrada em sua insistência, especialmente na primeira edição da *Crítica da Razão Pura* como um todo, de que o fundamento das representações empíricas é algo = X (pois é desconhecido) ou, como ele próprio denomina, de *objeto transcendental*.¹⁷ O que é bastante problemático nessa noção é que um algo = X seja já chamado de *objeto* e, como tal, deva ser concebido como já possuindo algum tipo de unidade. Isso introduz a idéia de um objeto pré-conceitualizado, ou um objeto constituído logicamente antes do trabalho do entendimento. Entretanto, de acordo com Kant, um objeto só pode ser visto como o resultado do trabalho tanto da sensibilidade quanto do entendimento.¹⁸ É plausível, pois, afirmar que, devido a esse aspecto problemático, muitas das referências ao objeto transcendental são retiradas da segunda edição, e que o papel do entendimento como o elemento constituinte de qualquer tipo de unidade, mesmo aquela do espaço e do tempo, é adequadamente considerada e enfatizada na segunda parte.¹⁹ De fato, a *Dedução-B* refere-se ao que é dado nos sentidos como apenas um múltiplo da intuição à espera da atividade sintética do entendimento a fim de ser transformado em objeto de conhecimento. Somente mediante tal atividade é que o múltiplo é tornado *objetivo*.

A fortiori é equivocado afirmar, como faz Henrich, que na primeira parte da *Dedução-B* Kant lida com intuições que já foram sintetizadas, enquanto que na segunda

¹⁴ Cf. Henrich 1969, pg. 657.

¹⁵ B 134.

¹⁶ Cf. A 106-7.

¹⁷ Cf. A 109, 250 e B 236, 333, *passim*.

¹⁸ Cf. B 314.

¹⁹ A referência ao desaparecimento da concepção de objeto transcendental na *Dedução-B* é feita por Meyer, embora ele interprete a diferença entre as duas versões da *Dedução* muito diferentemente (Meyer 1992, pg. 218). Allison também nota esse ponto ao discutir a parte da *Crítica* chamada 'O Fundamento da Distinção de todos os Objetos em geral em Fenômeno e Númeno' (Allison 1983, pg. 246).

parte ele lida com intuições não sintetizadas.²⁰ Embora seja correto afirmar que a primeira estabelece que, se há unidade, então o unificador (a unidade da apercepção) deve ser pressuposto, não é correto omitir o fato de que isso é assim somente porque tal unidade é o que pela primeira vez forma a sucessão da experiência *qua* sucessão. Desse modo, pretendo mostrar que a primeira parte também lida com intuições ou representações não unificadas. Para Kant, intuições não unificadas, como já enfatizamos, "não são nada para mim". A idéia humeana de intuições não unificadas, ou um feixe de percepções, choca-se com a própria idéia de representação.

Da mesma forma, também temos que descartar a distinção de Henrich segundo a qual, enquanto a primeira parte mostra *que* todos os objetos da intuição estão submetidos às categorias, a segunda parte mostra *como* isso é assim.²¹ Embora Henrich corretamente nos aconselha a não confundir essa distinção com aquela entre as partes objetiva e subjetiva da *Dedução-A*, ele deixa de notar que, ao nos apresentar a unidade da apercepção, a primeira parte responde não apenas a questão do *que*, mas também a questão do *como*. É somente com base na primeira parte que Kant torna claro, na segunda parte, a dependência do nosso conhecimento empírico à unidade da apercepção. Em vista disso, é possível afirmar que Kant se refere à primeira parte como apenas um início da *Dedução*, pois o ponto de chegada tem que residir no conhecimento empírico, não no conhecimento em geral.

Também é incorreto afirmar, como faz Allison, que a diferença entre a primeira e segunda partes reside no fato de que elas lidam, respectivamente, com uma noção lógica e forte de objeto. Primeiramente, Kant não pode estar fazendo um uso meramente lógico da noção de objeto na primeira parte, pois a unidade da apercepção é apresentada como um unificador de *intuições* em geral. A noção kantiana de intuição (sensível), humana ou não, requer a presença imediata do objeto intuído.²² Além disso, a abordagem de Allison se enfraquece consideravelmente quando ele recorre a uma distinção linguística para fortalecer o seu ponto de vista. Ele afirma que Kant usa o termo *Objekt* no sentido lógico e o termo *Gegenstand* no sentido forte. No entanto, no parágrafo 17 - portanto, na primeira parte - Kant define um *Objekt* como um "espaço determinado", portanto usando esse termo não meramente num sentido lógico. Igualmente, numa nota de rodapé ao parágrafo 21, Kant afirma que a primeira parte da *Dedução* trata da "unidade da intuição pela qual

²⁰ Cf. Henrich 1969, pg. 645.

²¹ Kitcher parece indicar o mesmo ponto quando ela diz que, através do argumento do parágrafo 26, Kant pretende "realmente demonstrar um papel importante das categorias na cognição" (Kitcher 1990, pg. 164; o itálico é meu).

²² Cf. A 95.

um objeto (*Gegenstand* e não *Objekt*) como dado". Finalmente, no parágrafo 26 – portanto na segunda parte – Kant se refere à primeira parte como tendo provado a aplicação das categorias para "os objetos (*Gegenstände*) de uma intuição em geral". Assim sendo, a consideração linguística de Allison carece de suporte textual e compromete o seu ponto de vista geral sobre a *Dedução*.

Strawson e a *Dedução*: Ceticismo e Conhecimento Objetivo

Genericamente falando, o desafio cético consiste em requerer uma justificação a partir da qual podemos estar seguros de que os objetos sensíveis são independentes de nós. Na terminologia kantiana, o cético pode ser visto como investigando as bases filosóficas sobre as quais podemos estar justificados em ser realistas empíricos. Kant afirma que, enquanto o realismo transcendental conduz-nos ao idealismo empírico - ou a doutrina de que os objetos sensíveis nada são senão estados mentais -, o idealismo transcendental leva-nos ao realismo empírico, que é o ponto de vista segundo o qual os objetos do mundo empírico são independentes de nós.²³

Se levarmos em conta o que até agora foi dito, veremos que é equivocada a tese Strawsoniana de que a *Dedução* é um argumento dirigido contra uma forma de ceticismo. Para mostrarmos isso, vejamos o que o cético teria a dizer face à leitura que estou propondo da *Dedução*. Será que ele poderia consistentemente sugerir, de um modo humeano, que nossas mentes são meras coleções de percepções? Ora, como já foi indicado, uma vez que a eliminação de todos os tipos de conexões entre representações implica na negação da própria idéia de uma unidade entre elas, e uma vez que sem essa unidade as representações não poderiam ser consideradas como tais, segue-se que, de acordo com Kant, a idéia de uma coleção totalmente caótica de representações é incompatível com a própria idéia de representação. A pressuposição da unidade da apercepção é uma condição *sine qua non* para as representações serem representações para nós. Se a idéia de representações auto-subsistentes de objetos, i.e., representações que não são pensadas por mim, for admitida, o cético será sempre capaz de objetar a uma justificação do nosso conhecimento empírico. Isso porque ele pode recorrer à concepção realista transcendental do mundo exterior e supor que os objetos sejam previamente dados ou constituídos completamente à parte de nós, o que acabaria por comprometer a exigência idealista transcendental de que o objeto de conhecimento é um resultado da aplicação de nossas faculdades cognitivas.

²³ Cf. A 369-370.

Além disso, uma vez que a unidade da apercepção engendra diferentes tipos de unificação de representações, de acordo com certas regras expressas a priori pelas categorias, e uma vez que sem essas regras conceituais nenhuma sucessão, e portanto nenhum conhecimento, é possível, nosso conhecimento em geral tem que ser pensado como necessariamente regulado por leis. Se assim é, o cético não pode supor que nossa concepção do mundo exterior poderia ser diferente, ou que a realidade poderia muito bem ser governada por diferentes princípios ou regras de conexão (e.g., causalidade). Assim, não concordo com Ameriks, por exemplo, que interpreta a *Dedução* meramente como "um dispositivo sofisticado de análise conceitual", sem qualquer importância ao desafio cético.²⁴

O segundo problema que o cético pode levantar é mais complicado. Ele pode me fazer lembrar que, se estou sonhando, por exemplo, que um cavalo alado branco subitamente se torna vermelho e logo depois se transforma num centauro, e assim por diante, não obstante todas as outras possíveis variações, eu tenho ainda que pressupor que *eu* estou tendo essa experiência onírica, mesmo se eu não estiver a ciente de que estou sonhando. Que mesmo em nossos sonhos a unidade da apercepção esteja já pressuposta parece ser também a visão de Kant. Essa é uma leitura plausível da passagem já citada Segunda a qual, sem a unidade da apercepção, as representações seriam "menos do que um sonho".²⁵ É plausível dizer que uma série de imagens oníricas é não apenas compatível com a idéia da unidade da apercepção, mas também a pressupõe. Isso sugere que o cético pode aceitar a idéia de tal unidade mas ao mesmo tempo sustentar que a questão da justificação do nosso conhecimento tem ainda de ser respondida. O apelo de Kant ao idealismo transcendental na segunda parte da *Dedução* parece realizar tal tarefa, mas apenas sob a condição de que essa forma de idealismo já tenha sido anteriormente validada (na *Estética Transcendental*). Se isso é assim, então a *Dedução* não pode ser vista como um argumento dirigido contra o cético, a partir do qual se prova a realidade empírica dos objetos do nosso conhecimento, como o cético exige que façamos. Assim, se nos limitarmos somente à *Dedução*, sem considerar a abordagem acerca das bases do idealismo transcendental, o cético será capaz de conceder não apenas a necessidade da unidade da apercepção, mas também do caráter sistemático de nossa experiência sem conceder que essa experiência seja de um mundo exterior distinto de nossos pensamentos.

De acordo com a *Dedução* podemos dizer que, admitindo-se que o nosso conhecimento empírico é mais do que um conjunto de proposições que afirmam meros

²⁴ Cf. Ameriks 1978, pg. 273.

²⁵ A 112.

estados de consciência, i.e., admitindo-se os resultados da Estética Transcendental como válidos, segue-se que não há outro modo de conhecer os objetos da intuição sensível senão através das categorias. Temos que pensar um mundo distinto de nossos pensamentos se quisermos obter conhecimento dele, mas isso não significa necessariamente que o nosso conhecimento de um mundo distinto de nosso pensamento seja o caso. Mesmo em sonhos ou alucinações eu tenho que pensar entidades oníricas como centauros e cavalos alados como coisas que eu observo e considero como distinto de mim mesmo.

Assim, de posse apenas da *Dedução*, o máximo que podemos retirar do cético é um compromisso segundo o qual, *se* é o caso de que eu tenho experiência de um mundo exterior, eu preciso pensá-lo como governado por leis. Claramente, isso não é uma justificação do nosso conhecimento empírico. Ainda não foi provado que as representações empíricas apresentam o mundo exterior como tal, i.e., se podemos ser realistas empíricos. Um outro passo tem que ser dado a fim de neutralizar o assalto cético, qual seja, o de mostrar que o que se apresenta a nós nos sentidos é de fato independente de nós.

O meu ponto não é que a *Dedução fracassa* contra o cético; o meu ponto, antes, é que ela não é concebida por Kant como desempenhando o papel anti-cético que alguns de seus comentadores procuram evidenciar. Essa tese é equivocada não apenas porque em nenhum lugar da *Dedução* Kant a formula; ela é equivocada também porque a tarefa de neutralizar o cético é realizada na Refutação, onde Kant explicitamente afirma as suas intenções em relação aos pontos de vista Berkeleyano e Cartesiano. Contrariamente ao que Strawson e outros defendem, sustento que Kant não está procurando provar que a unidade da apercepção somente é possível mediante a pressuposição da existência de um mundo exterior.²⁶ Na verdade, Kant se esforça em elaborar uma prova meramente da validade objetiva das categorias, i.e., a sua aplicabilidade a objetos, e por meio disso de dar um passo fundamental em direção à determinação das condições a priori discursivas da experiência através do restante da Analítica Transcendental.

Permita-nos explicitar esse ponto. Strawson afirma que a unidade da apercepção requer que concebamos objetos no sentido forte. Em suas próprias palavras, a unidade "de diversas experiências numa única consciência requer experiência de objetos".²⁷ No entanto, de acordo com a minha interpretação da segunda parte da *Dedução*, essa unidade é antes pressuposta, e não estabelecida ao pensarmos objetos no sentido forte. Parece,

²⁶ Cf. Strawson 1966, pg. 98, *passim*; Bennett 1966, pg. 131; Wolff 1963, pg. 277; e Patten 1976, pg. 556, *et allia*.

²⁷ Strawson 1966, pg. 98.

então, que Walker está correto quando ele diz que Strawson inverte a linha mestra geral da *Dedução*. O que Strawson toma como conclusão é, de fato, uma premissa, isto é, que temos experiência de objetos no sentido forte.²⁸ Além do mais, mesmo que admitamos a inversão de Strawson, ainda somos obrigados a objetar à sua abordagem, pois ela não considera a unidade da apercepção como unidade da atividade pensante, mas como a unidade do sujeito, ou "a simples consciência".²⁹ Se assim é, e uma vez que ele rejeita a abordagem kantiana do sujeito transcendental, Strawson parece estar falando da auto-consciência empírica. Isso, porém, é um grande equívoco e Kant mesmo toma cuidado em distinguir a auto-consciência pura da empírica. Como diz Bird, o ponto de vista de Strawson "sugere uma construção empirista da identidade transcendental que é bastante estrangeira à posição de Kant na *Dedução*...".³⁰

Assim, pretendo mostrar que Strawson e outros concebem uma tarefa à *Dedução* que é muito mais forte do que aquela efetivamente mostrada por Kant. A interpretação de Strawson requer que levemos em conta muito mais do que a *Dedução* propriamente dita. Para avaliá-la adequadamente, é necessário que persigamos essas questões mais além na 'Analítica dos Princípios', especialmente na *Refutação do Idealismo*. Comprimir as intenções de Kant na *Crítica da Razão Pura* como um todo dentro da *Dedução* pode transformar o restante da *Crítica* num mero exercício de análise conceitual. Curiosamente, o próprio Strawson deixa essa possibilidade em aberto quando, após estabelecer a tese da objetividade, ele afirma que "a noção de objetividade não é claramente afirmada até que os *Princípios* sejam alcançados. É necessário antecipá-los..."³¹

Bibliografia

- Allison, H. (1983): *Kant's Transcendental Idealism*, New Haven: Yale University Press.
 Ameriks, K. (1992): 'Kantian Idealism Today', *History of Philosophy Quarterly*, 9, pp. 329-342.
 _____ (1982): *Kant's Theory of Mind*, Oxford: Clarendon.
 _____ (1978): 'Kant's Transcendental Deduction as a Regressive Argument', *Kantstudien* 69, pp. 273- 287.
 Bennett, J. (1966): *Kant's Analytic*, Cambridge: Cambridge University Press.
 Bermudez, J.L. (1994): 'The Unity of Apperception in the *Critique of Pure Reason*', *European Journal of Philosophy*, 2, pp. 213-240.
 Bird, G. (1974): 'Recent Interpretations of Kant's Transcendental Deduction', *Kantstudien* (65), pp. 1-14.

²⁸ Cf. Walker 1978, pg. 76.

²⁹ Strawson 1966, pg. 97.

³⁰ Bird 1974, pg. 12.

³¹ Strawson 1966, pg. 98n.

- Förster, E. (ed.) (1989): *Kant's Transcendental Deductions: The Three 'Critiques' and the 'Opus Postumum'*, Stanford: Stanford University Press.
- Franciotti, M.A. (1994a): 'The Philosophy of Time', *Manuscrito*, **17** n. 2, pp. 135-158.
- _____ (1994b): 'Transcendental Idealism and Phenomenalism', *Critica*, **16** n. 78, pp. 73-95.
- _____ (1995): 'The Kantian *I think*, the Cartesian Soul and the Humean Mind, in Robinson 1995, pp. 207-215.
- Freydelberg B. (1995); 'Concerning *Synthesis of Understanding* in the B Deduction', in Robinson 1995, pp. 287-294.
- Henrich, D.(1989): 'Kant's Notion of a Deduction and the Methodological Background of the First *Critique*', in Förster 1989, pp. 29-46.
- Johnson, D. J. (1995): 'Kant's Two-Step B Deduction', in Robinson 1995, pp. 295-302.
- Kant, I (1983): *What Real Progress Has Metaphysics Made in Germany since the Time of Leibniz and Wolff*, New York: Abaris Books (abbreviated R.P.).
- Kitcher, P. (1990): *Kant's Transcendental Psychology*, Oxford: Oxford University Press.
- _____ (1990): *Critique of Pure Reason*, London: Macmillan (translated by N. K. Smith)
- Körner, S. (1984): *Kant*, Middlesex: Penguin.
- Paton, H.G. (1936): *Kant's Metaphysics of Experience*, New York: Macmillan.
- Patten, S.C. (1976): 'An Anti-Sceptical Argument at the Deduction', *Kantstudien*, **67**, pp. 550-569.
- Pich, C. (1995): 'Self-Referentiality in Kant's Transcendental Philosophy', in Robinson 1995, pp. 259-268.
- Pippin, R. (1982): *Kant's Theory of Form*, New Haven: Yale University Press.
- Robinson, H. (ed.) (1995): *Proceedings of the Eighth International Kant Congress*, Memphis, Milwaukee (WI): Marquette University Press, vol. II, part I.
- Strawson, P. F. (1966): *The Bounds of Sense*, London, Methuen
- Walker, R. (1978): *Kant*, London: Routledge.
- Wolff, R.P. (1963): *Kant's Theory of Mental Activity*, Cambridge: Mass., Harvard Un. Press.

Capítulo 3

Administração e Extensão

1. Administração no Departamento de Filosofia da UFSC

Com o intuito de evitar que este memorial se torne desnecessariamente extenso, vou listar as atividades administrativas mais importantes desde 1986, quando ingressei no magistério superior na UFSC, até o presente. Logo após, irei apresentar de modo mais detido e comentado aquelas que considero mais marcantes na minha vida profissional.

As atividades mais importantes do período foram:

Coordenador de Extensão do Departamento de Filosofia (de 04/90 a 11/1990);
Coordenador de Pesquisa do Departamento de Filosofia (de 04/90 a 11/1990);
Presidente do Colegiado do Curso de Graduação em Filosofia (de 08/99 a 08/2003);
Chefe do Departamento de Filosofia (de 08/99 a 08/2003);
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (de 10/2003 a 09/2007);
Representante dos Coordenadores de Pós-Graduação do CFH na Câmara de Pós-Graduação da UFSC (de 09/2003 a 10/2005)
Subcoordenador do Curso de Graduação em Filosofia (de 04/2007 a 03/2009);
Coordenador de Estágios do Departamento de Filosofia (de 03/2011 a 11/2011);
Coordenador do Curso de Licenciatura em Filosofia a Distância (de 04/2008 até o presente).

Uma das atividades administrativas mais marcantes na minha profissional na UFSC foi, obviamente, a

Chefia do Departamento de Filosofia,

durante os anos de 1999 a 2003. Como na época o chefe também acumulava a coordenação de curso, no mesmo período exerci também a

Presidência do Colegiado do Curso de Graduação em Filosofia,

antiga designação para o coordenador de curso.

O motivo inicial de aceitar o cargo foi puramente formal: como o departamento investiu em mim durante os 5 anos que passei em Londres fazendo meu doutorado, percebi que havia chegado a hora de retribuir aos colegas, tendo em vista que muitos estavam ou terminando seus doutorados, ou preparando seus afastamentos para tanto. A experiência foi surpreendente. Se antes eu abominava a burocracia e demonizava os burocratas, agora percebia o quanto era importante haver procedimentos burocráticos em qualquer instituição. Assim, tratou-se sem dúvida de um importante aprendizado: a chefia e a coordenação permitiram-me encarar a universidade, com todas as suas virtudes e vícios, de um modo totalmente diferente. Passei a ver os motivos pelos quais acabamos instituindo regras e protocolos, assim como uma certa hierarquia que ainda era possível observar nas instâncias superiores da UFSC, principalmente nas pró-reitorias e na reitoria. Concluí que há sempre possibilidade de aperfeiçoar essas regras e protocolos de modo a fazê-las trabalhar em benefício de nossos ideais acadêmicos e de nossa vocação ao saber.

A experiência foi tão positiva que, no ano de 2003, pouco depois de terminar meu segundo mandato como chefe e coordenador da graduação, aceitei ser

coordenador do programa de pós-graduação em filosofia,

que ajudei a criar. Esse trabalho administrativo ocorreu durante os anos de 2003 a 2007 e foi um período marcado pela solidificação do nosso curso de mestrado. Além disso, procurei também incentivar a preparação e consecução do curso de doutorado, que começou a funcionar no final do meu segundo mandato.

No meu primeiro mandato, fui também

Representante dos Coordenadores de Pós-Graduação do CFH na Câmara de Pós Graduação da UFSC,

o que me permitiu pela primeira vez conhecer de perto as instâncias superiores, seu funcionamento e vantagens para a vida universitária e acadêmica. Tive igualmente a oportunidade de contatar colegas da UFSC com visões bem diferentes do mundo acadêmico. Nas discussões que ocorriam durante as reuniões da Câmara, pude não apenas conhecer argumentos de profissionais das mais diversas áreas do conhecimento, mas também colaborar com as minhas visões e enriquecer o debate.

Paralelamente a essas obrigações burocráticas, fui me interessando pouco a pouco pela nova modalidade de ensino que se apresentava à realidade universitária brasileira: o ensino a distância. Inicialmente o vi com preconceito, imaginando tratar-se de cursos de pouca qualidade visando a atender não as nossas ambições acadêmicas mas sim as pressões do mercado ou a produzir números favoráveis ao governo federal sobre a educação superior no país. As primeiras experiências como professor de vários cursos de especialização e de graduação na UFSC, como os de física, biologia e matemática, permitiram-me mudar totalmente de visão com respeito ao curso a distância. Assim, a partir do ano de 2005, juntamente com os colegas Darlei Dall'Agnol e Delamar Volpato Dutra, comecei a elaborar um projeto para o curso de licenciatura em filosofia a distância da UFSC. Conseguimos aprovação do mesmo junto ao MEC em 2007 e o curso começou a funcionar em Março de 2008. Trata-se do primeiro curso dessa modalidade no país, e passei a ser o

Coordenador do curso de licenciatura em filosofia a distância da UFSC,

desde o seu início até a presente data.

Vale notar que os benefícios do curso a distância tem sido notáveis para o Departamento de Filosofia da UFSC. Através dele, conseguimos 3 novas vagas de professores, o que não ocorria no departamento desde a década de 80. Também conseguimos adquirir equipamentos de informática de modo a atualizar os computadores das salas de professores. Como se não bastasse, conseguimos espaço físico e uma nova funcionária técnico-administrativa. Todas essas conquistas nos valeram uma avaliação notas 4 (referente ao departamento e ao *campus*) e 5 (referente ao polo de Pato Branco)

dos examinadores da CAPES da primeira edição do curso em 2012. Agora já estamos no último ano da segunda edição e preparando a terceira, que deverá ter início no primeiro semestre de 2016.

Mais do que ao meu esforço individual como coordenador, o sucesso do curso e as vantagens acima descritas se devem ao coletivo do departamento de filosofia da UFSC, com suas pesquisas aprofundadas nas suas respectivas áreas de especialidade na filosofia e com suas aulas de qualidade indiscutível, atestadas por alunos e colegas da UFSC e de outras universidades.

2. Participações em bancas de concurso público para o magistério superior

Tal como fiz com as atividades administrativas, selecionei abaixo as principais atividades de extensão, compostas de participações em bancas de concurso e de trabalhos de conclusão, assim como conferências e palestras proferidas ao longo do período de 1986 a 2014. Uma visão mais geral pode ser encontrada no meu Lattes, mas sem dúvida as principais atividades, em especial aquelas mais representativas da evolução das minhas pesquisas especificadas no capítulo anterior, são essas encontradas abaixo.

- Problemas Metafísicos, UNIOESTE, 1997, com Gustavo Caponi e Luiz Henrique Dutra;
- Professor Adjunto em Epistemologia, UFSC, 1997, com Alberto Cupani e Luiz Henrique Dutra;
- Professor Adjunto em Estética, UFSC, 1999, com Celso Braidia e Marcos José Muller;
- Professor Adjunto em Epistemologia, UFSC, 2006, com Luiz Henrique Dutra e Danilo Marcondes de Souza;
- Professor de Metafísica, UNIOESTE, 2007;
- Professor de Filosofia da Educação, UFSC, 2009, com Selvino Assmann e Jair Bombassaro;
- Professor de Filosofia Moderna, UFSC, 2010, com Celso Braidia e
- Professor do Magistério Superior, UFFS, 2012, com Rogério Correa, Márcio Soares, e José Konzen;
- Professor de Epistemologia, UFSC, 2013, com Décio Krause e Guido Imaguire;
- Professor de Epistemologia, UFSC, 2015, com Cezar Mortari e Sílvio Chibeni.

3 Participação em Bancas de Trabalhos de Conclusão

Dissertações de Mestrado

- FRANCIOTTI, Marco Antonio;** DUTRA, D. J. V.; CUPANI, A. Participação em banca de Gigi Anne Horbatiuk Sedor. A Noção de Mundo Científico como instrumento epistemológico conforme Thomas Kuhn. 1999. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- FRANCIOTTI, Marco Antonio;** SILVA, F. L. E.; ALBIERI, S.; DUTRA, L. H. Participação em banca de Jaimir Conte. Berkeley e o Ceticismo. 1999. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- FRANCIOTTI, Marco Antonio;** ALBIERI, S.; VIEIRA, P.; CUPANI, A. Participação em banca de Brena Paula Magno Fernandes. Popper e Hayek e a questão da unidade da ciência. 2000. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- FRANCIOTTI, Marco Antonio;** DUTRA, D. J. V.; BRAIDA, C. R.. Participação em banca de João Antônio Ferrer Guimarães. Idéia e Verdade: uma Chave para a Compreensão da Fundamentação da Ciência Cartesiana. 2002. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- FRANCIOTTI, Marco Antonio;** DUTRA, D. J. V.; KLAUDAT, A.. Participação em banca de Arturo Fatturi. Wittgenstein: Filosofia, Regras e Linguagem. 2002. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- FRANCIOTTI, Marco Antonio;** DUTRA, D. J. V.; ALBIERI, S. Participação em banca de Lucas Andrade Silva. O Primeiro Princípio da Filosofia de David Hume. 2002. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- FRANCIOTTI, Marco Antonio;** ALBIERI, S.; Dutra, J. V. Participação em banca de Marlei Grolli. A Teoria Humeana da Identidade Pessoal. 2002. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- FRANCIOTTI, Marco Antonio;** DRUCKER, C.; BORGES, M. L.. Participação em banca de Lurdes de Vargas Schio. A Concepção de Substância em Locke. 2003. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- FRANCIOTTI, Marco Antonio.** Participação em banca de Humberto Pessoa Filho. Conhecimento e Felicidade: uma Crítica ao Pragmatismo a partir de um Estudo do Papel da Ciência no Projeto Ético-Social de John Dewey. 2004. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- FRANCIOTTI, Marco Antonio.** Participação em banca de Manuela Bastos Arantes. O

Realismo Modal de David K. Lewis e suas Implicações Epistêmicas. 2004. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

FRANCIOTTI, Marco Antonio.; DALL'AGNOI, D.; CUTER, J. V.; DUTRA, D. J. V. Participação em banca de Marciano Adílio Spica. As Relações entre Ética e Ciência no tractatus de Wittgenstein. 2005. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

FRANCIOTTI, Marco Antonio.; BRAIDA, C. R.; BORIS, G. D. J. B.; HEBECHE, L. A. Participação em banca de Rosane Lorena Granzotto. Gênese e Construção da Filosofia da Gestalt na Gestalt-Terapia. 2005. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

FRANCIOTTI, Marco Antonio.; ALBIERI, S.; NETO, J. R.; DUTRA, L. H. Participação em banca de Flávio Zimmermann. Ceticismo e Certeza em René Descartes. 2005. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

FRANCIOTTI, Marco Antonio. Participação em banca de Leandro Carlos Ody. Teoria e História na Geologia. 2005. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

FRANCIOTTI, Marco Antonio. ; DUTRA, L. H.; Almeida, C.; Burdzinski, J. C. Participação em banca de Claudemir Aparecido Lopes. Teorias da Justificação do Conhecimento: uma análise do confiabilismo de Alvin Godman. 2006. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

FRANCIOTTI, Marco Antonio. ; DALL'AGNOL, D.; DUTRA, D. J. V.; DIAS, M. C.; PINZANI, A. Participação em banca de Franciele Bete Petry. Sobre a possibilidade do cognitivismo moral nas *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein. 2007. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

FRANCIOTTI, Marco Antonio.; FIGUEIREDO, V.; PINZANI, A.; DUTRA, D. J. V. Participação em banca de Leandro Marcelo Cisneros. O juízo reflexionante estético: uma das vias necessárias para atingir a liberdade política. 2007. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

FRANCIOTTI, Marco Antonio.; BOMBASSARO, L. C.B; MULLER-GRANZOTTO, M. J.; CAPONI, G. A.. Participação em banca de Éden Grei Côrtes Artiaga. Sobre os Fundamentos da Metapsicologia. 2009. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

- CUPANI, A. O.; BARRA, E. S. O.; LUZ, A. M.; CAPONI, G. A.; **FRANCIOTTI, Marco Antonio**. Participação em banca de Daniel Caon Alves. Análise e crítica do conceito de ciência normal de Thomas Kuhn e sua filosofia da ciência de viés histórico. 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- Dutra, L. H.; CUPANI, A. O.; MORTARI, C. A.; MATOS, J. C. M.; **FRANCIOTTI, Marco Antonio**. Participação em banca de Tiago Mathyas Ferrador. O projeto epistemológico de Bas Van Fraassen: empirismo construtivo, epistemologia e empirismo estrutural. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- DRUCKER, C.; WU, R.; **FRANCIOTTI, Marco Antonio**; VALENTIM, M. A.; BORGES, M. L.. Participação em banca de Diogo Campos da Silva. Ser, Objetividade, Posição: Um estudo heideggeriano da Crítica da Razão Pura. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- BARBOZA, J.; **FRANCIOTTI, Marco Antonio**; DUTRA, D. J. V.; MARQUES, U. R. A.; DRUCKER, C.. Participação em banca de Leandro José Rocha. Reflexões referentes à relação alma, ânimo e prazer nos juízos estéticos de Kant. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- FRANCIOTTI, Marco Antonio**. ; ALMEIDA, N. E.; SANTOS, L. R.; MONTENEGRO, M. A. P. Participação em banca de Pedro Mascarenhas Baratieri. Dialética, Diálogo e Retórica: uma Leitura do Fedro. 2014. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- FRANCIOTTI, Marco Antonio**. ; ALMEIDA, N. E.; BRAIDA, C. R.; BORGES, A. P. Participação em banca de Jean Carlos Herpich. Estudo sobre o Crátilo de Platão: a primazia da questão ontológica e a crítica ao uso das etimologias. 2014. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

Teses de Doutorado

- FRANCIOTTI, Marco Antonio**. Participação em banca de Ercy Soar Filho. Para que Terapia? Estudo Interdisciplinar sobre o Self Contemporâneo. 2005. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- DALLAGNOL, D.; MORTARI, C. A.; Marques, E. R.; **FRANCIOTTI, Marco Antonio**; CASANAVE, A. L.. Participação em banca de Eduardo Neves. O paradoxo de Moore. 2008. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal

de Santa Catarina.

FRANCIOTTI, Marco Antonio; DUTRA, D. J. V.; PINZANI, A.; LIMONGI, M. I.; FRATESCHI, Y.; HEBECHE, L. A.; ADVERSE, H. M.. Participação em banca de Clóvis Brondani. A Ética e a Política em Hobbes. 2012. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

FRANCIOTTI, Marco Antonio. ; MULLER, M. J.; WU, R., BRAIDA, C. R.; ALMEIDA, N. E. TOURINHO, D. C.; PORTA, M. A. G.; DRUCKER, C. P. Presentificação de fantasia na fenomenologia de Husserl. 2013. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

FRANCIOTTI, Marco Antonio. ; MULLER, M. J.; DUTRA, L. H.; BRAIDA, C. R.; SIMANKE, R. T.; MOUTINHO, L. D. S. Corpo, natureza, carne: Merleau-Ponty e a reabilitação do naturalismo freudiano. 2014. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

4. Comunicações, Seminários e Palestras em Eventos e Congressos

Ciclo de 8 Conferências sobre Lógica Formal no programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC/SP, São Paulo, 1985.

Palestra ‘O Método Analítico e a Filosofia Transcendental de Kant’, CLE/UNICAMP, Campinas, 1985.

Conferência ‘Revisitando alguns conceitos kantianos’, Encontro nacional de Filosofia (SEAF), Florianópolis, 1987.

Palestra ‘Filosofia da Ciência’, no Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis, 1990.

Conferência ‘Filosofia, Conhecimento, Realismo’, UFPr, Curitiba, 1995.

Conferência ‘O Realismo Empírico de Kant’, III Encontro de Filosofia Analítica, Florianópolis, 1995.

Palestra ‘Razão e Instintos no Ceticismo de Hume’, I Simpósio de Filosofia, Toledo, 1996.

Palestra ‘The Role of Reason in Hume’s Epistemology’, IV Encontro de Filosofia Analítica, Florianópolis, 1997.

Comunicação ‘O jogo de Duvidar’, VIII Encontro Nacional de Filosofia (ANPOF), UNICAMP, Campinas, 1998.

Conferência ‘The Doubting game’, Ciclo de Conferência sobre o Ceticismo, Programa de

- Pós-Graduação em Filosofia da UFSM, Santa Maria, 1998.
- Conferência ‘O Ceticismo Moderno’, Colóquio ‘Ceticismo: Perspectivas Históricas e Filosóficas’, Departamento de Filosofia da UFPPr, Curitiba, 1999.
- Palestra ‘Ludwig Wittgenstein e a natureza da linguagem’, Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFSC, Florianópolis, 1999.
- Palestra ‘Kant and Scepticism’, I Simpósio Internacional *Principia*, Florianópolis, 1999.
- Conferência ‘Wittgenstein e o fim da metafísica’, Escola Brasileira de Psicanálise SC, Florianópolis, 2000.
- Palestra ‘Freud e Wittgenstein’, II Simpósio Internacional *Principia*, Florianópolis, 2001.
- Palestra ‘O declínio do modelo clássico de ciência’, Programa de pós-Graduação em Psicologia da UFSC, Florianópolis, 2001.
- Conferência ‘Wittgenstein, Freud e a epistemologia da psicologia’, I Colóquio de Epistemologia da Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2002.
- Conferência ‘Psicanálise e Conhecimento’, Colóquio Questões Atuais em Metafísica, Pós-Graduação em Literatura UFSC, Florianópolis, 2004.
- Palestra ‘A Pulsão de Morte e a Metafísica’, IV Simpósio Internacional *Principia*, Florianópolis, 2005.
- Conferência ‘Wittgenstein leitor de Freud’, X Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea da UNIOESTE, Toledo, 2005.
- Conferência ‘Razão e Ceticismo’, Colóquio Naturalismo e Filosofia em David Hume, Departamento de Filosofia UFRGS, Porto Alegre, 2007.
- Palestra ‘Filosofia e Matemática’, Departamento de Filosofia da UFSC, Florianópolis, 2008.
- Conferência ‘Ceticismo e Idealismo em Kant’, II Colóquio de Filosofia da UFFS: Temas de Epistemologia e Metafísica, Departamento de Filosofia da UFFS, Erechim, 2012.

5. O LABFIL (Laboratório de Filosofia)

Desde o meu retorno do doutorado em Londres cultivei um interesse crescente pela questão do acesso ao conhecimento em geral e à filosofia em particular. Esse interesse culminou numa releitura do *Mênon* de Platão. Ao fim e ao cabo, dei-me conta de que a questão desse diálogo é mais ampla: não se trata *apenas* de responder se é possível ensinar a virtude, mas sim se é possível ensinar qualquer coisa. Será que podemos ensinar? O que é ensinar, como ensinar? O *Mênon* é, assim, um diálogo não

apenas sobre Ética, mas também sobre filosofia da educação. Além disso, na discussão mais ampla sobre o Ensino Médio, como é ensinar filosofia a pessoas de diferentes idades?

Todas essas questões levaram-me a propor um laboratório de divulgação do conhecimento filosófico, isto é, o LABFIL. Aqui devo fazer um esclarecimento importante: ‘divulgar’ significa levar ao público o conhecimento filosófico. Jamais pretendi com isso destituir a filosofia de seu rigor e excelência. Trata-se de apresentar conceitos importantes de alguns dos principais filósofos de um modo acessível, embora mantendo sua riqueza argumentativa.

As atividades do LABFIL desenvolveram-se a partir do ano de 2005 até 2007, com uma carga horária semanal de 10 horas. Basicamente, procurei enquanto coordenador elaborar uma página da internet em que pudesse disponibilizar recursos áudio-visuais nas mais diversas áreas do conhecimento filosófico. Essa página passou a se chamar de

Portal da Filosofia

www.portalfil.ufsc.br

O site se subdivide em:

Textos de Filosofia www.portalfil.ufsc.br/textos.htm

em que disponibilizo artigos especializados, traduções (feitas por mim e alguns colegas) e partes de obras filosóficas;

Vídeos de Filosofia www.portalfil.ufsc.br/temas.htm

em que disponibilizo trechos de filmes que inspiram a reflexão de problemas filosóficos, trechos de documentários sobre temas filosóficos e científicos, palestras e mesas redondas realizadas por mim e pelos colegas do Departamento de Filosofia da UFSC, assim como alguns vídeos encontrados na internet sobre alguns dos principais filósofos da história da filosofia;

Entrevista com os professores www.portalfil.ufsc.br/entrevistas.htm

em que disponibilizo entrevistas de 10 a 15 minutos com os colegas comentando problemas fundamentais de suas respectivas especialidades filosóficas; e, finalmente,

Texto Interativo www.portalfil.ufsc.br/interativo.html

em que apresento em tom narrativo alguns dos principais conceitos de áreas selecionadas do conhecimento filosófico, inserindo links com recursos áudio-visuais em passagens pertinentes.

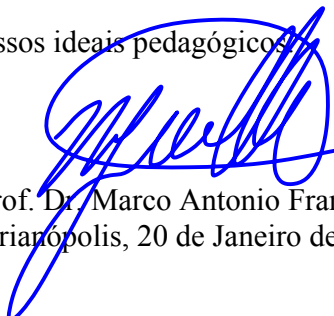
Essa experiência foi bastante proveitosa e tem servido, entre outras coisas, para divulgar o Departamento de Filosofia da UFSC para o grande público de usuários da internet interessados em materiais acadêmicos de qualidade. Além disso, o *Portal de Filosofia* tem colaborado para a realização da requerida capilaridade em relação não apenas a outros cursos de filosofia no Brasil mas também à comunidade em geral, um dos quesitos importantes nas avaliações dos programas de pós-graduação no Brasil.

Com a criação do Curso de Licenciatura em Filosofia a Distância, que começou a funcionar em 2008, passamos a utilizar mais a plataforma do moodle com interesses mais específicos voltados à formação dos nossos alunos. Mas o *Portal de Filosofia* continua a auxiliar estudantes e amantes da filosofia em língua portuguesa a se familiarizarem com o conhecimento filosófico.

Considerações Finais

O presente memorial foi elaborado para atender aos requisitos da ascensão funcional para professor titular de carreira do magistério superior na UFSC. Sua elaboração propiciou-me a valiosa experiência de retomar as conquistas acadêmicas realizadas e posicioná-las na linha do tempo de modo trazer à baila a unidade e a evolução do meu trabalho profissional. É importante mais uma vez mencionar que várias atividades foram deixadas de fora, muitas das quais poderão sem dúvida ser encontradas no meu currículo Lattes. Preferi privilegiar aquelas a partir das quais meu perfil profissional pudesse se evidenciar mais claramente. Um exemplo disso é a elaboração do capítulo 3, mais especificamente nas seções sobre a extensão. Procurei privilegiar palestras, conferências, participação em eventos filosóficos, bancas de mestrado e doutorado e bancas de concurso que estivessem mais diretamente ligadas às atividades de pesquisa e à produção bibliográfica apresentadas no capítulo 2. Isso quer dizer que várias participações nesses tipos de atividades foram omitidas, para evitar uma extensão desnecessária deste memorial. E mesmo no capítulo 2, várias pesquisas também foram deixadas de lado, principalmente aquelas realizadas informalmente, ou apenas indiretamente ligadas aos meus principais temas de pesquisa.

Embora a pretendida ascensão funcional represente um ponto de chegada na vida profissional de qualquer professor do magistério superior, acredito ao mesmo tempo, inspirado em Borges, que o conhecimento em geral e o filosófico em particular é um jardim dos caminhos que se bifurcam, exigindo um crescente, diligente, incessante e paciente trabalho de leitura, discussão e publicação de ideias, no intuito de influenciar o debate filosófico nacional e internacional e realizar a vocação da universidade brasileira de disseminar o conhecimento. Assim sendo, esse ponto de chegada também representa um começo: tenho sido professor do magistério superior por 29 anos e concluo, dessa experiência, que a virtude, bem como o conhecimento, podem sim ser ensinados e é nossa missão, mais do que obrigação profissional, realizar nossos ideais pedagógicos.



Prof. Dr. Marco Antonio Franciotti
Florianópolis, 20 de Janeiro de 2015

ANEXO I

Documentos comprobatórios do Capítulo 1 Ensino e Orientação

MARCO ANTONIO FRANCIOTTI

SIAPE 01158868-3
MATRÍCULA UFSC 08485-3

Departamento de Filosofia
Dezembro de 2014

UNIVERSITÄT SALZBURG
Institut für Philosophie

*Franziskanergasse 1
A-5020 Salzburg/Austria*

*Tel.: code + (662) 8044-4095
Fax: code + (662) 8044-4074
E-mail: Paul.Weingartner@sbg.ac.at*



February 7, 2003

To Whom It May Concern!

This is to confirm that Prof. Marco Antonio Frangiotti (Department of Philosophy, University of Santa Catarina, Florianopolis, Brazil) worked on a research project at the above named department from January 13 to February 9, 2003. He was invited by the above named department for doing research about Wittgenstein and Freud; in particular his research was concerned with Wittgenstein's knowledge and view of Freud's psychoanalysis. Prof. Frangiotti visited more than ten research libraries in Salzburg and Vienna in order to complete his results. He had intensive discussions with many of the members of our department and with members of the Institute for Philosophy of Science of the International Research Center Salzburg. Moreover he gave a report on his research and presented a paper about a new interpretation of the philosophy of David Hume.

The representatives of the above department and of the department at the University of Santa Catarina agree to stimulate mutual exchange visits of the members of both departments. Both departments are responsible for financial support for full accommodation of the guest professor.

Paul Weingartner
(Prof. D. Dr.h.c. Paul Weingartner)



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Filosofia
Campus Universitário Trindade - CEP: 88040-900 -C.P.: 476
Tel.: 331-9248 - Fax: 331-8808 - E-mail: wfil@cfh.ufsc.br

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins e direitos, que o Professor Marco Antônio Franciotti, matrícula 84853, ministrou as seguintes disciplinas no período de 1997-2 a 2014-2 :

1997/1

FIL3002 – pós graduação – 72h.a

1997/2

FIL5122 – Teoria do Conhecimento – 72h.a

FIL3110 – pós graduação – 72h.a

1998/1

FIL3110 – pós graduação – 72h.a

FIL5141 – Antropologia Filosófica – 72h.a

FIL5164 – Introdução à Lógica – 72h.a

1998/2

FIL3110 – pós graduação – 72h.a

FIL5131 – Lógica – 72h.a

1999/1

FIL3108 - pós graduação – 72h.a

FIL3110 – pós graduação – 72h.a

FIL5131 – Lógica – 72h.a

FIL5576 – Leitura de textos filosóficos em Inglês I – 72h.a

1999/2

FIL3105 - pós graduação – 72h.a

ICH4020 - pós graduação – 72h.a

2000/1

FIL3002 – pós graduação – 72h.a

FIL3110 – pós graduação – 72h.a

2000/2



FIL3112 – pós-graduação – 36h.a
FIL5577 - Leitura de textos filosóficos em Inglês II – 72h.a

2001/1
FIL2003- pós-graduação – 36h.a
FIL3106- pós-graduação – 36h.a
FIL3110 – pós graduação – 72h.a

2001/2
FIL3104– pós graduação – 72h.a

2002/1
FIL3110 – pós graduação – 72h.a
FIL5244 – graduação – 36h.a

2002/2
FIL5195 – Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência – 54h.a
FIL5101 – Filosofia e Comunicação – 54h.a

2003/1
FIL3110 – pós graduação – 72h.a

2003/2
FIL5161 – Epistemologia das Ciências Humanas – 72h.a
FIL3104– pós graduação – 72h.a
FIL5195 – Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência – 54h.a

2004/1
FIL3110 – pós graduação – 72h.a
FIL3112 – pós-graduação – 36h.a

2004/2
FIL3006 – pós-graduação – 72h.a

2005/1
FIL3116 – pós graduação – 72h.a

2005/2
FIL3007 – pós graduação – 72h.a

2006/1
FIL3117 – pós graduação – 72h.a

2006/2
FIL3110 – pós graduação – 72h.a

2007/1
FIL3002 – pós graduação – 72h.a

2007/2



FIL3110 – pós graduação – 72h.a

2008/1

FIL3002 – pós graduação – 72h.a

2008/2

FIL9601 – História da Filosofia I – 90h.a

FIL3112 – pós graduação – 72h.a

FIL3110 – pós graduação – 72h.a

2009/1

FIL5233 – Filosofia Moderna I – 72h.a

FIL9603 – História da Filosofia III – 90h.a

FIL3362 – pós graduação – 72h.a

FIL3002 – pós graduação – 72h.a

2009/2

FIL9603 – História da Filosofia III – 90h.a

FIL3116 – pós graduação – 72h.a

2010/1

FIL5603 – História da Filosofia III – 90h.a

FIL9401 – Fundamentos Filosóficos da Educação – 80h.a

FIL3116000 - pós graduação – 72h.a

2010/2

FIL7007 – Filosofia da Ciência – 72h.a

FIL9401 – Fundamentos Filosóficos da Educação – 80h.a

FIL3108000 – Filosofia da Mente – 72h.a

2011/1

FIL5603 – História da Filosofia III – 90h.a

FIL7007 – Filosofia da Ciência – 72h.a

FIL9650 – Estética – 72h.a

2011/2

FIL5680 – Filosofia da Educação – 108h.a

FIL5316 – Filosofia da Ciência I – 72h.a

FIL3108000 – Filosofia da Mente – 72h.

FIL3116000 - pós graduação – 72h.a

2012/1

FIL5316 – Filosofia da Ciência I – 72h.a

FIL3002000 – Teoria do Conhecimento – 72h.a

2012/2

FIL5680 – Filosofia da Educação – 108h.a

GCN 362002 – Epistemologia - 72h.a



2013/1

FIL5661 – Seminário de Pesquisa Filosófica – 108h.a

FIL3116000 - pós graduação – 72h.a

2013/2

FIL5680 – Filosofia da Educação – 108h.a

FIL9603 – História da Filosofia III – 90h.

2014/1

FIL9603 – História da Filosofia III – 90h.a

FIL9651 – Filosofia da Linguagem I – 72h.a

FIL3116000 - pós graduação – 72h.a

FIL3002000 – Teoria do Conhecimento – 72h.a

2014/2

FIL5680 – Filosofia da Educação – 108h.a

FIL9651 – Filosofia da Linguagem I – 72h.a

FIL3105000 – Tópicos Especiais em Teoria do Conhecimento II – 72h.a

Florianópolis, 30 de janeiro de 2015



Luciana Caldas Zica
Chefe do Expediente do Departamento
de Filosofia/CFH-UFSC



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO - TRINDADE - CAIXA POSTAL 476
CEP 88.040-900 - FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA
TEL. (0482) - 34.1000 - TELEX: 0482 240

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

D E C L A R A Ç Ã O

Declaro, para os devidos fins que, as atividades de ensino e pesquisa do Prof. Dr. MARCO ANTÔNIO FRANGIOTTI durante os semestres: 95.1, 95.2, 96.1 e 96.2 se desenvolveram conforme constam nos Relatórios de Atividades aqui juntados.

Florianópolis, 12 de junho de 1997

Prof. Dr. César Augusto Mortari
Chefe do Depto de Filosofia



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE ATIVIDADES RIA

CENTRO

I II III

DEPTO

I II III

ANO

SEM

DOCENTE DE OUTRA IES A DISPOSIÇÃO DA UFSC

PROFESSOR: MARCO ANTONIO FRANCIOTTI

TITULAÇÃO: GRAD ESP MEST. PhD DL
CLASSE: AUX. ASS. ADJ. TIT. VIS
NÍVEL: I II III IV

REGIME DE TRABALHO DE 40 H 20 H
TURNO DE TRABALHO M V N

ATIVIDADES DE ENSINO

1.1 MINISTRAÇÃO DE AULAS

CÓDIGO	NOME DAS DISCIPLINAS	CRÉD	Nº DA TURMA	PREVISÃO Nº DE ALUNOS	HORAS-AULA SEMANAIS	Nº DE ALUNOS	% DE APROVAÇÃO	1	2
	Ontologia	4		15	4	12			
	Teoria do Conhecimento	4		15	4	8			

1.2 ORIENTAÇÃO DE TESE

NOME DO ALUNO ORIENTANDO	FASE DA DISSERTAÇÃO	PREVISÃO DA FASE DE TERC	Nº HORAS SEMANAIS	1	2
		/			
		/			
		/			
		/			

ATIVIDADES DE PESQUISA

TÍTULO DA PESQUISA	TIPO	FUNÇÃO	ORIGEM FINANCIADORA	INÍCIO	TERMINO PREVISTO	Nº HORAS SEMANAIS	1	2
The Rational Status of Human's Reception				08/95	07/97	20		
				/	/			
				/	/			
				/	/			

ATIVIDADES DE EXTENSÃO

ESPECIFICAÇÃO DA ATIVIDADE	TIPO	INÍCIO	TERMINO PREVISTO	Nº HORAS SEMANAIS	1	2
		/	/			
		/	/			
		/	/			
		/	/			

ATIVIDADES DE ADMINISTRAÇÃO

ESPECIFICAÇÃO DO CARGO OU FUNÇÃO	Nº PORTARIA	EXPEDIU	DATA	Nº HORAS SEMANAIS	1	2

ATIVIDADES DE FORMAÇÃO

ESPECIFICAÇÃO DO CURSO	NÍVEL	INÍCIO	TERMINO PREVISTO	LOCAL	Nº HORAS SEMANAIS	NOME DAS DISCIPLINAS	CRÉD.	CONCEITO OBTIDO	1	2
		/	/							
		/	/							
		/	/							
		/	/							

OUTRAS ATIVIDADES

	1	2

OBSERVAÇÕES

Prof. Marco

antega 07/NOV/95



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO

PLANO INDIVIDUAL DE TRABALHO - PIT

INSTRUÇÕES NO VERSO

CENTRO C F H
DEPTO F I L

ANO 9 6
SEM. 0 1

PROFESSOR:

TITULAÇÃO: GRAD. ESP. MEST. PRD DL
CLASSE: AUX. ASS. ADJ. TIT. VIS
NÍVEL: I II III IV

REGIME DE TRABALHO DE 40 H 20 H
TURNO DE TRABALHO M V N

DOCENTE
 DE OUTRAS
 A DISPOSIÇÃO
 DA UFSC

ATIVIDADES DE ENSINO

1. MINISTRAÇÃO DE AULAS

CÓDIGO	NOME DAS DISCIPLINAS	CRÉD.	Nº DA TURMA	PREVISÃO Nº DE ALUNOS	HORAS-AULA SEMANAIS	Nº DE ALUNOS	% DE APROVAÇÃO	1	2	3
FL5239	História da Filosofia II	4	0569	30	104	06	1	X		
FL5241	História da Filosofia VI	4	0769	30	10					
-	EPISTEMOLOGIA (ESPECIALIZADA)	4	-	20	4	09	0.8	X		

2. ORIENTAÇÃO DE TESE

NOME DO ALUNO ORIENTANDO	FASE DA DISSERTAÇÃO	PREVISÃO DA DEFESA DE TESE	Nº HORAS SEMANAIS	1	2	3
		/				
		/				
		/				
		/				

ATIVIDADES DE PESQUISA

TÍTULO DA PESQUISA	TIPO	FUNÇÃO	ORGÃO FINANCIADOR	INÍCIO	TÉRMINO PREVISTO	Nº HORAS SEMANAIS	1	2	3
O estatuto filosófico da razão em Hume				08/95	07/95	20			X
				/	/				
				/	/				
				/	/				

ATIVIDADES DE EXTENSÃO

ESPECIFICAÇÃO DA ATIVIDADE	TIPO	INÍCIO	TÉRMINO PREVISTO	Nº HORAS SEMANAIS	1	2	3
		/	/				
		/	/				
		/	/				
		/	/				

ATIVIDADES DE ADMINISTRAÇÃO

ESPECIFICAÇÃO DO CARGO OU FUNÇÃO	Nº PORTARIA	EXPEDIDOR	DATA	Nº HORAS SEMANAIS	1	2	3

ATIVIDADES DE FORMAÇÃO

ESPECIFICAÇÃO DO CURSO	NÍVEL	INÍCIO	TÉRMINO PREVISTO	LOCAL	Nº HORAS SEMANAIS	NOME DAS DISCIPLINAS	CRÉD.	CONCEITO OBTIDO	1	2	3
		/	/								
		/	/								
		/	/								
		/	/								

OUTRAS ATIVIDADES

	1	2	3

OBSERVAÇÕES

Participação do Colegiado do Curso de Filosofia
Artigo intitulado "A transição e o futuro" enviado para publicação no "Revista"

entrega de pelo menos (2+15)

PRU 10



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 PRO-REITORIA DE ENSINO
PLANO INDIVIDUAL DE TRABALHO - PIT

INSTRUÇÕES NO VERSO

CENTRO C F H

DEPTO F I L

ANO 9 6

SEM. 0 2

PROFESSOR: MARCO ANTONIO FRANGIOTTI

TITULAÇÃO: GRAD. ESP. MEST. PhD DL

CLASSE: AUX. ASS. ADJ. TIT. VIS

NÍVEL: I II III IV

REGIME DE TRABALHO DE 40 H 20 H

TURNO DE TRABALHO M V N

DOCENTE DE OUTRA IES A DISPOSICÃO DA UFSC

1. ATIVIDADES DE ENSINO

1.1 MINISTRAÇÃO DE AULAS

CÓDIGO	NOME DAS DISCIPLINAS	CRÉD.	Nº DA TURMA	PREVISÃO Nº DE ALUNOS	HORAS-AULA SEMANAIS	Nº DE ALUNOS	% DE APROVAÇÃO	1	2	3
5122	Terminologia da Anatomia	4								
5106	Histologia	4								
5191	Prática de Anatomia	4	316							

1.2 ORIENTAÇÃO DE TESE

NOME DO ALUNO ORIENTANDO	FABE DA DISSERTAÇÃO	PREVISÃO DA DEFESA DE TESE	Nº HORAS SEMANAIS	1	2	3
		/				
		/				
		/				
		/				

2. ATIVIDADES DE PESQUISA

TÍTULO DA PESQUISA	TIPO	FUNÇÃO	ORÇÃO FINANCIADOR	INÍCIO	TÉRMINO PREVISTO	Nº HORAS SEMANAIS	1	2
Research of cholinergic in thymus of streptozotocin				08/95	01/97	20		X
				/	/			
				/	/			
				/	/			

3. ATIVIDADES DE EXTENSÃO

ESPECIFICAÇÃO DA ATIVIDADE	TIPO	INÍCIO	TÉRMINO PREVISTO	Nº HORAS SEMANAIS	1	2
		/	/			
		/	/			
		/	/			
		/	/			

4. ATIVIDADES DE ADMINISTRAÇÃO

ESPECIFICAÇÃO DO CARGO OU FUNÇÃO	Nº PORTARIA	EXPEDIDOR	DATA	Nº HORAS SEMANAIS	1	2

5. ATIVIDADES DE FORMAÇÃO

ESPECIFICAÇÃO DO CURSO	NÍVEL	INÍCIO	TÉRMINO PREVISTO	LOCAL	Nº HORAS SEMANAIS	NOME DAS DISCIPLINAS	CRÉD.	CONCEITO OBTIDO	1	2
		/	/							
		/	/							
		/	/							
		/	/							

6. OUTRAS ATIVIDADES

	1	2

7. OBSERVAÇÕES

Veja folha em Anexo



Universidade Federal de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Departamento de Ensino

Plano de atividades

Semestre : 2010/1

Siape: 1158868

Docente : MARCO ANTONIO FRANCIOTTI

Cargo: PROFESSOR ASSOCIADO 2 DE

Depto : DEPTO DE FILOSOFIA - FIL

Fator : 1,1

CH PAD / regime: 40 / 40 h

Ensino (10)

Código	Disciplina	Turma	Horas-aula (disc / doc)
FIL3116000	Epistemologia	FIL3116000	4,0 / 4,0
FIL5603	História da Filosofia III (PCC - 36 horas/aula)	03328	5,0 / 5,0
FIL9401	Fundamentos Filosóficos da Educação - PCC 20 horas/aula	0202094	0,0 / 0,0

Pesquisa (0)

Título	Situação	Função	Início	Término	CH	CH pad
--------	----------	--------	--------	---------	----	--------

Extensão (0)

Título	Situação	Função	Início	Término	CH	CH pad
--------	----------	--------	--------	---------	----	--------

Orientações (0)

Tipo	CH tipo	Quantidade	Total CH	CH pad
Orientação doutorado	2	0	0	0

Administração (30)

Tipo	Carga horária	Carga horária PAD
Coordenador de Curso	30	30

Formação (0)

Tipo	Carga horária	Carga horária PAD
------	---------------	-------------------


Luciana Caldas Zica
Chefe de Expediente do Departamento
de Filosofia/CFH-UFSC



Universidade Federal de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Departamento de Ensino

Plano de atividades

Semestre : 2010/2

Siape: 1158868

Docente : MARCO ANTONIO FRANCIOTTI

Cargo: PROFESSOR ASSOCIADO 2 DE

Depto : DEPTO DE FILOSOFIA - FIL

Fator : 1,0

CH PAD / regime: 58 / 40 h

Plano inválido: CH PAD deve ter o mesmo número de horas do regime de trabalho.

Ensino (8)

Código	Disciplina	Turma	Horas-aula (disc / doc)
FIL3108000	Filosofia da Mente	PG	4,0 / 4,0
FIL7007	Filosofia da Ciência	07108	4,0 / 4,0
FIL9401	Fundamentos Filosóficos da Educação - PCC 20 horas/aula	0202094	0,0 / 0,0

Pesquisa (0)

Título	Situação	Função	Início	Término	CH	CH pad
--------	----------	--------	--------	---------	----	--------

Extensão (20)

Título	Situação	Função	Início	Término	CH	CH pad
III Colóquio Kant do CIK (Centro de Investigações Kantianas)	Projeto Final Aprovado	Participante	05/08/2010	06/08/2010	22	20

Orientações (4)

Tipo	CH tipo	Quantidade	Total CH	CH pad
Orientação doutorado	2	2	4	4

Administração (26)

Tipo	Carga horária	Carga horária PAD
coordenador de curso(graduação, pós-graduação-stricto sensu)	30	26

Formação (0)

Tipo	Carga horária	Carga horária PAD
------	---------------	-------------------



Luciana Caldas Zica
Chefe do Expediente do Departamento
de Filosofia/CFH-UFSC



Universidade Federal de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Departamento de Ensino

Plano de atividades

Semestre : 2011/1

Siape: 1158868

Docente : MARCO ANTONIO FRANCIOTTI

Cargo: PROFESSOR ASSOCIADO 3 DE

Depto : DEPTO DE FILOSOFIA - FIL

Fator : 1,0

CH PAD / regime: 43 / 40 h

Plano inválido: CH PAD deve ter o mesmo número de horas do regime de trabalho.

Ensino (9)

Código	Disciplina	Turma	Horas-aula (disc / doc)
FIL5603	História da Filosofia III (PCC - 36 horas/aula)	03328	5,0 / 5,0
FIL7007	Filosofia da Ciência	07108	4,0 / 4,0

Pesquisa (10)

Título	Situação	Função	Início	Término	CH	CH pad
O Dualismo Cartesiano e a Filosofia da Mente	Projeto Final Aprovado	Coordenador	03/03/2010	02/03/2012	10	10

Extensão (0)

Título	Situação	Função	Início	Término	CH	CH pad
--------	----------	--------	--------	---------	----	--------

Orientações (4)


Tipo	CH tipo	Quantidade	Total CH	CH pad
Orientação doutorado	2	2	4	4

Administração (20)

Tipo	Carga horária	Carga horária PAD
coordenador de curso(graduação, pós-graduação-stricto sensu)	30	20

Formação (0)

Tipo	Carga horária	Carga horária PAD
------	---------------	-------------------


Luciana Caldas Zica
Chefe do Expediente do Departamento
de Filosofia/CFH-UFSC



Universidade Federal de Santa Catarina
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Departamento de Ensino

Plano de atividades

Semestre : 2011/2

Siape: 1158868

Docente : MARCO ANTONIO FRANCIOTTI

Cargo: PROFESSOR ASSOCIADO 3 DE

Depto : DEPTO DE FILOSOFIA - FIL

Fator : 1,8

CH PAD / regime: 40 / 40 h

Ensino (18)

Código	Disciplina	Turma	Horas-aula (disc / doc)
FIL3108000	Filosofia da Mente	PG	4,0 / 0,0
FIL3116000	Epistemologia	PG	4,0 / 4,0
FIL5680	Filosofia da Educação (PCC - 54 horas/aula)	06329	6,0 / 6,0

Pesquisa (10)

Título	Situação	Função	Início	Término	CH	CH pad
O Dualismo Cartesiano e a Filosofia da Mente	Projeto Final Aprovado	Coordenador	03/03/2010	02/03/2012	10	10

Extensão (0)

Título	Situação	Função	Início	Término	CH	CH pad
--------	----------	--------	--------	---------	----	--------

Orientações (2)

Tipo	CH tipo	Quantidade	Total CH	CH pad
Orientação doutorado	2	1	2	2

Administração (10)

Tipo	Carga horária	Carga horária PAD
coordenador de ensino	10	10

Formação (0)

Tipo	Carga horária	Carga horária PAD
------	---------------	-------------------


Luciana Caldas Zica
Chefe do Expediente do Departamento
de Filosofia/CFH-UFSC

Declaração

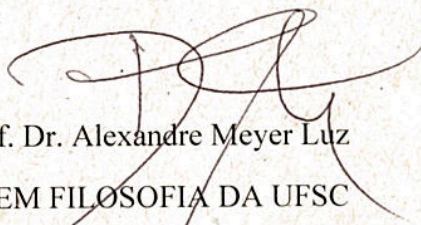
Declaro, para os devidos fins, que o prof. Dr. Marco Antonio Franciotti, do corpo docente permanente do Pós-Graduação de Filosofia da UFSC, orientou as seguintes dissertações e tese:

Mestrado

- 2007/2009 Éden Grei Côrtes Artiaga. Sobre os Fundamentos da Metapsicologia. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Orientador: Marco Antonio Franciotti.
- 2003/2005 Rosane Lorena Granzotto. Gênese e Construção da Filosofia da Gestalt na Gestalt Terapia. 2005. 133 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Orientador: Marco Antonio Franciotti.
- 2003/2005 Lurdes de Vargas Silveira Schio. A Concepção de Substância em Locke. 2003. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Santa Catarina, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Marco Antonio Franciotti.
- 2001/2003 Sady Raul Pereira. A Pulsão de Morte em Freud. 2003. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Marco Antonio Franciotti.
- 2000/2002 Arturo Fatturi. O Estatuto das Regras em Wittgenstein. 2002. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Marco Antonio Franciotti.
- 1999/2001 Jaimir Conte. O Idealismo de Berkeley Face Ao Ceticismo. 1999. Dissertação - Universidade Federal de Santa Catarina, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Marco Antonio Franciotti.

Doutorado

- 2006/2008 Clóvis Brondani. Hobbes e a Lei Natural. 2008. Tese (Doutorado em Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Marco Antonio Franciotti.


Prof. Dr. Alexandre Meyer Luz

COORDENADOR DO PROG. DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA UFSC

Prof. Alexandre Meyer Luz
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia/CFH-UFSC

ANEXO II

Documentos Comprobatórios do Capítulo 2 Pesquisas e Publicações

MARCO ANTONIO FRANCIOTTI

SIAPE 01158868-3
MATRÍCULA UFSC 08485-3

Departamento de Filosofia
Dezembro de 2014

**CLE**

Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência

www.cle.unicamp.br
revistas@cle.unicamp.br

Catálogo de Publicações

Manuscrito - Revista Internacional de Filosofia

ISSN 0100-6045**2010**

Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência – CLE
Universidade Estadual de Campinas – Unicamp
Caixa Postal – 6133 – CEP 13083-970 – Campinas-SP
Fone: (19) 3521-6517 Fax: (19) 3289-3269

O CLE foi projetado e organizado em 1976 e implantado oficialmente na Unicamp em 1977, tendo como membros docentes e pesquisadores de vários institutos e faculdades da Unicamp e de outras universidades brasileiras e estrangeiras.

Criado com o objetivo central de desenvolver atividades nas áreas de Lógica, Epistemologia e História da Ciência e pesquisas interdisciplinares, o CLE mantém intenso intercâmbio acadêmico com pesquisadores e instituições do Brasil e do exterior, organiza regularmente seminários e encontros científicos, coordena trabalhos de pesquisas; assessora cursos de pós-graduação de natureza interdisciplinar; mantém acervo bibliográfico e acervo de documentação que proporcionam subsídios a pesquisadores e estudantes, além de publicar regularmente duas revistas – *Manuscrito – Revista Internacional de Filosofia* e *Cadernos de História e Filosofia da Ciência* – e uma coleção de livros, a *Coleção CLE*.

As revistas editadas pelo Centro de Lógica podem ser adquiridas na Livraria Pontes, pelos Correios, utilizando a proposta de assinatura e/ou aquisição avulsa encontrada ao final deste catálogo ou diretamente no Centro de Lógica.

Os números publicados e não relacionados aqui encontram-se esgotados.

Normas de submissão de artigos às revistas *Manuscrito* e *Cadernos de História e Filosofia da Ciência* também podem ser encontradas neste catálogo.

Editores:***Manuscrito – Revista Internacional de Filosofia***

Prof. Marco Antonio Ruffino – (editor associado)

ruffino@gmx.net

Cadernos de História e Filosofia da CiênciaProf^a. Dr^a. Fátima R.R. Évora

faevora@cle.unicamp.br

Coleção CLEProf^a. Dr^a. Itala M.L. D’Otaviano

MANUSCRITO – Revista Internacional de Filosofia

Manuscrito é uma revista semestral que publica artigos em Português, Espanhol, Inglês e Francês. Além de artigos originais de pesquisadores nacionais e estrangeiros, principalmente nas áreas de História da Filosofia, Filosofia da Linguagem e Filosofia da Ciência, *Manuscrito* publica também textos inéditos sobre temas filosóficos gerais e questões epistemológicas.

Vol. XI, n.2, Outubro de 1988

Número especial dedicado ao Ceticismo.

Ezequiel de Olaso – *Zetesis*.

Gerard Lebrun – *Berkeley ou le Sceptique Malgré Lui*.

Avner Cohen – *Scepticism and “Angst”: The Case of David Hume*.

Zeljko Loparic – *Kant e o Ceticismo*.

Valério Rohden – *Ceticismo Versus Condições de Verdade*.

Danilo M. de Souza Filho – *Ceticismo Semântico*.

Rejane Carrion – *Depois do Ceticismo*.

Discussões:

Alex Blum & Ralph Carasso – *Pain Corrigibility*.

Zeljko Loparic – *À Propôs du Cartésianisme Gris de Marion*.

Steven French – J.J. Gracia, *Individuality: An Essay on the Foundations of Metaphysics*

Vol. XII, n.1, Abril de 1989

Harry Redner – *Representation in the Eighteenth Brumaire of Karl Marx*.

Avron Polakow – *The Inconsistency of Putnam’s Internal Realism*.

Eckard Rolf – *How to Generalize Grice’s Theory of Conversation*.

Miguel J.C. de Asua – *El Problema del Origen de la Vida*.

W.P. Mendonça – *Programas e Promessas: Sobre o (Ab-)Uso do Jargão Computacional em Teorias Cognitivas da Mente*.

Vol. XIII, n.1, Abril de 1990

Matthias Schirn – *Frege on the Purpose and Fruitfulness of Definitions*.

Alberto Cupani – *Objetividade Científica: Noção e Questionamentos*.

Amir Horowitz – *Intentional and Physical Relations*.

Plínio J. Smith – *O Ceticismo Naturalista de David Hume*.

Olga L. Larre – *Ente Natural y Artefato en Guillermo de Ockham*.

Vol. XIII, n.2, Outubro de 1990

Roberto C. de Oliveira – *O Saber, a Ética e a Ação Social*.

Andrzej Wisniewski – *Implied Questions*.

Ruth Lorand – *Aesthetic Order*.

Urias C. Arantes – *Notes Sur Utopie et Marxisme*.

Discussões:

Murray Miles – *Some Recent Research on the Mind-Body Problem in Descartes*.

Zeljko Loparic – *Habermas e o Terror Prático*.

Vol. XIV, n.1, Abril de 1991

Roger Vergauwen – *Las Bases Lógicas de la Intencionalidad*.

Graciela F. de Maliandi – *Popper, Nelson and Kant*

Marco A. Frangiotti – *Considerações Preliminares Sobre os Princípios Transcendentais*.

Discussões:

Gilles G. Granger – Review of the *Institution of Philosophy*.

Silvio S. Chibeni – Review of *Einstein’s Revolution*.

Vol. XIV, n.2, Outubro de 1991

Oscar Nudler – *Hacia un Modelo de la Historia Epistémica Occidental*.

Andrew Ward – *Wittgenstein and Homuncular Psychological Explanations*.

João de F. Teixeira – *A Máquina de Enxergar*.

Alejandro Cassini – *Problemas y Límites del Fundacionismo Clásico*.

Zeljko Loparic – *Sobre o Método de Descartes*.

Alberto Cupani – *A Filosofia da Ciência de Mário Bunge e a Questão do “Positivismo”*.

Ruben G. Lintz – *A Critical Study on the Foundations of Geometry*.

Discussões/Notas:

Carlos Lungarzo – Resenha de *Scientific Reasoning: a Bayesian Approach*.

Antônia Soulez – Note of the *Paris Wittgenstein Group*.

Vol. XV, n.1, Abril de 1992

Eugene J. Meehan – *The University and the Community: Social Science and Public Authority*.

Matthias Schirn – *Cuestiones Fundamentales de una Teoría del Significado*.

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA FILOSOFIA ESPECULATIVA KANTIANA

Marco Antonio FRANGIOTTI
(UFSC)

ABSTRACT

In this paper I try to develop some methodological aspects of Kant's speculative philosophy. For this purpose, I assume Hintikka's point of view which establishes a link between transcendental philosophy and the analytical method of ancient Greek geometers. Although Kant had never construct a general theory of the method employed by him in the transcendental philosophy, one can pick from his books some quotations in which he stresses important aspects concerning the nature of his philosophical method. In doing so, I try to reinterpret several fundamental concepts of his theoretical thought.

RESUMO

Neste artigo busco desenvolver alguns aspectos da filosofia especulativa kantiana. Para tanto, assumirei o ponto de vista de Hintikka, que estabelece uma relação entre a filosofia transcendental e o método analítico dos antigos geômetras gregos. Apesar de Kant não ter construído uma teoria geral do método utilizado na filosofia transcendental, pode-se extrair de seus livros algumas citações nas quais ele enfatiza importantes aspectos relativos à natureza de seu método filosófico. Desta forma, reinterpretarei alguns conceitos fundamentais de seu pensamento teórico.

Kant e o método de análise-síntese

Marco Antonio Franciotti

Professor Adjunto da UFSC

marco_franciotti@yahoo.com

1. O Método de Análise-Síntese nos *Prolegômenos* e a *Crítica da Razão Pura*

Com a expressão “método de análise-síntese” quero me referir ao método empregado pelos antigos geômetras gregos na construção e prova de teoremas. Esse método é composto de dois movimentos, a saber, o analítico, no qual partimos de algo dado ou suposto como dado e regredimos até suas partes constituintes ou condições; e o sintético, que é o inverso da análise, i.e., no qual partimos das condições descobertas na análise e prosseguimos em direção aos dados inicialmente tomados, construindo a solução de um problema ou provando um teorema qualquer. Pretendo aqui mostrar que Kant se vale de tal método na construção de seu sistema transcendental e que essa estratégia metodológica lhe é crucial para a introdução de algumas noções básicas de seu pensamento como um todo.

Kant jamais procurou elaborar uma teoria geral do método empregado em sua filosofia, razão pela qual não é nada simples mostrar as influências do método de análise-síntese em sua doutrina. No entanto, Hintikka e Loparic oferecem um estudo detido de algumas passagens de textos kantianos nas quais, em menor ou em maior grau, manifesta-se tal influência. A partir das observações desses intérpretes, é possível oferecer uma rota inicial de reconstrução do pensamento metodológico kantiano.

É inicialmente Hintikka quem nos chama a atenção para o fato de que Kant era conhecedor das características básicas do método de análise-síntese:

© by DWW editorial para a edição em língua portuguesa

1ª edição: agosto de 2013

ISBN: 978-85-62487-20-0

Diretores: Elsa Oliveira Dias (elsadias@uol.com.br)

Zeljko Loparic (loparicz@uol.com.br)

Conselho editorial: Ariadne Moraes (ariadne.moraes@uol.com.br)

Caroline Vasconcelos Ribeiro (carolinevasconcelos@hotmail.com)

Conceição A. Serralha (serralhac@hotmail.com)

Eder Soares Santos (edersan@hotmail.com)

Oswaldo Giacoia Junior (ogiacioa@hotmail.com)

Róbson Ramos dos Reis (robsonramosdosreis@gmail.com)

Roseana Moraes Garcia (roseanagarcia@uol.com.br)

Vera de Laurentiis (veralautiis@terra.com.br)

Coordenação editorial: Meire Cristina Gomes (meire@sbpw.com.br)

Diagramação/EPUB: Microart (www.microart.com.br)

Capa: Sandra Rosa

Revisão final: Meire Cristina Gomes (meire@sbpw.com.br)

Texto em conformidade com o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária

Eliana Marciela Marquetis – CRB-8 nº 3573

Temas semânticos em Kant / Andrea Faggion e Joãozinho Beckenkamp (orgs.). – São Paulo : DWW Editorial, 2013.
360 p. - (Coleção Filosofia e Ciências Humanas)

ISBN 978-85-62487-20-0

1. Kant, Immanuel, 1724-1804. 2. Criticismo (Filosofia). 3. Semântica (Filosofia). I. Faggion, Andrea, org. II. Beckenkamp, Joãozinho, org. III. Série.

21. CDD 142.3
149.94

Índice para catálogo sistemático

Criticismo (Filosofia)

142.3

Semântica (Filosofia)

149.94

Dww

DWW editorial

Rua João Ramalho, 146 – Perdizes

CEP 05008-000 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3676-0635

E-mail: dwweditorial@sociedadewinnicott.com.br

www.dwweditorial.com.br



Sumário

Nota sobre as referências a obras de Kant	7
Prefácio.....	11
Sobre os autores	15
Os problemas da razão pura e a semântica transcendental <i>Zeljko Loparic</i>	19
O despertar de Kant para o problema do significado na metafísica <i>Joãosinho Beckenkamp</i>	37
O silêncio de Kant: o esboço da analítica transcendental na década de 1770 <i>Orlando Bruno Linhares</i>	55
A resposta de Kant a Hume e a gênese filosófica da semântica transcendental <i>Andrea Faggion</i>	85
O método analítico no pensamento moderno <i>Marco Antonio Franciotti</i>	97
O método indireto de prova e a segunda antinomia da razão pura <i>Sílvio Mota Pinto</i>	119
A mecânica newtoniana na perspectiva dos <i>Princípios metafísicos da ciência da natureza</i> de Kant <i>Marcos Alberto de Oliveira</i>	155

O método analítico no pensamento moderno

Marco Antonio Franciotti

1. Introdução

No que se segue, pretendo mostrar a importância do método analítico na formação do pensamento moderno. Antes utilizado principalmente pelos geômetras da Grécia antiga, o método analítico acaba desempenhando um papel fundamental na ciência e na filosofia. Galileu e Newton na ciência, e Descartes e Kant na filosofia moderna, são apresentados como seguidores desse método. A importância de Galileu para a formação do pensamento científico é indiscutível. Suas ideias e experimentos consolidam o heliocentrismo, introduzem e tornam indispensável a aplicação da matemática ao estudo da natureza e desmascaram os erros das explicações aristotélicas sobre os fenômenos naturais. Newton, por sua vez, sistematiza as ideias científicas de seus predecessores modernos com a explicação mecanicista do universo, apresentando uma teoria geral da natureza baseada na experimentação e na matemática. No caso da filosofia, Descartes é indiscutivelmente o primeiro filósofo da modernidade, tendo introduzido alguns dos principais problemas que irão ocupar as mentes dos filósofos posteriores. Por fim, Kant é escolhido aqui não apenas por afirmar claramente que é um seguidor do método analítico, tal como o faz Descartes, mas também porque sua filosofia representa o apogeu da filosofia moderna. O estudo da relação desses cientistas e filósofos com o método analítico pode aprofundar inúmeros aspectos de suas doutrinas, assim como esclarecer algumas das principais ideias e

OS TERMOS TEÓRICOS NAS RELAÇÕES
ENTRE TEORIA E OBSERVAÇÃO

MARCO ANTONIO FRANGIOTTI*

Introdução

Uma das discussões mais polêmicas e acirradas da epistemologia contemporânea diz respeito ao *status* ontológico dos termos teóricos, i.e., termos que representam eventos ou coisas inobserváveis e que, portanto, carecem de um referencial detectável pelos nossos sentidos. Seriam eles meros constructos teóricos destinados a cumprir uma tarefa reguladora no conhecimento da natureza, tal como as idéias da razão pura kantianas? Ou seriam eles realmente nomes de objetos que, embora não passíveis de observação, existem e influenciam o comportamento dos objetos observáveis? Se optarmos pela primeira alternativa, como será possível, então, conferir significação objetiva aos termos teóricos? Se optarmos pela segunda, como assegurar a referência empírica desses termos, de vez que seus objetivos não são observáveis?

Essas perguntas jazem no bojo da problemática epistemológica de grande parte dos autores que tratam do assunto. Para respondê-las, haveremos inevitavelmente de tecer considerações acerca das relações entre observação e teoria. Em outras palavras, procuraremos estudar as relações entre teoria e observação à luz da questão acerca do status ontológico dos termos teóricos. Iniciemos, pois, a nossa análise.

A leitura de Carnap¹ nos oferece uma postura epistemológica bastante difundida acerca das relações entre teoria e observação, mediante o estudo da linguagem científica. Tal apreciação merece um exame crítico detalhado, que terá por base a argumentação empreendida por Putnam.²

*Marco Antonio Frangiotti é professor Auxiliar II do Departamento de Filosofia da UFSC, pós-graduando a nível de mestrado na UNICAMP e Membro do Núcleo de Metodologia e Filosofia da Ciência.

Transcendental Idealism and Phenomenalism

MARCO ANTONIO FRANGIOTTI
Universidade Federal de Santa Catarina

1. Introduction

Kant's transcendental idealism has been equated to Berkeley's idealism by many commentators. According to them, by denying the access to objects beyond the field of experience and by constraining our epistemological claims to possible objects, Kant would have just repeated Berkeley's fundamental principle that existing objects can only be those ones that are capable of being perceived.¹ Thus put, Kant would have elaborated, in a Berkeleian style, a doctrine that the material and the mental constituents of the world are just appearances.² Like Berkeley, then, Kant would have reduced the objective aspects of the world to mere ideas dependent upon the mind and thereby would have committed himself to phenomenalism. I intent to defend here that, although it is possible to point out several apparent similarities between Berkeley and Kant, their philosophies are quite different from each other and, therefore, transcendental idealism must be thought of as distinct from phenomenalism.

1 Cf. Strawson, 1966, pp. 18 and 240.

2 Cf. *ibid.*, p. 22.

THE IDEALITY OF TIME

MARCO ANTONIO FRANGIOTTI

*Department of Philosophy
University College, London
Gower Street,
LONDON WC1E 6BT
GREAT BRITAIN*

Neste artigo procuro mostrar que a tese da idealidade do espaço e do tempo constitui-se na característica distintiva do idealismo transcendental de Kant. Sem essa tese, a filosofia teórica kantiana perde todo o seu fundamento. Assim sendo, eu me oponho ao ponto de vista de Strawson de que a tese da aprioridade não implica — e não pode implicar — a tese da idealidade. Ao mesmo tempo, defendo que a idéia kantiana de que espaço e tempo são formas subjetivas da intuição sensível é a posição mais adequada em Filosofia para se caracterizar o espaço e o tempo. Com base nisso, eu analiso o argumento de McTaggart de que o tempo não é real. Eu mostro que, por não dispor da tese da idealidade, McTaggart baseia seu argumento na assunção de uma realidade constituída independentemente de nossos recursos epistêmicos. Eu proponho que a solução ao enigma de McTaggart consiste na inserção da tese kantiana da idealidade em seu argumento.

In this article I show that the thesis of the ideality of space and time is the hallmark of Kant ~ transcendental idealism. It is a thesis we cannot deny without destroying the entire Kantian system ~ theoretical philosophy. This being the case, I reject Strawson ~ view that the thesis of the apriority of space and time does not, and cannot, imply the ideality thesis. At the same time, I defend the view that Kant's claim that space and time are subjective forms of sensible intuition is the most adequate philosophical account of space and time. I analyse Mc-Taggart's argument that time is no' real. I show that, since he lacked

Manuscrito, Campinas. XVII(2):135-158. outubro 1994.

Uma Solução Kantiana do Dilema de McTaggart acerca da Irrealidade do Tempo*

Marco Antonio Frangiotti

O meu objetivo neste artigo é o de oferecer uma solução ao dilema de McTaggart acerca do tempo. Isso será feito através da análise e defesa da tese da idealidade transcendental. Para tanto, procurarei criticar a abordagem de Strawson acerca das noções kantianas de espaço e tempo. Mostrarei que Strawson está equivocado ao conceber o espaço e o tempo como a priori mas não como ideais. Isto será realizado em duas etapas. Em primeiro lugar, eu mostrarei que Strawson comete o mesmo erro de outros comentadores kantianos que interpretam o idealismo transcendental como uma doutrina que postula duas realidades ontologicamente distintas. Eu argumento que Strawson mistura o sentido empírico com o sentido transcendental da expressão "dentro de nós". Em segundo lugar, eu seguirei a abordagem kantiana feita na Estética Transcendental, onde ele caracteriza o espaço e o tempo como formas intuitivas a priori da nossa sensibilidade. Eu mostrarei que, uma vez aceitas as teses da aprioridade e da intuitividade do espaço e do tempo, a tese da idealidade deve ser logicamente admitida como verdadeira. Com isto em mente, eu irei propor uma solução para o chamado "dilema de McTaggart" a respeito do caráter atemporal da realidade. Eu argumentarei que tal dilema pode ser resolvido ao se negar o pressuposto realista metafísico que lhe dá sustentação. Finalmente, procurarei inserir a tese kantiana da idealidade do tempo dentro do argu

* in Frangiotti, M.A. & Dutra, D.J.V. (2001): *Argumentos Filosóficos*, NEL/UFSC: Florianópolis, pgs. 43-64.

KANT E O CARÁTER A PRIORI DO ESPAÇO

Marco Antônio Franciotti

Universidade Federal de Santa Catarina

o idealismo transcendental de Kant tem sido freqüentemente considerado como uma forma de fenomenalismo. Dessa forma, alguns comentaristas de Kant tem procurado equiparar a sua doutrina à de Berkeley. Os proponentes desse ponto de vista argumentam que, ao limitar o campo do conhecimento à experiência possível, Kant teria reeditado a principal tese do pensamento de Berkeley e reduzido os elementos do mundo exterior a meras representações ou idéias. Embora seja possível detectar várias aparentes similaridades entre eles, eu acredito que a tentativa de classificar Kant como um Berkeleiano é equivocada. Portanto, meu objetivo neste artigo é o de distanciar Kant de Berkeley. Isso é realizado por meio de uma avaliação detida da tese kantiana da aprioridade do espaço e do tempo.

1. Aparentes Similaridades

A visão de que o idealismo transcendental é uma versão sofisticada do pensamento de Berkeley não é de modo algum recente. Ela foi defendida por vários filósofos contemporâneos a Kant. Garve e Feder, por exemplo, comentando a *Crítica da Razão Pura* em 1782, apresentaram Kant como um idealista radical cujo sistema "mescla (...) espírito e matéria" e "transforma o mundo e a nós em meras representações" (Garve & Feder 1787, p. 40). Tal sistema estaria baseado na tese de que as "sensações" são meras "modificações de nós mesmos" (*Ibid.*, p. 41). Mais recentemente, Turbayne argumentou que o pensamento de Kant é

Limitações das Doutrinas do Espaço e do Tempo em Kant

Marco Antonio Frangiotti/UFSC

Pretendo neste artigo avaliar as noções de espaço e tempo em Kant com base em duas objeções. Primeiro, mostrarei as dificuldades da abordagem kantiana com relação às geometrias não-euclidianas. Segundo, examinarei as conseqüências das teses a aprioridade, intuitividade e idealidade do espaço e do tempo em conexão com a remissão kantiana ao objeto da afecção como causa das representações. Procurarei evidenciar com isso que o idealismo transcendental apresenta dificuldades em ambas as objeções: com respeito à primeira, Kant só poderia ser reabilitado se as geometrias não-euclidianas forem redutíveis à euclideana, o que se coloca como infactível em função do conflito que se instala entre os princípios básicos desses dois tipos de geometria. Quanto à segunda dificuldade, argumentarei que o idealismo transcendental, em última instância, acaba sucumbindo face à impossibilidade de uma caracterização adequada do objeto da afecção.

In this article, I intent on evaluating Kant's notion of space and time *vis-à-vis* two main objections. First, I shall show the difficulties of Kant's approach in connection with non Euclidean geometries. Second, I shall examine the consequences of Kant's apriority, intuitivity and ideality theses of space and time in connection with the idea of an affecting object as the cause of our representations. In so doing, I shall strive to emphasize that transcendental idealism runs over two sorts of difficulties: regarding the first, Kant can only be rehabilitated if non Euclidean geometries are to be thought of as reducible to the Euclidean one; nonetheless, this can scarcely hold good once we take account of the conflict between the basic principles of those two kinds of geometries. As for the second, transcendental idealism will be shown as succumbing to the attempt to provide us with na adequate approach of the affecting object in the first place.

Meu propósito neste artigo é o de examinar a tese kantiana de que espaço e tempo são intuições a priori. Na primeira seção, procurarei apresentar, ainda que esquematicamente, os principais argumentos de Kant sobre a intuitividade e a idealidade do espaço e do tempo. A partir disso, considerarei duas objeções a essa linha de argumentos e suas conseqüências. A primeira, apresentada na segunda seção, é o clássico problema do comprometimento de Kant com a geometria euclideana. Procurarei mostrar que só seria possível defender Kant examinando a possibilidade de conceber as geometrias não-euclidianas à luz da geometria euclideana. Na terceira seção, examinarei a noção kantiana de intuição. Mostrarei que essa noção apresenta a dificuldade de se conceber o objeto que afeta a intuição de acordo com o idealismo transcendental. Com isso em mente, procurarei explorar as dificuldades de se aceitar o

Diálogos, 66 (1995) pp. 79-92.

**SKEPTICISM, METAPHYSICAL REALISM AND
TRANSCENDENTAL ARGUMENTS***

MARCO ANTONIO FRANGIOTTI

1. Skepticism

After all that has been said about transcendental arguments over the last three decades, it would seem that there is nothing else to be pointed out on such a topic.¹ Nevertheless, I do believe I have something to contribute to this discussion. My point is this: no response to the skeptic is valid if metaphysical realism is presupposed as the philosophical background against which he will be dealt with, no matter what kind of argument, whether transcendental or not, be put to work.

I think it is necessary to specify from the very beginning the kind of skeptic I am interested in, and with whom I am going to debate: he is someone who is not satisfied with the justification of most of his beliefs, particularly those regarding the external world. In different ways, he entertains suspicions about them and, not having found the answers, he asks us to help him. Resourceful as he is, our proposals are always brought into close examination, so that he keeps inviting us to consider counter-examples and antitheses to our alleged solutions. He may well be a man of convictions, as we are. He may, for example, believe that, if he puts wood in the fire, it will burn. He may also believe he is a human being, with a body that interacts with other bodies

* I would like to thank CAPES, for financing my studies in the United Kingdom, and Professor Roberto Torretti, for his important suggestions.

¹ I shall use the expression "transcendental arguments" in a Strawsonian way, i.e., in reference to a kind of argumentation inspired by Kant whereby the skeptic can be neutralized. What is striking about this is the fact that Strawson and others think it is possible to do so without a previous commitment to some of the main points of Kant's doctrine.

LAS DOS ESTRATEGIAS ANTI-ESCEPTICAS DE STRAWSON*

Marco Antonio Frangiotti

1. Introducción

En *Individuals*, Strawson afirma que las dudas escépticas pueden ser disipadas si usamos ese tipo de argumentación que él llama "transcendental".¹ Más tarde, en *The Bounds of Sense*, el mismo nos aclara que tales argumentos transcendentales pueden ser originalmente encontrados en la *Crítica de la Razón Pura* de Kant, más precisamente en la "Deducción Transcendental" (de aquí en más "Deducción") –donde, según Strawson nos dice, Kant fracasa– y en la "Refutación del Idealismo" (en adelante "Refutación") –donde el planteo kantiano resulta razonablemente exitoso. Pero semejante éxito, puntualiza Strawson, solo puede ser alcanzado si libramos a la "Refutación" de algunas de las doctrinas principales del idealismo transcendental. Esta estrategia supone claramente un enfoque filosófico del escepticismo que, en lugar de abordar nuestra visión del "mundo exterior", prioriza la consideración de la estructura de los argumentos aducidos en contra de esa posición filosófica. Recientemente, en su libro *Scepticism, Naturalism: Some Varieties*, Strawson suplanta aquella maniobra anti-escéptica por otra de corte naturalista, y así acaba recurriendo a una irresistible inclinación humeana que nos llevaría a desoír las dudas escépticas.

En este artículo, intentaré mostrar que ambas estrategias resultan insuficientes. En relación a la primera, sostendré que la misma no toma en consideración la discusión sobre el cuadro del mundo exterior que es presupuesto en cualquier recurso a argumentos anti-escépticos. Más precisamente, mostraré que la primera maniobra anti-escéptica de Strawson es muy poco promisoría porque deja de lado una justificación

* Quiero expresar mi agradecimiento al prof. Dr. Gustavo Caponi por su ayuda en la redacción de la presente versión en español de este artículo.

1. Strawson 1959, pgs. 41-2.

3

Argumentos Transcendentais e Ceticismo*

Marco Antonio Franciotti

1. Introdução

Neste final de século, o debate epistemológico tem em grande medida girado em torno da eficácia e consistência de um determinado tipo de argumento anti-cético originariamente denominado por Strawson de *transcendental*. Procurarei mostrar no que se segue que tais argumentos são ineficazes contra o cético. Será mostrado que os defensores desse tipo de argumentação não levam em conta o pano de fundo filosófico contra o qual o cético deve ser desarmado. Com isso, eles permitem ao cético encontrar refúgio dentro do realismo metafísico. Na seção 2, apresento as principais características dessa forma de realismo. Na seção 3, mostro a estrutura básica dos argumentos transcendentais. Na seção 4, recorrerei a um exemplo recente de argumento transcendental, a saber, aquele elaborado por Putnam, segundo o qual a hipótese cética de que nós somos cérebros em recipientes é auto-destrutiva. Tal como qualquer outro defensor da estratégia transcendental, Putnam acabará por apresentar os mesmos erros de Strawson.

2. Realismo Metafísico

Antes de examinar o realismo metafísico, creio ser necessário especificar desde início em que tipo de cético estou interessado, e com o qual

* Dutra, L.H. (org.) (1999): *Nos Limites da Epistemologia*, NEL/UFSC, Florianópolis, pgs. 81-102.

© 2012 dos autores

Direção editorial:
Paulo Roberto da Silva

Capa:
Maria Lúcia Iaczinski

Editoração:
Paulo Roberto da Silva

Revisão:
Heloisa Hübbe de Miranda

Ficha Catalográfica

(Catalogação na fonte elaborada pela DECTI da Biblioteca Central da UFSC)

W831 Wittgenstein em retrospectiva. Darlei Dall'Agnol, Arturo Fatturi, Janyne Sattler, organização. – Florianópolis : Editora da UFSC, 2012.

244 p.

Inclui referências

1. Wittgenstein, Ludwig, 1889-1951. 2. Filosofia austríaca. I. Dall'Agnol, Darlei. II. Fatturi, Arturo. III. Sattler, Janyne.

CDU: 1 WITTGENSTEIN

ISBN 978-85-328-0614-7

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, arquivada ou transmitida por qualquer meio ou forma sem prévia permissão por escrito da Editora da UFSC.

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
Darlei Dall'Agnol, Arturo Fatturi e Janyne Sattler	
A VIDA E A OBRA DE LUDWIG WITTGENSTEIN	9
Darlei Dall'Agnol	
A ÉTICA ESTOICA NO <i>TRACTATUS</i> DE WITTGENSTEIN	49
Janyne Sattler	
A INTERPRETAÇÃO MÍSTICA DO <i>TRACTATUS</i>	67
Evandro Bilibio	
DISCUSSÕES SOBRE A BASE DA FÉ RELIGIOSA A PARTIR DE <i>ON CERTAINTY</i>	83
Marciano Adilio Spica	
CRENÇA E PROPOSIÇÃO	97
João Carlos Salles	
SOLUÇÕES WITTGENSTEINIANAS AO PARADOXO DE MOORE	117
Eduardo Ferreira das Neves Filho	
WITTGENSTEIN E A ESTRATÉGIA TRANSCENDENTAL	137
Marco Antonio Franciotti	
A NOÇÃO WITTGENSTEINIANA DE CONSCIÊNCIA	151
Mirian Donat	
CULTURA E COTIDIANO: VARIAÇÕES A PARTIR DE <i>INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS</i> DE LUDWIG WITTGENSTEIN	163
Bortolo Valle	
WITTGENSTEIN, NEUROCIÊNCIA E NEUROÉTICA.....	173
Arturo Fatturi	
WITTGENSTEIN E HART: REGRAS DE RECONHECIMENTO, NORMATIVIDA- DE E INDETERMINAÇÃO DO DIREITO.....	191
Léo Peruzzo Júnior e Mayara Pablos	

WITTGENSTEIN E A ESTRATÉGIA TRANSCENDENTAL

Marco Antonio Franciotti

Moore e Wittgenstein

Em *On certainty*, Wittgenstein apresenta uma complexa argumentação contra o cético que tem suscitado múltiplas interpretações. Neste artigo, vou tratar de duas delas: a de Strawson (1987), segundo a qual há um naturalismo semelhante ao de Hume [2009] na posição de Wittgenstein; e uma gama de outros intérpretes para quem Wittgenstein teria concebido uma estratégia transcendental de argumentação contra o cético, tal como Strawson havia caracterizado anteriormente em *The bounds of sense* (1966). Para esses intérpretes, Wittgenstein procura mostrar que as dúvidas céticas acerca das chamadas proposições de Moore – em especial a proposição “há objetos externos”, ou “há objetos físicos” – são sem sentido, pois tais proposições garantem a inteligibilidade ou significatividade do jogo de linguagem unicamente no interior do qual as dúvidas céticas podem ser formuladas. Isso quer dizer que a própria dúvida cética não faria sentido caso a acolhêssemos em nosso discurso. Vou procurar mostrar neste artigo, num primeiro momento, que Wittgenstein realmente estrutura sua resposta ao cético segundo essa estratégia transcendental de argumentação. Num segundo momento, pretendo mostrar que sua remissão aos instintos deve ser vista como um tipo particular de prova racional que vai muito além da proposta de Hume e de Strawson.

A abordagem de Wittgenstein sobre o ceticismo se inspira, num primeiro momento, na argumentação de Moore. A simplicidade e a

DOUBTING THE SCEPTIC

MARCO A. FRANGIOTTI

Universidade Federal de Santa Catarina

ABSTRACT

This article aims at showing that contemporary attempts to rehabilitate Pyrrhonian scepticism do not hold water. I claim that a sceptic of this trend gets stuck in two major dilemmas. The first regards her object of investigation. I argue that, if she holds that her object of investigation is the non-evident truth, she will not be able to distance herself from dogmatism. In turn, if she holds that she seeks to establish sense data propositions, she will not be able to pose herself as an investigator. The second dilemma stems from the sceptical attempt to wipe out dogmatism by developing arguments to the effect that no (dogmatic) proof exists. I contend that those arguments can be viewed either as "good" arguments, in which case the sceptic will be considered just another theorist in possession of an explanation; or as expendable devices, in which case the sceptic will be incapable of carrying out her anti-dogmatic programme. Either way the sceptical position crumbles.

1. Introduction

Generally speaking, the Pyrrhonian sceptic is a person who, after observing the conflicting philosophical positions about all sorts of subjects (*diaphonia*), develops the ability to produce an opposing argument to every argument she is confronted to, the former possessing the same degree of persuasion as the latter (*isostheneia*). After playing this game for some time, she ends up suspecting that any acceptable

© *Principia*, 1(2) (1997) pp. 179-202. Published by Editora da UFSC, and NEL — Epistemology and Logic Research Group, Federal University of Santa Catarina (UFSC), Brazil.

ONCE MORE UNTO THE BREACH: STRAWSON'S ANTI-SCEPTICAL VIEW

MARCO ANTONIO FRANCIOTTI
Universidade Federal de Santa Catarina

Abstract. In this article, I am intent on rehabilitating Strawson's overall anti-sceptical strategy. First, I focus on his earlier attempt, which ignited the debate about the adequacy of transcendental arguments against the sceptic. I present Stroud's main reservation that Strawson's viewpoint is unworkable because it does not take into consideration the view of the external world upon which the sceptic is based in order to challenge our knowledge claims. I then focus on Strawson's later attempt, which is based upon a Humean-like naturalistic strategy. I show that his naturalism is intractable for two reasons: first because it reproduces the proof structure of transcendental arguments and ends up employing a rational proof to counter rational proofs; and second, because it matches the sceptic's advice that we should live according to our natural inclinations without ever trying to justify our beliefs. In the last section, I claim that it is possible to rehabilitate transcendental arguments as sound anti-sceptical proofs if we argue for the senselessness of the idea of thing in itself completely apart from our powers of conceptualisation.

Keywords: Scepticism, certainty, knowledge, proof, realism.

1. Walker and Stroud on Strawson

In *Individuals*, Strawson counters the sceptic by means of an argument that he calls transcendental (cf. Strawson 1959, 41–2). The sceptic's refusal to accept the truth of propositions about some beliefs implies the denial of that which he takes for granted from the very beginning, i.e., that he has experience. Transcendental arguments can thus be said to show “not that a proposition is true, but that it must be taken to be true if some indispensable sphere of thought or experience is to be possible” (cf. Griffiths 1969, 167). In that way, the problem of the justification of our empirical knowledge, for example, would be disentangled not by proceeding from a given premise in order to reach a certain conclusion that solves the initial problem, i.e., by deductively drawing certain conclusion from premises already known to be true, but by proceeding in the opposite direction: given that we have experience or thought, it is asked what it is that makes experience possible. If we can prove that the beliefs we entertain about the external world serve as pre-conditions experience or thought, the sceptical challenge will backfire, for very supposition raised by the sceptic would lead

Principia 13(2): 137–51 (2009).

Published by NEL — Epistemology and Logic Research Group, Federal University of Santa Catarina (UFSC), Brazil.

REFUTING KANT'S "REFUTATION OF IDEALISM"

Marco Antonio Frangiotti

In this paper I shall show that Kant's best anti-sceptical argument, found in the "Refutation of Idealism" - hereafter Refutation -, is not successful in debunking the sceptic. My strategy will be to argue that, although dependent upon transcendental idealism, the Refutation is inconsistent with it. In order to achieve this goal, I shall sketch, in section I, the two main interpretations of Kant's idealism, namely, the 'two world' and the 'two aspect' theories. I shall maintain that the latter is more in keeping with Kant's overall intentions in the *Critique of Pure Reason*. In section 2, I shall spell out the main points of the Refutation. In section 3, I shall argue that, in the context of the Refutation, the conception of the permanent as the pre-condition of any temporal sequence clashes with some of the main doctrines of transcendental idealism. Finally, in section 4, I shall follow some unsuccessful attempts to harmonise transcendental idealism with the Refutation.

1. Kant's Idealism

There are nowadays two main conflicting interpretations of Kant's transcendental idealism, to wit, the 'two world' and the 'two aspect' theories. 'Two world' theorists, like Prichard and, more recently, Strawson¹ claim that the distinction between phenomena and noumena in Kant is a distinction between two classes of entities: knowable and mind-dependent appearances and un-knowable and mind-independent things in themselves, respectively. A straightforward objection raised by the proponents of this interpretation is that transcendental idealism cannot determine what the external, mind independent world is really like, since all that we have access to are (mind-dependent) representations. What we can know is just the world as it shows up and not as it "really" is. Now, since the world in itself is not accessible to us, there are no means whereby we can possibly match our set of empirical representations with it.²

Although Kant sometimes encourages this interpretation, mainly in the A-edition of the *Paralogisms*, there is one main reason to discard it. Seen from the point of view of the 'two world' theory, transcendental idealism becomes unable to defeat transcendental realism, i.e., the doctrine that what is really apart from our cognitive resources.³ Although 'two world' theorists correctly read Kant to be acknowledging that what is real is that which appears to us in sensibility, they deal with Kant's notion of reality in itself as though it were a postulation of another world behind the veil of appearances. In so doing, they reintroduce the very heart of the conundrum wherein transcendental realists get entangled, namely, they end up establishing a gap between the way we see the world and the way the world really is. Now, since we have no access to a reality already made or constituted apart from our experience, it is not possible to match our view of the world with its allegedly inaccessible features. Once such

KANT E A REFUTAÇÃO DO IDEALISMO MATERIAL

Marco Antônio Franciotti

Universidade Federal de Santa Catarina

Neste artigo, procurarei apontar algumas complicações encontradas na “Refutação do Idealismo” de Kant. Em assim o fazendo, será possível aferir a eficácia anti-cética desse argumento. Minha estratégia será a de mostrar que, embora dependente do idealismo transcendental, a Refutação não é consistente com ele. Para atingir tal objetivo, esboçarei, na seção 1, as duas principais interpretações do idealismo de Kant, a saber, a teoria dos dois mundos e a teoria dos dois aspectos. Defenderei que a teoria dos dois aspectos é mais compatível com as intenções gerais de Kant na *Crítica da Razão Pura*. Na seção 2, destacarei os pontos principais da Refutação. Na seção 3, argumentarei que, no contexto da Refutação, a concepção do permanente enquanto pré-condição do auto-conhecimento colide com algumas das principais teses do idealismo transcendental. Finalmente, na seção 4, acompanharei algumas tentativas mal sucedidas de harmonizar o idealismo transcendental com a Refutação.

1. O Idealismo de Kant

Há hoje em dia duas principais interpretações do idealismo transcendental de Kant, a saber, a teoria dos dois mundos e a teoria dos dois aspectos. Adeptos da primeira, como Prichard e, mais recentemente, Strawson,ⁱ afirmam que a distinção entre fenômeno e númeno em Kant é uma distinção entre duas classes

Dutra, L. H. de A. e Smith, P. J. (orgs.), 2000. *Ceticismo: Perspectivas Históricas e Filosóficas*. Coleção Rumos da Epistemologia, vol. 2. Florianópolis, NEL, pp. 197–226.

Núcleo de Ética e Filosofia Política
Campus Universitário - Trindade - Florianópolis
Caixa Postal 476
Departamento de Filosofia / UFSC
CEP: 88040 900
[http:// www.nefipo.ufsc.br/](http://www.nefipo.ufsc.br/)

Capa

Foto: Alessandro Pinzani

Design: Leon Farhi Neto

Diagramação/editoração: Joel Thiago Klein

C732 Comentários às obras de Kant: Crítica da Razão Pura / Joel
Thiago Klein (Organizador) - Florianópolis: NEFIPO, 2012.
(Nefiponline)
824 p.

ISBN: 978-85-99608-08-1

1. Filosofia moderna ocidental. 2. Immanuel Kant.
I. Klein, Joel Thiago . II. Título

CDU: 1KANT

Catálogo na fonte elaborada por: *Débora Maria Russiano Pereira, CRB-14/1125*

Licença de uso creative commons

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc/3.0/deed.pt>



NEFIPO
Coordenador:
Prof. Dr. Denílson Werle
Vice-Coodenador:
Prof. Dr. Darlei Dall'Angnol

A refutação do idealismo: problema, objetivo e resultado do argumento kantiano <i>Hans Christian Klotz</i>	415
Kant e o problema do ceticismo na <i>Crítica da razão pura</i> <i>Marco Antonio Franciotti</i>	435
Sujeitos capazes de representar, objetos que dependem da mente: Kant, Leibniz e a Anfíbolia <i>Antonio-Maria Nunziante e Alberto Vanzo</i>	465
A ilusão transcendental <i>Julio Esteves</i>	489
Sobre a terceira antinomia <i>Alessandro Pinzani</i>	561
Refutação do argumento ontológico, ou filosofia crítica versus filosofia dogmática <i>Andrea Luisa Bucchile Faggion</i>	591
A representação por analogia na <i>Crítica da razão pura</i> <i>Joãosinho Beckenkamp</i>	613
Do uso regulativo das ideias da razão pura <i>Carlos Adriano Ferraz</i>	627
Por construção de conceitos <i>Abel Lassalle Casanave</i>	657
Liberdade e moralidade segundo Kant <i>Guido Antônio de Almeida</i>	695
O Cânon da razão pura <i>Flávia Carvalho Chagas</i>	721
A arquitetônica da razão pura <i>Ricardo Terra</i>	747
A história da razão pura: uma história filosofante da filosofia <i>Joel Thiago Klein</i>	779

KANT E O PROBLEMA DO CETICISMO NA *CRÍTICA DA RAZÃO PURA*

Marco Antonio Franciotti
Universidade Federal de Santa Catarina

1. Introdução

Tratar da questão do ceticismo na *Crítica da Razão Pura* é uma tarefa hercúlea. Isso porque Kant não enfrenta o cético diretamente. Ele acredita que o ceticismo, de um modo geral, é uma consequência nefasta de qualquer doutrina filosófica que não tenha passado pelo expurgo de uma revolução copernicana. Assim, é possível dizer que um objetivo importante da *Crítica da Razão Pura* é o de oferecer uma concepção filosófica dos objetos externos que seja impermeável ao ceticismo. A posição geral que sua teoria do conhecimento adotará face às diversas formas de ceticismo envolve, assim, a análise prévia e indispensável do debate que Kant trava com várias doutrinas filosóficas a fim de impedir que surjam dúvidas sobre nossas alegações de conhecimento.

De fato, é possível analisar várias partes da *Crítica da Razão Pura* como tratando de diferentes tipos de ceticismo, cada um associado a um filósofo em particular: primeiro, os dois tipos de ceticismo provenientes das duas formas de idealismo material, a saber, do idealismo dogmático de Berkeley, que é tratado e neutralizado na *Estética Transcendental*, e do idealismo problemático de Descartes, que é tratado na *Refutação do Idealismo*. Segundo, o ceticismo resultante da crítica da base racional do princípio da causalidade apresentada por Hume, que é tratada mais específica e profundamente na *Dedução Transcendental*. E terceiro, o ceticismo proveniente da isostenia pirrônica, que é tratada na *Dialética Transcendental*.

Em virtude da complexidade do tema, não é possível tratar de todas essas partes da *Crítica da Razão Pura* num único artigo. Sendo assim, vou tratar apenas do debate de Kant com o idealismo material. Pretendo mostrar que a visão idealista transcendental de Kant realmente evita as consequências inaceitáveis do idealismo material e dogmático de Berkeley e, dessa forma, pode ser visto como uma resposta a um tipo de ceticismo, mais exatamente, aquele que surge devido a nossa

The Kantian 'I think', the Cartesian Soul and the Humean Mind¹

Marco Franciotti, London

I. Introduction

In his account of the self, Descartes argued for the idea of a thinking substance, which he called the soul. Hume, in turn, opposed this conception but, in so doing, reduced the self (or the mind) to a mere theater wherein unconnected perceptions take place. I believe there is a more promising way of handling this issue. As I see it, Kant presents a standpoint which overcomes both Descartes' and Hume's inconsistencies. Hence, my aim in this paper is to present an argument based upon Kant's approach where it is shown, against Descartes, that what we usually call the T has no referent and *ipso facto* cannot be a substance; and, against Hume, that we are bound to presuppose a certain unity among representations in order to constitute any sequence of them. Kant's 'I think' is thereby deemed to be just a way of speaking of the unity of our experience, i.e., an emblem of this unity that is completely deprived of a substantial character.

2. Sequence and Unity

Suppose a sequence A, B, C, \dots . When I state this, what I mean is that certain items related in a certain way show up one after another. Items that display no order of precedence and succession cannot possibly be characterized as a sequence. This suggests that those members are gathered together or somehow connected so as to form a sequence. Let α be the connector, or the adhesive that primarily unifies the items for the procession to be constituted as such. Thus put, it seems reasonable that α itself cannot be a member of the sequence. The unifier α is the precondition for the sequence to occur in the first place and not just another unified element in the sequence. If the sequence were A, B, α, C, \dots then we would have any way to find an a' to unify them and to constitute the flux of items A, B, α, c, \dots . On the other hand, there has to be one a only to do the desired job. Even if w, y, z, \dots were thought of as being unifiers as well, I would be required, at the end of the day, that an alleged sequence wA, yB, zC, \dots , i.e., 'A unified by a ', 'B unified by y ', 'C unified by z ', displayed an order of precedence and succession for the sequence to be a sequence. That is, even the sequence wA, yB, zC, \dots , to be a sequence, requires a certain connection amongst its members. This would force us once again to search for an α to unify or to connect them somehow.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

FILOSOFIA
licenciatura a distância

HISTÓRIA DA FILOSOFIA III

Marco Antonio Franciotti



UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL

Ministério
da Educação

Governo
Federal

Segunda Edição
Florianópolis, 2013.

GOVERNO FEDERAL

Presidente da República Dilma Vana Rousseff
Ministro da Educação Aloizio Mercadante
Coordenador Nacional da Universidade Aberta do Brasil Celso José da Costa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitora Roselane Neckel
Vice-reitora Lúcia Helena Pacheco
Pró-reitora de Ensino de Graduação Roselane Fátima Campos
Pró-reitora de Pesquisa Jamil Assereuy Filho
Pró-reitora de Pós-Graduação Joana Maria Pedro
Pró-Reitor de Extensão Edison da Rosa
Pró-Reitora de Planejamento e Orçamento Beatriz Augusto de Paiva
Pró-reitor de Administração Antônio Carlos Montezuma Brito
Pró-reitor de Infra-Estrutura João Batista Furtuoso
Pró-reitor de Assuntos Estudantis Lauro Francisco Mattei
Secretário de Relações Internacionais Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho
Secretário Especial de Aperfeiçoamento Institucional Airton Lisle Cerqueira Leite Seelaender
Secretário de Cultura Paulo Ricardo Berton
Secretária Especial da Secretaria Gestão de Pessoas Neiva Aparecida Gasparetto Cornélio

CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA NA MODALIDADE A DISTÂNCIA

Diretora Unidade de Ensino Paulo Pinheiro Machado
Chefe do Departamento Gustavo Andrés Caponi
Coordenador de Curso Marco Antonio Franciotti
Subcoordenador de Curso Delamar José Volpato Dutra
Coordenador de Tutoria Jaimir Conte
Coordenador de Ambiente Virtual de Ensino-Aprendizagem e Designer Instrucional André Cruz Goulart
Secretária de Curso Edinéia Cristiani Pedrotti

Copyright © 2013 Licenciaturas a Distância FILOSOFIA/EAD/UFSC

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada sem a prévia autorização, por escrito, da Universidade Federal de Santa Catarina.

CDU141

Franciotti, Marco Antonio
História da filosofia III / Marco Antonio Franciotti.— Florianópolis:
FILOSOFIA/EAD/UFSC, 2013. 2ed.
143 p.
ISBN 978-85-61484-32-3
1. Ciência moderna. 2. Conhecimento. 3. Relação sujeito-objeto.

Catálogo na fonte elaborada na DECTI da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina.

HUME AND REASON

MARCO ANTONIO FRANCIOTTI
UFSC/CNPq

Abstract

In this article I challenge the current view that Hume is a naturalist as well as a sceptic. I hold he is a peculiar kind of rationalist. I argue that his position is best viewed as a philosophical approach designed to accommodate the tendencies of human nature. This task is carried out by means of a second-order reflection, which turns out to be based upon reason of a non-demonstrative kind. It is brought into clear focus when the mind discovers a conflict between two tendencies. In section one, I highlight this kind of conflict in Hume's account of causal inference. In section two, I unfold the conflict that can be found in his account of our belief in the continued and independent existence of objects. In section three, I show how it is possible to reconcile our tendencies. I maintain that this reconciliation is effected by means of second-order, reason-based arguments. In section four, I examine the status of Hume's scepticism in the light of the preceding account and conclude that his standpoint is not sceptical at all.

1. Our Belief in Causal Relations

A considerable number of Hume commentators have classed his philosophy as naturalistic.¹ This is so because Hume has often been viewed as providing a naturalistic account of how we come to have our most basic beliefs, in opposition to those Cartesian philosophers who struggle to explain this by means of reason-based accounts.² This interpretation presupposes a sharp distinction between arguments whose basis lies solely in reason and arguments whose basis lies in our feelings or our instincts. In this way, Descartes' proof of the existence of God in the Third Meditation, for example, may be considered as an argument of the first kind. Therein we can find ra-

LAURENCE BONJOUR
ANN BAKER
PROFESSORES DA UNIVERSIDADE DE WASHINGTON

FILOSOFIA

TEXTOS FUNDAMENTAIS COMENTADOS

2ª EDIÇÃO

Consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição:

Maria Carolina dos Santos Rocha

*Professora e Doutora em Filosofia Contemporânea pela ESA/Paris e UFRGS/Brasil
Mestre em Sociologia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS)/Paris*

Roberto Hofmeister Pich

*Doutor em Filosofia pela Universidade de Bonn, Alemanha.
Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS.*

Versão impressa
desta obra: 2010



2010

MENTES E CORPOS

As seleções de leitura neste capítulo pertencem à área da filosofia conhecida como filosofia da mente e giram em torno do problema central dessa área: o problema mente/corpo – uma questão que o filósofo alemão Arthur Schopenhauer descreveu, por sua centralidade e dificuldade, como “o nó do mundo”. Os filósofos tentam desatar esse nó esclarecendo a natureza da mente e a relação entre *mentes* e estados mentais (ou espirituais), de um lado, e *corpos* físicos e seus estados físicos ou materiais, de outro.

AS MENTES E OS ESTADOS MENTAIS SÃO DISTINTOS DOS CORPOS OU ESTADOS MATERIAIS ?

É bastante óbvio que as pessoas têm estados mentais conscientes, incluindo não apenas sensações e sentimentos de vários tipos, como também crenças, desejos e emoções conscientes; e se a mente é aquilo *em relação ao qual* esses vários estados ocorrem, então é também óbvio que as pessoas têm mentes. Ao mesmo tempo, é igualmente óbvio que as pessoas têm corpos físicos, incluindo, em especial, seus cérebros, que envolvem vários tipos de estados e processos físicos. A questão fundamental da qual tratam as seleções de leitura neste capítulo é a relação entre estes dois aspectos das pessoas: será que as mentes e os estados mentais são distintos dos corpos ou estados materiais ou corporais (como o **dualismo** afirma), sendo que as pessoas seriam constituídas de dois tipos fundamentalmente diferentes de ingredientes? Ou será que, de algum modo, as mentes e os estados mentais são apenas, ou são **reduzíveis** a, corpos e estados materiais (como o **materialismo** afirma)? Apesar da tendência recente de se admitir que o cérebro é central para a atividade mental e mesmo talvez de ser identificado com a mente, na verdade, a conexão entre esses dois aspectos básicos das pessoas está longe de ser óbvio.

Ao pensar sobre essas visões, será útil ter disponível um exemplo simples que envolva estados tanto mentais quanto materiais. Suponha que eu saia pela porta da frente e pare na metade do caminho em direção ao meu carro, pois percebo que está frio e úmido, que há nuvens escuras e que o vento parece estar aumentando; eu decido que provavelmente irá chover e esfriar, de modo que eu volto para casa para buscar um casaco e um guarda-chuva; tendo feito isso, vou ao carro novamente. Aqui temos vários estados mentais: *sensações* de frio, umidade, escuridão e tempo ventoso; *crenças* perceptivas sobre tudo isso e ainda a crença de que vai chover e esfriar; e supostamente um *desejo* de não me molhar ou sentir frio. Há também vários estados físicos ou materiais: além da condição física do meu ambiente, há o *comportamento* físico do meu corpo andando, parando, virando a cabeça e andando outra vez, juntamente com a condição física do meu corpo e dos vários órgãos sensoriais: o frio e a umidade da minha pele, as ondas de luz atingindo meus olhos, e assim por diante.

Dualismo

De acordo com a visão dualista, os estados mentais envolvidos nesse exemplo são bem distintos dos estados físicos ou materiais. A motivação inicial do dualismo é a constatação, que apenas um grupo de filósofos (os behavioristas lógicos – a ser discutido) chegou a negar, de que os estados mentais conscientes não *parecem*, na medida em que somos conscientes deles, ser estados do cérebro ou de nenhum tipo de estado físico. Pen-

Contribuições de Wittgenstein à epistemologia da psicanálise

Marco Antonio Frangiotti

Departamento de Filosofia

Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: marcofk2@yahoo.com

Resumo: Este artigo visa mostrar que a crítica de Wittgenstein a Freud pode ser epistemologicamente útil para evidenciar algumas dificuldades teóricas da parte metapsicológica da psicanálise, em especial as observações insistentes de Freud de que a sua psicologia profunda deve ser considerada como uma ciência dos fenômenos psíquicos.

Palavras-chave: psicanálise, ciência, linguagem, determinismo, metafísica.

Abstract: This article seeks to demonstrate that Wittgenstein's criticism of Freud can be epistemologically fruitful to pinpoint some insurmountable theoretical difficulties in the metapsychological aspect of psychoanalysis, especially with regard to Freud's insistent remarks that his deep psychology must be viewed as a scientific approach of psychic phenomena.

Key-words: psychoanalysis, science, language, determinism, metaphysics.

Darlei Dall'Agnol
Delamar José Volpato Dutra
Marco Antonio Franciotti

Fundamentos Filosóficos da Educação

Florianópolis, 2006

Produção Gráfica e Editorial

Núcleo de Criação e Desenvolvimento de Material

Coordenação: Isabella Benfica Barbosa

Coordenação Design Instrucional: Klalter Bez Fontana

Design Gráfico e Editorial: Carlos A. Ramirez Righi,

Diogo Henrique Ropelato

Mariana da Silva

Adaptação Design Gráfico: Marta Cristina Goulart Braga

Natal Anacleto Chicca Junior

Design Instrucional: Nilza Godoy Gomes

Revisão Ortográfica: Helena Gouveia

Ilustrações: Maximilian Vartuli

Editoração Eletrônica: Ana Clara Miranda Gern

Copyright © 2006, Universidade Federal de Santa Catarina / Consórcio RediSul

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Coordenação Acadêmica do Curso de Licenciatura em Física na Modalidade à Distância.

Ficha Catalográfica

F827f

Franciotti, Marco

Dutra, Fundamentos Filosóficos da Educação / Marco Franciotti, Delamar

Darlei Dall'Agnol. – Florianópolis : UFSC/EAD/CED/CFM, 2006.

133p.

ISBN 85-99379-19-4

1. Educação. 2. Filosofia. I. Dutra, Delamar. Dall'Agnol, Darlei.

II Título.

CDU 51:37



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

FILOSOFIA
licenciatura a distância

PLATÃO E A EDUCAÇÃO FILOSÓFICA

Marco Antônio Franciotti



UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL

Ministério
da Educação

Governo
Federal

Florianópolis, 2014.

GOVERNO FEDERAL

Presidente da República Dilma Vana Rousseff
Ministro da Educação Aloizio Mercadante
Coordenador Nacional da Universidade Aberta do Brasil Celso José da Costa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitora Roselane Neckel
Vice-reitora Lúcia Helena Pacheco
Pró-reitora de Ensino de Graduação Roselane Fátima Campos
Pró-reitora de Pesquisa Jamil Assereuy Filho
Pró-reitora de Pós-Graduação Joana Maria Pedro
Pró-Reitor de Extensão Edison da Rosa
Pró-Reitora de Planejamento e Orçamento Beatriz Augusto de Paiva
Pró-reitor de Administração Antônio Carlos Montezuma Brito
Pró-reitor de Infra-Estrutura João Batista Furtuoso
Pró-reitor de Assuntos Estudantis Lauro Francisco Mattei
Secretário de Relações Internacionais Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho
Secretário Especial de Aperfeiçoamento Institucional Airton Lisle Cerqueira Leite Seelaender
Secretário de Cultura Paulo Ricardo Berton
Secretária Especial da Secretaria Gestão de Pessoas Neiva Aparecida Gasparetto Cornélio

CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA NA MODALIDADE A DISTÂNCIA

Diretora Unidade de Ensino Paulo Pinheiro Machado
Chefe do Departamento Gustavo Andrés Caponi
Coordenador de Curso Marco Antonio Franciotti
Subcoordenador de Curso Delamar José Volpato Dutra
Coordenador de Tutoria Jaimir Conte
Coordenador de Ambiente Virtual de Ensino-Aprendizagem e Designer Instrucional André Cruz Goulart
Secretária de Curso Edinéia Cristiani Pedrotti

Copyright © 2014 Licenciaturas a Distância FILOSOFIA/EAD/UFSC
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada sem a prévia autorização, por escrito, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Franciotti, Marco Antonio.
Platão e a Educação Filosófica/ Marco Antonio Franciotti. –
Florianópolis : FILOSOFIA/EAD/UFSC, 2014.
170p. : il., gráficos
Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-61484-37-8
1. Educação – Filosofia. I. Título.

CDU: 37.01

Catálogo na fonte elaborada na DECTI da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina.



Caderno de Estudos

**FUNDAMENTOS
EPISTEMOLÓGICOS DA
GEOGRAFIA**

Prof. Marco Antonio Franciotti

Editora UNIASSELVI
2013

NEAD



Copyright © Editora UNIASSELVI 2012

Elaboração:

Prof. Maurício Saturnino Sestrem

Revisão, Diagramação e Produção:

Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI

FICHA CATALOGRÁFICA

(Elaborada na Fonte)

910.7

F817f Franciotti, Marco Antonio

Fundamentos epistemológicos da geografia / Marco Antonio Franciotti. Indaial : Uniassevi, 2013.

196 p. : il

ISBN 978-85-7830- 647-2

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Fundamentos.
I. Centro Universitário Leonardo da Vinci.

Memorial de Atividades Acadêmicas

Documentos Comprobatórios do Capítulo 3 Administração e Extensão

MARCO ANTONIO FRANCIOTTI

SIAPE 01158868-3
MATRÍCULA UFSC 08485-3

Departamento de Filosofia
Dezembro de 2014



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
GABINETE DO REITOR

Campus Universitário - Trindade - CEP: 88040-900 - Florianópolis - SC
Tel.: (48) 331-9320 - Fax: (48) 234-4069 - E-mail: gabinete@reitoria.ufsc.br

Florianópolis, 29 de dezembro de 1999.

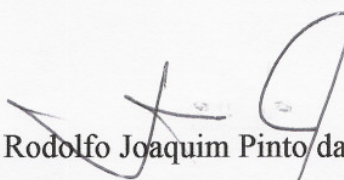
PORTARIA Nº 0643/GR/99.

O Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais, e tendo em vista os termos do Ofício nº 55/FIL/99, de 27/12/99,

RESOLVE:

DESIGNAR, a partir de 31/08/99, **MARCO ANTÔNIO FRANGIOTTI**, Professor Adjunto, para, na qualidade de Chefe do Departamento de Filosofia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, exercer as funções de Presidente do Colegiado do Curso de Graduação em Filosofia.

2. O exercício da Presidência do Colegiado findará em 31/08/2001, coincidindo com o término do seu mandato como Chefe do Departamento de Filosofia.


Prof. Rodolfo Joaquim Pinto da Luz



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
GABINETE DO REITOR

CAMPUS UNIVERSITÁRIO - TRINDADE CEP: 88040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC
TELEFONE (048) 3721-9320 - FAX (048) 3234-4069
E-mail: gabinete@reitoria.ufsc.br

Florianópolis, 28 de setembro de 2007.

PORTARIA Nº 789/GR/2007.

O Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais, e tendo em vista o que consta no Memo nº 101/CFH/2007, de 28/09/2007,

RESOLVE:

DESIGNAR MARCO ANTÔNIO FRANCIOTTI, Professor Associado, MASIS nº 84853, SIAPE nº 1158868, para exercer, *pro tempore*, no período de 01/10/2007 a 31/10/2007, as funções de Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, código FG-1, integrante do Quadro Distributivo de Cargos de Direção e Funções Gratificadas de que trata a Portaria nº 0321/GR/97, de 16/01/97.

Prof. Lúcio José Botelho



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
GABINETE DO REITOR

CAMPUS UNIVERSITÁRIO - TRINDADE CEP: 88040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC
TELEFONE (048) 331-9320 - FAX (048) 234-4069
E-mail: gabinete@reitoria.ufsc.br

Florianópolis, 18 de agosto de 2003.

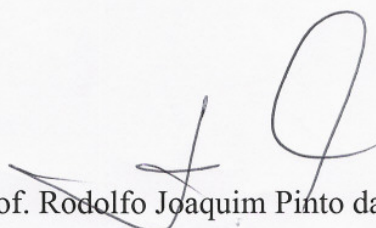
PORTARIA Nº 335 /GR/2003.

O Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais, e tendo em vista os termos do documento s/nº, assinado pelo Diretor do CFH, datado de 15/08/2003,

RESOLVE:

DESIGNAR MARCO ANTONIO FRANGIOTTI, Professor Adjunto, masis nº 84853, siape nº 1158868, para exercer *pro tempore* as funções de Chefe do Departamento de Filosofia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, código FG-1, integrante do Quadro Distributivo de Cargos de Direção e Funções Gratificadas de que trata a Portaria nº 0321/GR/97, de 16/01/97.

2. Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação no DOU.


Prof. Rodolfo Joaquim Pinto da Luz



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
GABINETE DO REITOR
CAMPUS UNIVERSITÁRIO - TRINDADE - CEP: 88040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC
TELEFONE: (48) 331-9320 - FAX: (48) 234-4069
E-mail: gabinete@reitoria.ufsc.br

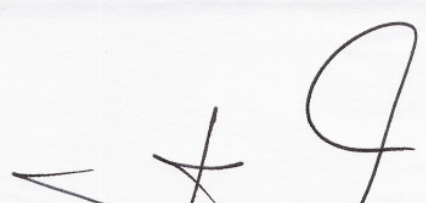
Florianópolis, 03 outubro de 2003.

PORTARIA Nº 407 /GR/2003.

O Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, no uso de suas atribuições previstas na Portaria nº 0649/GR/96, e tendo em vista os termos do Ofício nº 105/CFH/2003, de 01/10/2003,

RESOLVE:

DESIGNAR MARCO ANTÔNIO FRANGIOTTI, Professor Adjunto, masis nº 84853, siape nº 1158868, para exercer as funções de Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, código FG-1, integrante do Quadro Distributivo de Cargos de Direção e Funções Gratificadas de que trata a Portaria nº 0321/GR/97, de 16/01/97, para um mandato de 02 (dois) anos, a partir de 01/10/2003.


Prof. Rodolfo Joaquim Pinto da Luz



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
ÓRGÃOS DELIBERATIVOS CENTRAIS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO - TRINDADE - CEP: 88040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC
TELEFONE: (048) 331-9661 - FAX: (048) 234-4069
E-mail: conselho@reitoria.ufsc.br

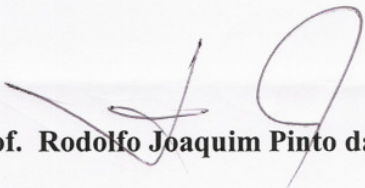
Florianópolis, 08 de outubro de 2003.

PORTARIA Nº 422/GR/2003

O Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais, e tendo em vista o disposto no inciso II do art. 17-C do Estatuto e Ofício nº 107/CFH/2003, de 03 de setembro de 2003,

RESOLVE:

DESIGNAR o Professor **Marco Antônio Frangiotti**, como representante dos Coordenadores dos Programas de Pós-Graduação *Stricto sensu* do Centro de Filosofia e Ciências Humanas na Câmara de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, com mandato a expirar-se em 01/10/2005.


Prof. Rodolfo Joaquim Pinto da Luz



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
GABINETE DO REITOR

CAMPUS UNIVERSITÁRIO - TRINDADE CEP: 88040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC
TELEFONE (048) 331-9320 - FAX (048) 234-4069
E-mail: gabinete@reitoria.ufsc.br

Florianópolis, 18 de outubro de 2005.

PORTARIA Nº 963/GR/2005.

O Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais, e tendo em vista os termos do Ofício nº 219/CFH/2005, de 14/09/2005,

RESOLVE:

DESIGNAR MARCO ANTÔNIO FRANCIOTTI, Professor Adjunto, masis nº 84853, siape nº 1158868, para exercer as funções de Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, código FG-1, integrante do Quadro Distributivo de Cargos de Direção e Funções Gratificadas de que trata a Portaria nº 0321/GR/97, de 16/01/97, para um mandato de 2 (dois) anos, a partir de 01/10/2005.


Prof. Lúcio José Botelho



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
GABINETE DO REITOR

CAMPUS UNIVERSITÁRIO - TRINDADE CEP: 88040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC
TELEFONE (048) 3721-9320 - FAX (048) 3234-4069
E-mail: gabinete@reitoria.ufsc.br

Florianópolis 27 março de 2007

PORTARIA Nº 243/GR/2007.

O Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais, tendo em vista o que consta da Resolução nº 018/CUn/2004, de 30/11/2004, e do Ofício nº 065/CFH/2007, de 20/03/2007,

RESOLVE:

DESIGNAR MARCO ANTÔNIO FRANCIOTTI, Professor Associado, MASIS nº 84853, SIAPE nº 1158868, para exercer as funções de Subcoordenador do Curso de Graduação em Filosofia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, para um mandato de 02 (dois) anos, a partir de 01/04/2007.

2. Atribuir carga horária de 10 (dez) horas semanais para o desempenho de tais atividades.


Prof. Lucio José Botelho



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PORTARIA N. 011/CFH/2011

Florianópolis, 17 de fevereiro de 2011.

A Professora Roselane Neckel, Diretora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, no uso da delegação de competência que lhe foi atribuída;

RESOLVE:

1. Designar o Professor Marco Antônio Franciotti para exercer as funções de **Coordenador de Estágio do Departamento de Filosofia**. A referida função terá a carga horária de 10 (dez) horas semanais, a contar do dia 01/03/2011, e será exercida até o dia 28 de fevereiro de 2013.

Assinatura manuscrita em tinta preta, com uma assinatura fluida e estilizada.

PROFA. DRA. ROSELANE NECKEL
Diretora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
GABINETE DO REITOR

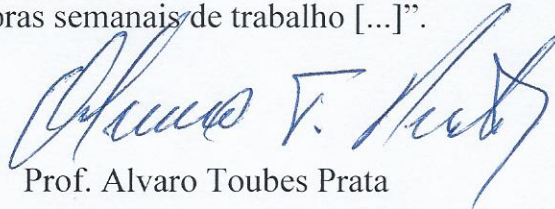
CAMPUS UNIVERSITÁRIO - TRINDADE CEP: 88040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC
TELEFONE (048) 3721-9320 - FAX (048) 3721-8422
E-mail: gabinete@reitoria.ufsc.br

PORTARIA N.º 1354/GR/2010, DE 25 DE OUTUBRO DE 2010.

O Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais, tendo em vista o que consta no Memorando n.º 104/EaD/DEN/PREG/2010, de 10/9/2010,

RESOLVE:

ALTERAR a Portaria n.º 305/GR/2008, de 14/4/2010, que designa **MARCO ANTÔNIO FRANCIOTTI**, Professor Associado, MASIS n.º 84853, SIAPE n.º 1158868, para coordenar o planejamento, organização e funcionamento do Curso de Licenciatura em Filosofia – Modalidade a Distância, onde se lê: “[...] Atribuir a carga horária de 20 (vinte) horas semanais de trabalho [...]”, leia-se: “[...] Atribuir a carga horária de trinta horas semanais de trabalho [...]”.



Prof. Alvaro Toubes Prata



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
Campus Universitário - Trindade - Caixa Postal 476
88010-970 Florianópolis - SC - Brasil
Tel: (048) 2319248 - Fax: (048) 2319751

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que o Prof. Dr. Marco Antônio Frangiotti participou como Membro da Banca do Concurso Público para Professor Adjunto, na área de Epistemologia no dia 13 de agosto de 1997.

Florianópolis, 9 de setembro de 1997

Prof. Dr. João Eduardo Pinto Basto Lupi
Chefe do Departamento de Filosofia



unioeste

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ

Rua Universitária, 1619 - Fone (045) 225-5353 - Fax (045)225-4590 - Cx. P. 801 - J. Universitário - CEP 85814-110 - Cascavel - PR
Reitoria

COMISSÃO DE CONCURSO PÚBLICO

D E C L A R A Ç Ã O

A Comissão de Concurso Público, para admissão de docentes da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, constituída e com competência, conforme dispõe a Portaria nº0815/97-GRE de 10.07.97, no uso de suas atribuições, declara que o Professor **Marco Antonio Frangiotti** foi Banca Examinadora no 14º Concurso Público de Provas e Títulos, para a área de Problemas Metafísicos, Departamento de Filosofia, Campus de Toledo, constituída conforme Portaria nº392/97-PRAD de 25 de setembro de 1997.

É a declaração.

Cascavel, 24 de novembro de 1997.

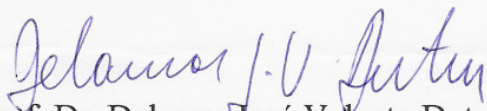
Tarcísio Vanderlinde
Presidente da Comissão de Concurso Público

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que, o Prof. Dr. Marco Antônio Frangiotti participou como membro da Banca Examinadora do Concurso Público para professor Adjunto na área de Estética nos dias 30/03/99 a 01/04/99 neste Departamento.

Florianópolis, 27 de abril de 1999



Prof. Dr. Delamar José Volpato Dutra
Chefe do Depto. de Filosofia



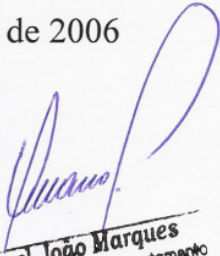
**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Filosofia**

**Campus Universitário Trindade - CEP: 88040-900 -C.P.: 476
Tel.: 331-9248 - Fax: 331-8808 - E-mail: wfil@cfh.ufsc.br**

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins e direitos, que o Professor Marco Antônio Franciotti constituiu a Banca Examinadora do Concurso Público para Professor Adjunto na área de Epistemologia, do Departamento de Filosofia da UFSC, nomeado membro conforme edital n. 035/DDPP/05, concurso realizado em 2005.2, tendo sido homologados 02 (dois) candidatos: Júlio Cezar Burdzinski e Sofia Inês Albornoz Stein.

UFSC, 17 de outubro de 2006


Manoel João Marques
Chefe do Expediente do Departamento
de Filosofia/CFH-UFSC



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Toledo

Rua da Faculdade, 645 - Jd. La Salle - Fone: (45) 3379-7000 - Fax: (45) 3379-7002 - CEP 85903-000 - Toledo - PR

www.unioeste.br

DECLARAÇÃO

Declaramos que **MARCO ANTÔNIO FRANCIOTTI**, participou da Banca Examinadora do 28º Concurso Público para Docentes da UNIOESTE, para Admissão de Professor Efetivo Não Titular do Centro de Ciências Humanas e Sociais do *Campus* de Toledo, na área/matéria de Metafísica, realizado nos dias 05, 06 e 07/11/2007.

É a declaração.

Toledo, 07 de novembro de 2007.

APARECIDO NIVALDO MÓDENES
Coordenador Local do Concurso Público
Portaria 1018/2005-GRE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PRÓ- REITORIA DE DESENVOLVIMENTO HUMANO E SOCIAL
DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO DE POTENCIALIZAÇÃO DE PESSOAS
DIVISÃO DE ADMISSÃO E MOVIMENTAÇÃO

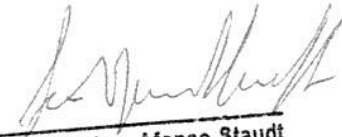
ANEXO 2

MODELO DE CRONOGRAMA

CRONOGRAMA DAS PROVAS DO CONCURSO DOCENTE MAGISTÉRIO SUPERIOR –
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – ÁREA: **FILOSOFIA MODERNA**

Dia	Horário	Atividade	Local
22/10/2009	14h às 18h	Entrega do trabalho escrito e do Curriculum Vitae documentado. Serão aceitos documentos enviados por sedex com data de postagem até 22/10/2009.	Secretaria do Departamento de Filosofia/CFH/UFSC
07/12/2009	8h e 30min	Sorteio do ponto para a prova didática, por ordem de inscrição e definição dos horários da prova didática e da defesa do trabalho escrito.	NÉFIPO – Núcleo de Ética e Filosofia Política Sala 210 Bloco “D” CFH/UFSC
08/12/2009	8h e 30min	Prova de Títulos	NÉFIPO – Núcleo de Ética e Filosofia Política Sala 210 Bloco “D” CFH/UFSC
09/12/2009	8h e 30min	Prova didática, conforme horário estabelecido em 07/12/2009.	Sala 328 Bloco “B” CFH/UFSC
10/12/2009	13h e 30min	Defesa do trabalho escrito, conforme horário estabelecido em 07/12/2009.	Sala 328 Bloco “B” CFH/UFSC
11/12/2009	20h	Divulgação dos resultados	NÉFIPO – Núcleo de Ética e Filosofia Política Sala 210 Bloco “D” CFH/UFSC

Comissão Examinadora			
Presidente	Membro	Membro	Suplente
Prof. Dr. Marcos José Müller Granzotto/UFSC	Prof.: Dr. Marco Antônio Franciotti/UFSC	Prof. Dr. Vivianne de Castilho Moreira/UFPR	Prof. Dr. Celso Reni Braida /UFSC Prof. Dr. Gustavo Andrés Caponi/UFSC


Prof. Dr. Leo Afonso Staudt
Chefe do Departamento
de Filosofia-CFH/UFSC



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PRÓ- REITORIA DE DESENVOLVIMENTO HUMANO E SOCIAL
DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO DE POTENCIALIZAÇÃO DE PESSOAS
DIVISÃO DE ADMISSÃO E MOVIMENTAÇÃO

ANEXO 2

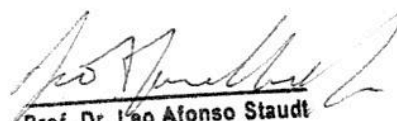
MODELO DE CRONOGRAMA

CRONOGRAMA DAS PROVAS DO CONCURSO DOCENTE MAGISTÉRIO SUPERIOR –
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – ÁREA: FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Dia	Horário	Atividade	Local
16/04/2009	14h às 18h	Entrega do trabalho escrito e do Curriculum Vitae documentado. Serão aceitos documentos enviados por sedex com data de postagem até 16/04/2009.	Secretaria do Departamento de Filosofia/CFH/UFSC
01/06/2009	08:30h	Sorteio do ponto para a prova didática, por ordem de inscrição e definição dos horários da prova didática e da defesa do trabalho escrito.	Sala 331 CFH/UFSC
02/06/2009	08:30h	Prova de Títulos	NIM/FIL/CFH
03/06/2009	08:30h	Prova didática, conforme horário estabelecido em 01/06/2009.	SALA DE USO MULTIPLO GCN
04/06/2009	08:30h	Defesa do trabalho escrito, conforme horário estabelecido em 01/06/2009;	SALA DE USO MULTIPLO GCN
05/06/2009	09:00h	Divulgação dos resultados	NIM/FIL/CFH

Comissão Examinadora

Presidente	Membro	Membro	Suplente
Prof. Dr. Silvano José Assmann, Titular/UFSC	Prof. Dr. Marco Antônio Franciotti, Associado /UFSC	Prof. Dr. Luiz Bombassaro, Adjunto/UFRGS	Profª. Drª. Cláudia P. Drucker/ Adjunto /UFSC Prof. Dr. Alexandre Vaz, Adjunto/UFSC


Prof. Dr. Léo Afonso Staudt
Chefe do Departamento
de Filosofia-CFH/UFSC



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
COMISSÃO ÚNICA DE CONCURSO

Chapecó, 09 de fevereiro de 2012.

Ministério da Educação
Universidade Federal da
Fronteira Sul

Avenida Getúlio Vargas, 609s
Edifício Engemed, 2º Andar
Chapecó - Santa Catarina
Brasil - CEP 89812-000

www.uffs.edu.br
contato@uffs.edu.br

DECLARAÇÃO

O Presidente da Comissão Única de Concurso, Prof. Dr. ANTÔNIO INÁCIO ANDRIOLI, declara que os professores abaixo relacionados participaram, como membros titulares, da Banca Examinadora do Concurso Público destinado a selecionar candidatos para provimento de cargos da Carreira do Magistério Superior, para o Quadro Permanente da UFFS, EDITAL Nº 171/UFFS/2011, nos dias 5 a 9 de fevereiro do corrente.

Área: Teoria do Conhecimento

Banca Examinadora: Marco Antonio Franciotti
Rogério Fabianne Saucedo Corrêa
José Oto Konzen
Marcio Soares

Prof. Antônio Inácio Andrioli
Presidente da Comissão Única de Concurso





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PORTARIA N. 28/CFH/2013

Florianópolis, 18 de abril de 2013.

O Professor Paulo Pinheiro Machado, Diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, considerando a aprovação pelo Conselho de Unidade do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, em reunião realizada em 18/04/2013,

RESOLVE:

Tornar pública a composição das bancas examinadoras para os concursos públicos abaixo relacionados, objetos do Edital nº 008/DDP/2013, de 28/02/2013.

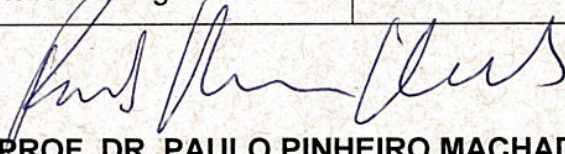
Departamento: Filosofia		
Área/Subárea de Conhecimento: Filosofia/Epistemologia		
Processo: 23080.058623/2012-76		
Prof. Dr. Marco Antônio Franciotti	UFSC	Presidente
Prof. Dr. Décio Krause	UFSC	Membro
Prof. Dr. Guido Imaguire	UFRJ	Membro
Prof. Dr. Jaimir Conte	UFSC	Suplente Interno
Profa. Dra. Marisa Carneiro de Oliveira Franco Donatelli	UESC	Suplente Externo

Departamento: Filosofia

Área/Subárea de Conhecimento: Filosofia/Lógica

Processo: 23080.058604/2012-40

Prof. Dr. Cezar Augusto Mortari	UFSC	Presidente
Prof. Dr. Arthur Ronald de Vallauris Buschsbaum	UFSC	Membro
Prof. Dr. Hercules de Araujo Feitosa	UNESP	Membro
Prof. Dr. Alexandre Meyer Luz	UFSC	Suplente Interno
Prof. Dr. Marcelo Esteban Coniglio	UNICAMP	Suplente Externo



PROF. DR. PAULO PINHEIRO MACHADO
Diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PORTARIA N. 150/CFH/2014

Florianópolis, 12 de dezembro de 2014.

O Professor Paulo Pinheiro Machado, Diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, considerando a aprovação pelo Conselho de Unidade do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, em reunião realizada em 12/12/2014,

RESOLVE:

Tornar pública a composição da banca examinadora para o concurso público abaixo relacionado, objeto do Edital nº 299/DDP/2014, de 07/11/2014.

Departamento: Filosofia		
Área/Subárea de Conhecimento: Filosofia/Filosofia da Ciência		
Processo: 23080.047257/2014-91		
Prof. Dr. Gustavo Andres Caponi	UFSC	Presidente
Prof. Dr. Alberto Oscar Cupani	UFSC	Membro
Prof. Dr. Silvio Seno Chibeni	UNICAMP	Membro
Prof. Dr. Marco Antônio Franciotti	UFSC	Suplente Interno
Prof. Dr. Mauricio de Carvalho Ramos	USP	Suplente Externo

PROF. DR. PAULO PINHEIRO MACHADO
Diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

DECLARAÇÃO

DECLARAMOS, que **Marco Antonio Frangiotti**, professor do Departamento de Filosofia, foi membro da banca de defesa de dissertação de Mestrado de Gígi Anne Horbatiuk Sedor, no dia 23 de agosto de 1999.

Florianópolis, 08 de setembro de 1999.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas


Prof. Dr. Alberto Oscar Cupani
Coordenador do Mestrado em Filosofia



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

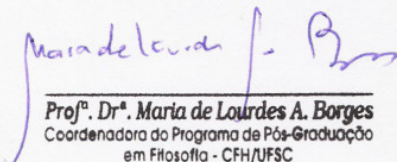
PORTARIA Nº. 03/POSFIL/2002

A Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE:

DESIGNAR, os professores doutores Sara Albieri (presidente e orientadora), Delamar José Volpato Dutra e Marco Antônio Frangiotti, para constituírem a banca de defesa de dissertação de mestrado do aluno Lucas Andrade Silva, a ser realizada no dia 27 de agosto de 2002, às 10:00 horas na sala de reunião do Departamento de Filosofia.

Florianópolis, 23 de agosto de 2002


Prof.ª Dr.ª Maria de Lourdes A. Borges
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia - CFH/UFSC



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

PORTARIA Nº. 04/POSFIL/2002

A Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE:

DESIGNAR, os professores doutores Marco Antônio Frangiotti (presidente e orientador), André Klaudat, Delamar José Volpato Dutra e Luiz Alberto Hebeche (suplente), para constituírem a banca de defesa de dissertação de mestrado do aluno Arturo Fatturi, a ser realizada no dia 03 de outubro de 2002, às 14:30 horas na sala de reunião do Departamento de Filosofia.

Florianópolis, 24 de setembro de 2002

Prof.ª Dr.ª Maria de Lourdes A. B.
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia - CFH/UFSC



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

PORTARIA Nº. 01/POSFIL/2002

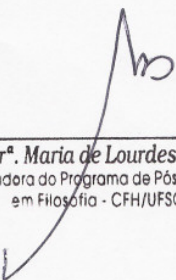
A Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE:

DESIGNAR, os professores doutores Sara Albieri (Presidente e orientadora), Livia Guimarães, Delamar José Volpato Dutra e Marco Antônio Frangiotti (Suplente), para sob a presidência do primeiro, constituírem banca de defesa de dissertação de Marlei Grolli, a ser realizada no dia 09 de maio de 2002, às 16:00 horas na sala de reuniões do Departamento de Filosofia.

Florianópolis, 06 de maio de 2002

Profª. Dra. Maria de Lourdes A. Borges
Coord. do Programa de Pós-Graduação em Filosofia


Profª. Drª. Maria de Lourdes A. Borges
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia - CFH/UFSC



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

PORTARIA Nº. 01/POSFIL/2003

A Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE:

DESIGNAR, os professores doutores Marco Antônio Frangiotti (presidente e orientador), Cláudia Pellegrini Drucker, Maria de Lourdes Borges e Marcos José Müller (suplente), para constituírem a banca de defesa de dissertação de mestrado da aluna Lurdes de Vargas Silveira Schio, a ser realizada no dia 21 de fevereiro de 2003, às 10:00 horas na sala CFH 331.

Florianópolis, 5 de fevereiro de 2003

Assinatura manuscrita em tinta azul da coordenadora do programa.

Dr^a. Maria de Lourdes A. Borges
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia - CFH/UFSC



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA


PORTARIA Nº. 28/POSFIL/2004

O Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE:

DESIGNAR, os professores Gustavo Caponi (orientador), Alberto Oscar Cupani, Décio Krause e Marco Antônio Frangiotti (suplente), para sob a presidência do primeiro, constituírem banca de defesa de dissertação de mestrado do aluno Leandro Carlos Ody, título: "Teoria e História na Geologia", a ser apresentado no dia 28 de fevereiro de 2005, às 14:00 horas na sala CFH 330.

Florianópolis, 22 de dezembro de 2004.



Prof. Dr. Marco Antônio Frangiotti
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia-CFH/UFSC

Prof. Marcos Frangiotti




**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS/ DOUTORADO**

DECLARAÇÃO

DECLARAMOS, para os devidos fins, que o **Prof. Dr. MARCOS ANTONIO FRANGIOTTI** participou da banca de defesa de tese intitulada *“Para que Terapia? estudo interdisciplinar sobre o self contemporâneo”*, de autoria do doutorando **Ercy José Soar Filho**, em sessão realizada dia 29 de março do corrente ano, às 14 horas, no Centro de Ciências da Educação desta Universidade.

Florianópolis, 29 de março de 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS/DOUTORADO
Campus Universitário - Trindade - Caixa Postal 476
CEP 88010-970 - Fone/Fax: (48) 331-9405
E-mail: dich@cfh.ufsc.br


Liana Bergmann
Secretária do Programa de Doutorado
Interdisciplinar em Ciências Humanas
UFSC/CFH



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

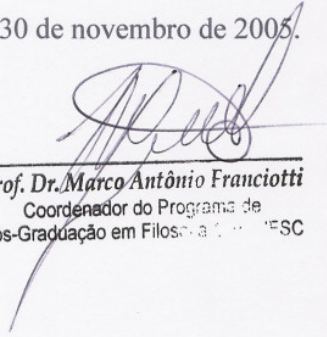
PORTARIA Nº. 30/POSFIL/2005

O Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE:

DESIGNAR, os professores Darlei Dall'Agnol (orientador), João Vergílio Cuter, Marco Antônio Franciotti e Delamar José Volpato Dutra (suplente), para sob a presidência do primeiro, constituírem banca para a Defesa de Dissertação de Marciano Adilio Spica, título: "As relações entre ética e ciência no *Tractatus* de Wittgenstein", a ser apresentado no dia 19 de dezembro de 2005, às 16:00 horas na sala CFH 333.

Florianópolis, 30 de novembro de 2005.



Prof. Dr. Marco Antônio Franciotti
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia - UFSC



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

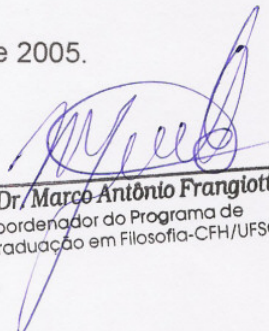
PORTARIA Nº.03/POSFIL/2005

O Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia,
no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE :

DESIGNAR, os professores Sara Albieri (orientadora), José Raimundo Neto, Marco Antônio Frangiotti e Luiz Henrique de Araújo Dutra (suplente), para, sob a presidência do primeiro, constituírem banca de defesa de dissertação de mestrado do aluno Flávio Miguel de Oliveira Zimmermann título : "Ceticismo e Certeza em René Descartes", a ser apresentada no dia 11 de abril de 2005, às 10 :00 horas na sala CFH-332.

Florianópolis, 15 de março de 2005.


Prof. Dr/ Marco Antônio Frangiotti
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia-CFH/UFSC



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

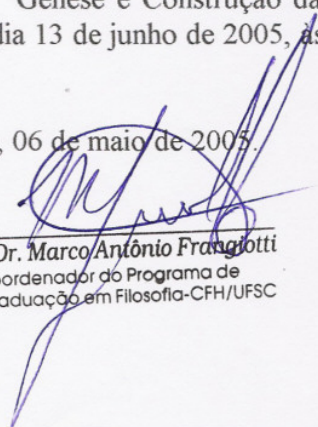
PORTARIA Nº. 07/POSFIL/2005

O Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE:

DESIGNAR, os professores Marco Antônio Frangiotti (orientador), Georges Daniel Janja Bloc Boris, Luiz Alberto Hebeche e Celso Reni Braidá (suplente), para sob a presidência do primeiro, constituírem banca para Defesa de Dissertação de Rosane Lorena Granzotto, título: “Gênese e Construção da Filosofia da Gestalt na Gestalt-Terapia”, a ser apresentado no dia 13 de junho de 2005, às 09:30 horas na sala CFH 331.

Florianópolis, 06 de maio de 2005.


Prof. Dr. Marco Antônio Frangiotti
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia-CFH/UFSC

marco



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

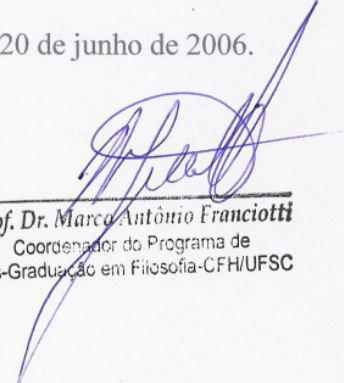
PORTARIA Nº. 12/POSFIL/2006

O Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE:

DESIGNAR, os professores Luiz Henrique de Araújo Dutra (orientador), Cláudio de Almeida, Marco Antônio Franciotti e Júlio Cesar Burdzinski (suplente), para sob a presidência do primeiro, constituírem banca para a Defesa de Dissertação de Claudemir Aparecido Lopes, título: “Teorias da justificação do conhecimento: uma análise do confiabilismo de Alvin Goldman”, a ser apresentado no dia 12 de julho de 2006, às 14:00 horas na sala de usos múltiplos – História.

Florianópolis, 20 de junho de 2006.


Prof. Dr. Marco Antônio Franciotti
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia-CFH/UFSC



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

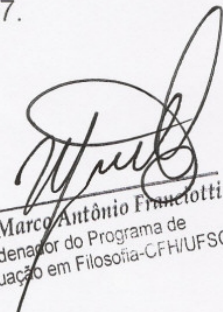
PORTARIA N^o.02/POSFIL/2007

O Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia,
no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE :

DESIGNAR, os professores Prof. Dr. Marco Antônio Franciotti (orientador), Prof.^a Dr.^a Maria Eliza Giusti, Prof. Dr. Marcos José Müller e Prof. Dr. Luiz Henrique de Araújo Dutra (suplente) para, sob a presidência do primeiro, constituírem banca de defesa de dissertação de mestrado do aluno Sady Raul Pereira, título: "A Premissa do Falo e o Conceito de Castração em Freud", a ser apresentada no dia 27 de fevereiro de 2007, às 14:00hs no mini-auditório do CFH.

Florianópolis, 16 de fevereiro de 2007.


Prof. Dr. Marco Antônio Franciotti
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia-CFH/UFS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**


PORTARIA Nº.03/POSFIL/2007

O Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia,
no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE :

DESIGNAR, os professores Prof. Dr. Alessandro Pinzani (co-orientador), Prof. Dr. Vinícius Belandis de Figueiredo, Prof. Dr. Delamar José Volpato Dutra e Prof. Dr. Marco Antônio Franciotti (suplente) para, sob a presidência do primeiro, constituírem banca de defesa de dissertação de mestrado do aluno Leandro Marcelo Cisneros, título: "O Juízo Reflexionante Estético : uma das vias necessárias para atingir a Liberdade Política", a ser apresentada no dia 26 de fevereiro de 2007, às 09:00hs na sala do Núcleo de Ética e Filosofia Política, no CFH.

Florianópolis, 16 de fevereiro de 2007.


Prof. Dr. Marco Antônio Franciotti
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia-CFH/UFSC



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

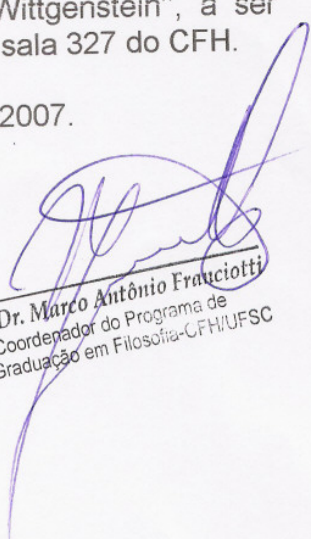
PORTARIA N^o.08/POSFIL/2007

O Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia,
no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE :

DESIGNAR, Prof. Dr. Darlei Dall'Agnol (orientador), Prof. Dr. Delamar José Volpato Dutra (co-orientador), Prof^a. Dr^a. Maria Clara Dias, Prof. Dr. Marco Antônio Franciotti e Prof. Dr. Alessandro Pinzani (suplente) para, sob a presidência do primeiro, constituírem banca de defesa de dissertação da aluna Franciele Bete Petry título: "Sobre a Possibilidade do Cognitivismo Moral nas *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein", a ser apresentada no dia 28 de março de 2007, às 14:00hs na sala 327 do CFH.

Florianópolis, 05 de março de 2007.


Prof. Dr. Marco Antônio Franciotti
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia-CFH/UFSC



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA


PORTARIA Nº. 34/POSFIL/2008

O Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE:

DESIGNAR, os professores Dr. Darlei Dall'Agnol (orientador), Dr. Abel Lassalle Casanave, Dr. Edgar da Rocha Marques, Dr. Cezar Augusto Mortari, Dr. Marco Antônio Franciotti e Dr. Delamar José Volpato Dutra (suplente) para sob a presidência do primeiro, constituírem banca para a defesa de tese de Eduardo Ferreira das Neves Filho, sob o título: “O paradoxo de Moore e a declaração: conseqüências do choque de acessos de primeira e terceira pessoas”, a ser apresentado no dia 19 de dezembro de 2008, às 14:00 horas na sala: auditório do CFH.

Florianópolis, 04 de dezembro de 2008.


Prof. Dr. Delamar José Volpato Dutra
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia - CFH/UFSC



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

PORTARIA Nº. 45/POSFIL/2012

O Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE:

DESIGNAR, os professores Dr. Marco Antônio Franciotti (orientador), Dr. Delamar José Volpato Dutra, Dr. Alessandro Pinzani, Dr. Denílson Luis Werle, Dr^a. Maria Isabel de Magalhães Papaterra Limongi, Dr^a. Yara Adario Frateschi, Dr. Luiz Alberto Hebeche (suplente) e Dr. Helton Machado Adverse (suplente), para sob a presidência do primeiro, constituírem banca para defesa de tese de doutorado de Clóvis Brondani, sob o título: "**A Ética e a Política em Hobbes**", a ser apresentada no dia 11 de dezembro de 2012, às 09:30 horas no Miniauditório - CFH.

Florianópolis, 24 de outubro de 2012.

Assinatura manuscrita em tinta preta, correspondente ao nome do subcoordenador.

Prof. Marcos José Müller-Granzotto
Subcoordenador do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia/CFH-UFSC



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

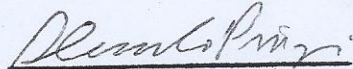
PORTARIA Nº. 14/POSFIL/2012

O Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE:

DESIGNAR, os professores Alberto Oscar Cupani (presidente e orientador), Eduardo Salles de Oliveira Barra, Alexandre Meyer Luz, Gustavo Andrés Caponi, Marco Antônio Franciotti (suplente), para sob a presidência do primeiro, constituírem banca para defesa de dissertação de Daniel Caon Alves, título: "**Análise e crítica do conceito de ciência normal de Thomas Kuhn e sua filosofia da ciência de viés histórico**", a ser apresentada no dia 15 de junho de 2012, às 14:30 horas no auditório do CFH.

Florianópolis, 23 de maio de 2012.


Prof. Alessandro Pinzani
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia/CFH-UFSC



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

PORTARIA Nº. 20/POSFIL/2013

O Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE:

DESIGNAR, os professores Dr. Jair Barboza (orientador), Dr. Delamar José Volpato Dutra, Dr. Marco Antonio Franciotti, Dr. Ubirajara Rancan de Azevedo Marques e Dr^a. Claudia Pellegrini Drucker (suplente), para sob a presidência do primeiro, constituírem banca para defesa de dissertação de mestrado de Leandro José Rocha sob o título: **“Reflexões referentes à relação alma, ânimo e prazer nos juízos estéticos em Kant”**, a ser apresentada no dia 03 de abril de 2013, às 08:30 horas na Sala de Usos Múltiplos do Departamento de Geografia - CFH.

Florianópolis, 08 de março de 2013.

Assinatura manuscrita de Alessandro Pinzani em tinta preta.

Prof. Alessandro Pinzani
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia/CFH-UFS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA


PORTARIA Nº. 35/POSFIL/2013

O Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE:

DESIGNAR, os professores Dr. Marcos José Müller-Granzotto (orientador), Dr. Roberto Wu, Dr. Celso Reni Braidá, Dr. Nazareno Eduardo de Almeida, Dr. Carlos Diógenes Cortes Tourinho, Dr. Mário Ariel González Porta, Dr. Marco Antônio Franciotti (suplente) e Dr^a. Claudia Pellegrini Drucker (suplente), para sob a presidência do primeiro, constituírem banca para defesa de tese de doutorado de Vanessa Furtado Fontana sob o título: "Presentificação de fantasia na fenomenologia de Husserl", a ser apresentada no dia 29 de agosto de 2013, às 14:00 horas na Sala de Usos Múltiplos do Departamento de Geografia do CFH.

Florianópolis, 30 de julho de 2013.


Prof. Alessandro Pinzari
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia/CFH



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

PORTARIA Nº. 05/POSFIL/2013

O Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE:

DESIGNAR, os professores Dr^a. Claudia Pellegrini Drucker (orientadora), Dr. Roberto Wu, Dr. Marco Antonio Franciotti, Dr. Marco Antonio Valentim e Dr^a. Maria de Lourdes Alves Borges (suplente), para sob a presidência do primeiro, constituírem banca para defesa de dissertação de mestrado de Diogo Campos da Silva, sob o título: "**Ser, Objetividade, Posição: Um estudo heideggeriano da *Crítica da Razão Pura***", a ser apresentada no dia 19 de fevereiro de 2013, às 15:00 horas na Sala 330 do CFH.

Florianópolis, 05 de Janeiro de 2013.

Assinatura manuscrita em tinta preta, legível como "Alessandro Pinzani".

Prof. Alessandro Pinzani
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia/CFH-UFSC



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

PORTARIA Nº. 07/POSFIL/2013

O Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE:

DESIGNAR, os professores Dr. Luiz Henrique de Araujo Dutra (orientador), Dr. Alberto Oscar Cupani, Dr. Cezar Augusto Mortari, Dr. José Cláudio Moreli Matos e Dr. Marco Antonio Franciotti (suplente), para sob a presidência do primeiro, constituírem banca para defesa de dissertação de mestrado de Tiago Mathyas Ferrador sob o título: **“O projeto epistemológico empirista de Bas van Fraassen: empirismo construtivo, epistemologia voluntarista, e empirismo estrutural”**, a ser apresentada no dia 07 de março de 2013, às 09:00 horas na Sala de Usos Múltiplos da Geografia – CFH.

Florianópolis, 13 de fevereiro de 2013.

Assinatura manuscrita de Alessandro Pinzani.

Prof. Alessandro Pinzani
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia/CFH-UFSC



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

PORTARIA Nº03/PPGFIL/2014

O Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE:

DESIGNAR, os professores: Dr. Nazareno Eduardo de Almeida (Orientador), Dr. Celso Reni Braidá, Dr. Marco Antonio Franciotti, Dr. Anderson de Paula Borges, e, Dr. Leonel dos Santos (suplente), para sob a presidência do primeiro, constituírem banca para defesa de dissertação de mestrado de Jean Carlos Herpich sob o título: **“ESTUDO SOBRE O CRÁTILO DE PLATÃO: A PRIMAZIA DA QUESTÃO ONTOLÓGICA E A CRÍTICA AO USO DAS ETIMOLOGIAS”**, a ser apresentada no dia 26 de fevereiro de 2014, às 9h no Miniauditório do CFH.

Florianópolis, 04 de fevereiro de 2014.

Assinatura manuscrita de Alexandre Meyer Luz, escrita em tinta preta sobre papel branco.

Prof. Dr. Alexandre Meyer Luz



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

PORTARIA Nº22/PPGFIL/2014

O Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE:

DESIGNAR, os professores Dr. Nazareno Eduardo de Almeida (Orientador e Presidente), Dr. Leonel Ribeiro dos Santos, Dr. Marco Antonio Franciotti, Dr^a. Maria Aparecida de Paiva Montenegro e Dr. Jaimir Conte (Suplente), para sob a presidência do primeiro, constituírem banca para defesa de mestrado de Pedro Mascarenhas Baratieri, sob o título: **“DIALÉTICA, DIÁLOGO E RETÓRICA: UMA LEITURA DO FEDRO”**, a ser apresentada no dia 8 de agosto de 2014, às 14h na sala 308 do CFH.

Florianópolis, 23 de julho de 2014.

Assinatura manuscrita em tinta preta, apresentando uma grafia cursiva e estilizada.

Prof. Dr. Alexandre Meyer Luz
Coordenador do PPGFIL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

PORTARIA Nº24/PPGFIL/2014

O Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no uso de suas atribuições e conforme deliberação do colegiado,

RESOLVE:

DESIGNAR, os professores Dr. Marcos Jose Müller Granzotto (Orientador e Presidente), Dr. Marco Antonio Franciotti, Dr. Luiz Henrique de Araujo Dutra, Dr. Celso Reni Braidá, Dr. Richard Theisen Simanke, Dr. Luiz Damon Santos Moutinho, Dr. Nazareno Eduardo Almeida (suplente) e Dr. Luiz Alberto Hebeche (suplente), para sob a presidência do primeiro, constituírem banca para defesa de doutorado de Gleisson Roberto Schmidt, sob o título: **“CORPO, NATUREZA, CARNE: MERLEAU-PONTY E A REABILITAÇÃO DO NATURALISMO FREUDIANO”**, a ser apresentada no dia 22 de agosto de 2014, às 14h na sala 313 do CFH.

Florianópolis, 07 de julho de 2014.

Assinatura manuscrita em tinta preta, apresentando uma grafia cursiva e estilizada.

Prof. Dr. Alexandre Meyer Luz



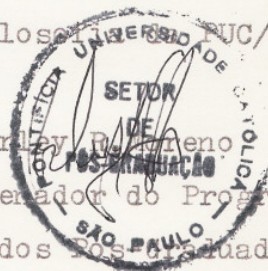
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

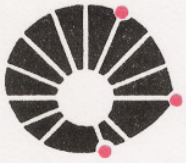
São Paulo, 15/XI/1985

ATESTADO

Atesto que o professor Marco Antônio Frangiotti profe-
riu uma série de oito conferências sobre Lógica Formal no
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia da PUC/SP,
durante o segundo semestre de 1985.

Arlley R. Pinheiro
Coordenador do Programa de
Estudos Pós-Graduados em
Filosofia da PUC/SP





UNICAMP

ATESTADO

Pelo presente, certifico que o Prof. Marco Antonio Frangiotti deu uma palestra intitulada "O Método Analítico e a Filosofia Transcendental de Kant", no quadro dos seminários do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE) da UNICAMP, no dia 19 de Novembro de 1985.

Atenciosamente,

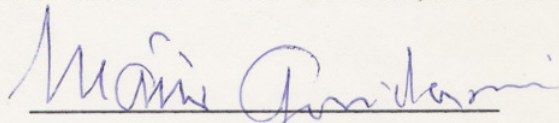
Prof. Dr. Michel Ghins

Coordenador dos Seminários do CLE.

Centro de
Lógica Epistemologia e
Hist. da Ciência
UNICAMP

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que o Prof. Marco Antonio Frangiotti ministrou conferência intitulada "Revisitando alguns conceitos kantianos" no Encontro Nacional de Filosofia, promovido pela SEAF, nos dias 17 e 18 de dezembro de 1987.

A handwritten signature in blue ink, reading "Mário Guidarini", written over a horizontal line.

PROF.DR.MÁRIO GUIDARINI

ORGANIZADOR



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CAMPUS UNIVERSITÁRIO - TRINDADE - CAIXA POSTAL 476

CEP. 88049 - FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA

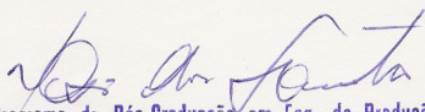
TEL. (0482) - 31.9000 - TELEX: 0482 240

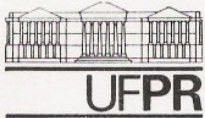
COORDENADORIA DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

DECLARAÇÃO

DECLARAMOS para os devidos fins que o Prof. MARCO FRANCOIOTTI, proferiu palestra no Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, no dia 19 de novembro de 1990, sobre o tema "Filosofia da Ciência"

Florianópolis, 26 de novembro de 1990.


Programa de Pós-Graduação em Eng. de Produção
Prof. Neri dos Santos, Dr. Ing.
Coordenador



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA - DEFI

DECLARAÇÃO

Declaro que o professor: Marco Antonio Frangiotti, apresentou conferência no Colóquio “Filosofia, Conhecimento, Realismo”, realizado pelo Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, entre os dias 30 de outubro a 01 de novembro do corrente.

Curitiba, 01 de novembro de 1995

Prof. Dr. Plinio Junqueira Smith
Coordenador do Colóquio



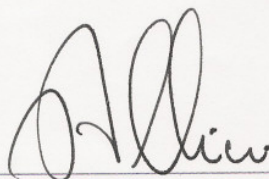
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ANÁLISE FILOSÓFICA

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que MARCO A. FRANGIOTTI apresentou conferência intitulada O REALISMO EMPÍRICO DE KANT no *III Encontro de Filosofia Analítica* realizado entre 18 e 22 de setembro de 1995 em Florianópolis/SC.

Florianópolis, 22 de setembro de 1995.



Profª Drª Sara Albieri
Comissão Organizadora



unioeste

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ

Rua Universitária, 1619 - Fone (045) 224-6291 - Fax (045) 224-6883 - Cascavel - PR

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS

Certificado

Certificamos que o **Prof. Dr. Marco Antônio Frangiotti (UFSC/SC)** proferiu a palestra "*Razão e Instintos no Ceticismo de Hume*", no dia 08.11.96, durante o **I SIMPÓSIO DE FILOSOFIA**, promovido pelo Departamento de Filosofia, Campus de Toledo, aprovada pela Resolução nº 146/96-CEPE e realizado no período de 04 a 14 de novembro de 1996.

Cascavel, 20 de dezembro de 1996.

Pedro Gambim

DIRETOR DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E ESTUDOS
SÓCIO-ECONÔMICAS

Mário Cândido de Athayde Júnior

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOLEDO
Rua da Faculdade, 2550 - Cx. P. 520- Fone (054)252-3535 - CEP. 85903-000 - Toledo - PR.
Unidade: Centro de Ciências Humanas e Estudos Sócio Econômicos
Departamento de Filosofia.

32a declaração/96 -1a via

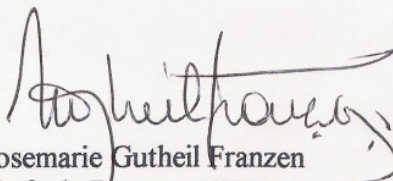
DECLARAÇÃO

DECLARAMOS, para os devidos fins, que Dr. **MARCO ANTONIO FRAGIOTTI** proferiu conferência no "I Simpósio de Filosofia da Unioeste - Campus de Toledo no dia 8.11.96 sob o título "Razão e instintos no ceticismo de Hume" - evento promovido pelo Departamento de Filosofia.

É a declaração.

DEPARTAMENTO DO CURSO DE FILOSOFIA, DA UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE - CAMPUS DE TOLEDO -
TOLEDO, PARANÁ, EM 21 DE NOVEMBRO DE 1996.



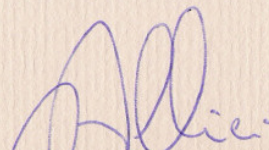

Rosemarie Gutheil Franzen
Chefe de Departamento

IV Encontro de Filosofia Analítica em homenagem a Thomas S. Kuhn

**in honor of Thomas S. Kuhn
IVth Brazilian Conference on Analytic Philosophy**

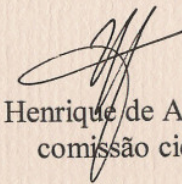
CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

Certificamos que MARCO ANTONIO FRANGIOTTI
participou do IV Encontro de Filosofia Analítica, em homenagem a Thomas S. Kuhn, realizado em Florianópolis, SC,
de 6 a 9 de outubro de 1997, tendo apresentado a comunicação
“THE ROLE OF REASON IN HUME’S EPISTEMOLOGY”



Sara Albieri

comissão organizadora



Luiz Henrique de A. Dutra
comissão científica



NEL - Núcleo de Epistemologia e Lógica
Universidade Federal de Santa Catarina

**SOCIEDADE BRASILEIRA
DE ANÁLISE FILOSÓFICA**

CERTIFICADO

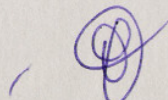
Certificamos que **MARCO ANTÔNIO FRANGIOTTI** participou apresentando a comunicação

O jogo de duvidar,

no **VIII Encontro Nacional de Filosofia,**

promovido pela Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia e Centro de Lógica,
Epistemologia e História da Ciência da UNICAMP, realizado de 25 a 30 de setembro de 1998.

Caxambu, MG, 26 de setembro de 1998.



Oswaldo Giacoia Jr.
Presidente da ANPOF

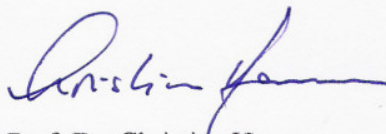
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

ATESTADO

Atestamos, para os devidos fins, que o **Prof. Dr. Marco Antônio Frangiotti** participou, como conferencista*, do 'Ciclo de Conferências **A IMPORTÂNCIA DO CETICISMO NO PENSAMENTO FILOSÓFICO MODERNO**, promovido pelo Curso de Pós-Graduação em Filosofia / UFSM e realizado nos dias 18 a 20 de junho de 1998, na Universidade Federal de Santa Maria.

* Título da conferência: "**The Doubting Game**"

Santa Maria, 20 de junho de 1998



Prof. Dr. Christian Hamm
Coordenador CPG Filosofia





UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEFI - DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

CERTIFICADO

Certifico que o Prof. Dr. Marco Frangiotti (UFSC), ministrou uma conferência no Colóquio “*Ceticismo: Perspectivas Históricas e Filosóficas*”, realizada na Universidade Federal do Paraná -- Departamento de Filosofia, no período de 19 a 21 de maio de 1999.

Curitiba, 21 de maio de 1999

Prof. Dr. Plínio Junqueira Smith
Coordenador do Colóquio



lingüística



pós-graduação em lingüística

Universidade Federal de Santa Catarina, CCE, UFSC, CPGLg, sl. 201, Trindade
CEP 88040-970, Florianópolis, SC, Brasil - Fone: (048) 331.9581 - Fax: (048) 331.6604

E-mail: pgl@cce.ufsc.br
<http://www.cce.ufsc.br:80/~pgl>

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que o **Prof. Dr. Marco A. Frangiotti** proferiu, no dia 24/05/99, a palestra intitulada *Ludwig Wittgenstein e a natureza da linguagem*, promovida pelo Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 26 de maio de 1999

Dra. Loni Grimm Cabral

Coordenadora

Portaria 0371/GR/98

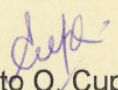
Pós-Grad. Lingüística UFSC

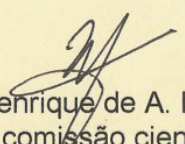
Primeiro Simpósio Internacional *Principia*

First Principia International Symposium

CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

Certificamos que Marco Antônio Frangiotti participou do **Primeiro Simpósio Internacional *Principia***, realizado em Florianópolis, SC, de 9 a 12 de agosto de 1999, tendo proferido a palestra :
'Kant and Scepticism'


Alberto O. Cupani
comissão organizadora


Luiz Henrique de A. Dutra
comissão científica



Núcleo de Epistemologia e Lógica
Universidade Federal de Santa Catarina

principia
revista internacional de epistemologia

**ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
DELEGAÇÃO GERAL SANTA CATARINA**

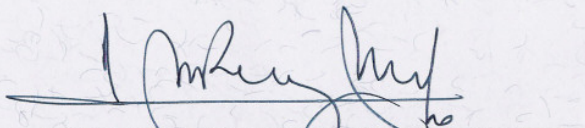
CERTIFICADO

Conferido a Prof. Dr. Marco Antonio Frangiotti

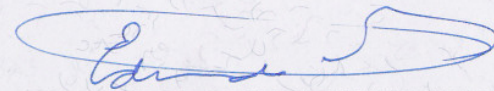
por proferir a conferência "Wittgenstein e o fim da metafísica", em

20 de abril de 2000 às 20:00h, correspondente a _____

Florianópolis, 29 de maio de 2000



OSCAR REYMUNDO
Coordenador Geral



EDUARDO RIAVIZ
Coordenador de Extensão

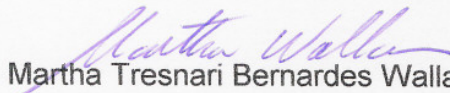


INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS
REPRESENTAÇÃO ESTADUAL DE SANTA CATARINA
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

DECLARAÇÃO

Declaramos que o Professor Marcos Antonio Frangotti, do Departamento de Filosofia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, ministrou palestra sobre o tema Relativismo e Objetivismo, com duração de 2 horas no dia 08 de maio do corrente, para estagiários e voluntários do Centro de Resgate e Triagem de Animais Silvestres / CETAS do IBAMA em Santa Catarina.

Florianópolis, 08 de maio de 2000


Martha Tresnari Bernardes Wallauer
Núcleo de Educação Ambiental
Coordenadora

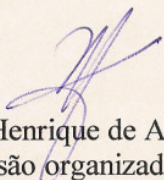
Segundo Simpósio Internacional *Principia*

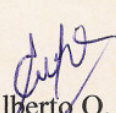
Second Principia International Symposium

Florianópolis, SC - 6 a 10 de agosto de 2001 - *August 6 to 10, 2001*

CERTIFICADO

Certificamos que **Marco A. Franciotti**
participou do Segundo Simpósio Internacional *Principia*
realizado em Florianópolis, SC, de 6 a 10 de agosto de 2001,
tendo apresentado o trabalho
“Freud and Wittgenstein”


Luiz Henrique de A. Dutra
comissão organizadora


Alberto O. Cupani
comissão científica



Núcleo de Epistemologia e Lógica
Universidade Federal de Santa Catarina

principia
revista internacional de epistemologia



Serviço Público Federal

Universidade Federal de Santa Catarina

Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado

DECLARAÇÃO

DECLARAMOS, para os devidos fins, que o Professor Dr. **Marco Antônio Frangiotti** proferiu, no dia 13/03/2001, palestra intitulada "O declínio do modelo clássico de ciência", na disciplina obrigatória PGP 3203 - Fundamentos históricos e epistemológicos da Psicologia, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 21 de março de 2001.

Prof.ª Dr.ª Maria Juracy Tonell Siqueira

Programa de Pós-Graduação em Psicologia/CFH/UFSC

Coordenadora - Portaria nº 0662/GR/2000



UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU

**Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Centro de Pesquisa**

Certificado

Conferido a

Marco Frangiotti

por sua participação, como palestrante, na conferência "**Wittgenstein, Freud e a epistemologia da psicologia**",
realizada por ocasião do **I Colóquio de Epistemologia da USJT**, no período de 5 a 7 de junho do corrente.

São Paulo, 7 de junho de 2002.

Prof. Dr. Plínio Junqueira Smith
Coordenador da Linha de Pesquisa
Epistemologia e Educação

Prof. Antônio José da Silva
Diretor do Centro de Pesquisa



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A EXTENSÃO



CERTIFICADO

Concedido a **MARCO ANTONIO FRANGIOTTI**

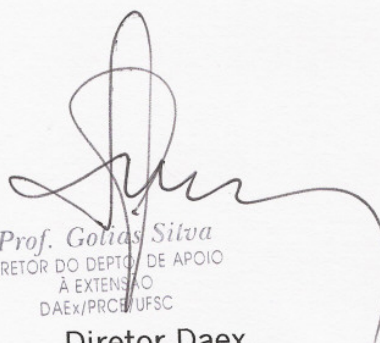
Por ter participado como **Palestrante** do (a) **Semana da "Filosofia 2002"** no período de **11/11/2002 a 14/11/2002** com carga horária total de **1 hora e 20 minutos**.

Temas Apresentados:

Palestra "Freud no divã de Wittgenstein".

Florianópolis, 28 de Março de 2003

Registro Nº: 2002.2034



Prof. Golias Silva
DIRETOR DO DEPTO. DE APOIO
À EXTENSÃO
DAEX/PRC/UFSC
Diretor Daex.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
Campus Universitário - Trindade
CEP 88.040-900 - Florianópolis - Santa Catarina
FONE : (...48) 331-8803 - FAX: (...48) 331-9248

Certificamos que Dr. Marco Antônio Frangiotti..... proferiu a
Conferência Psicanálise e Conhecimento..... no

Colóquio de Filosofia: Questões Atuais em Metafísica, realizado nos dias 02, 03, 04 e 05 de
fevereiro de 2004 no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de
Santa Catarina, promovido pela pós-graduação em filosofia, pós-graduação em literatura e

NIM.

Dr. Marcos José Müller
Coordenador do Colóquio de Filosofia: Questões Atuais em Metafísica

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
COMISSÃO ORGANIZADORA DA SEMANA DA PSICOLOGIA

Florianópolis, 04 de novembro de 2004.

Ao professor Marco Antônio Frangiotti

O Departamento da graduação e pós-graduação de psicologia juntamente com a Comissão Organizadora da Semana da Psicologia estarão realizando a **III Semana da Psicologia da UFSC** – “PsicologiaSem Barreiras” no período de 16 a 19 de novembro, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

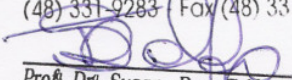
Para maior enriquecimento deste evento, vimos convidar Vossa Senhoria para participar como debatedor da mesa redonda: **“O Método científico na psicologia: Contribuições para o início do século XXI”**, no dia **16 de novembro**, das **10: 00 ao 12:00** horas, no auditório do CFH.

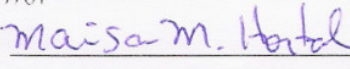
Informamos, ainda, que também estarão presentes nessa mesa o professor Sílvio Paulo Botomé expondo sobre *“Concepções de “Ciência em História” no desenvolvimento da Psicologia: de Aristóteles à Física Quântica”*, e a professora Maria Cecília Miranda de C. Nogueira expondo sobre *“Método, ciência e epistemologia: definições e problema”*s. A mesa redonda terá duração de duas horas, sendo que cada participante terá no máximo 50 minutos para apresentar sua fala, e 30 minutos de debate.

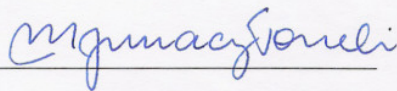
Na certeza de sermos atendidos e de podemos contar com a vossa participação, antecipadamente, agradecemos.

Atenciosamente,

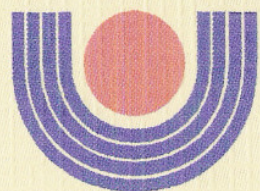
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Campus Trindade - Caixa Postal 476
CEP 88040-970 - Florianópolis - SC - Brasil
(48) 331-9283 - Fax (48) 331-9751


Prof.ª Dr.ª Suzana Rosa Tolfo da
Presidente do Colegiado do Curso de
Graduação em Psicologia - CFH/UFSC


Comissão Organizadora


Departamento de pós-graduação

Prof.ª Dr.ª Maria Juracy Filgueiras Toneli
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia/CFH/UFSC
Coordenadora - Portaria nº. 0575/GR/2002



unioeste

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CAMPUS DE TOLEDO
Rua da Faculdade, 645 – Fone (45) 379-7000 – 85903-000 – TOLEDO – PR

CERTIFICADO

Certificamos que o professor Dr. Marco Antonio Frangiotti proferiu a conferência intitulada "WITTGENSTEIN LEITOR DE FREUD", durante o X SIMPÓSIO DE FILOSOFIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA da UNIOESTE - *Campus* de Toledo, no período de 24 a 28 de outubro de 2005, promovido pelo Colegiado do Curso de Filosofia.

Toledo, 28 de Outubro de 2005.


PROF. MS. JOSÉ ATÍLIO PIRES DA SILVEIRA

Diretor de Centro


PROF. DR. WILSON ANTONIO. FREZZATTI JUNIOR

Coordenador do Evento



IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL PRINCIPIA

A Filosofia de Donald Davidson

Florianópolis, SC, 8 a 11 de agosto de 2005

CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO

Certificamos que **MARCO ANTÔNIO FRANCIOTTI**
participou do IV Simpósio Internacional *Principia*, realizado em Florianópolis, SC,
de 8 a 11 de agosto de 2005, tendo apresentado o trabalho intitulado:
“A Pulsão de Morte e a Metafísica”

Luiz Henrique de A. Dutra
comissão organizadora

Alberto Cupani
comissão científica

Universidade Federal de Santa Catarina

NEL – Núcleo de Epistemologia e Lógica

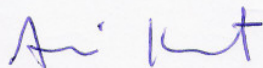
Principia – Revista Internacional de Epistemologia

NECL – Núcleo de Estudos sobre Conhecimento e Linguagem

CERTIFICADO

Certificamos que o prof. Dr. Marco Antônio Franciotti participou como conferencista do Colóquio Naturalismo e Filosofia em David Hume, realizado nesta Universidade, no período de 19/04/2007 a 20/04/2007, tendo ministrado conferência sobre o tema Razão e Ceticismo.

Porto Alegre, 20 de abril de 2007



Prof. Dr. André Nilo Klaudat

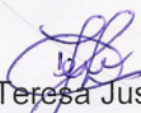
Organizador do Colóquio

DECLARAÇÃO

Declaramos que MARCO ANTÔNIO FRANCIOTTI - UFSC , participou no dia 14 de maio de 2008, da **IV Semana Acadêmica de Filosofia**, coordenado pelo Instituto Sapientia de Filosofia de Francisco Beltrão-Pr e chancelado pelo Centro Universitário Diocesano do Sudoeste do Paraná, na qualidade de Conferencista com o tema **“Freud, Sigmund e Wittgenstein”**.

Sendo o que se apresenta para o momento, declaramos ser esta a expressão da verdade.

Palmas-Pr, Maio de 2008.



Profª Teresa Jussara Luporini
Pró Reitora do UNICS



Pe. Dilonei Pedro Müller
Diretor

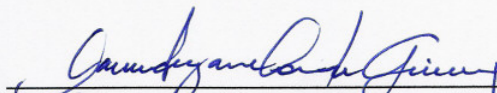


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS FÍSICAS E MATEMÁTICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MATEMÁTICA

CERTIFICADO

Certifico que o Professor *Marco Antonio Franciotti* ministrou a palestra *Filosofia e Matemática* (2 h), no dia 13 de agosto de 2008, na Universidade Federal de Santa Catarina, como parte do programa da disciplina MTM 5123 – Seminários I.

Florianópolis, 13 de agosto de 2008


Prof^a Carmem Suzane Comitê-Gimenez

Coordenadora do Curso de Graduação em Matemática



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Campus Universitário – Trindade
CEP 88.040-900 – Florianópolis – Santa Catarina
FONE (48) 3721-9330 – FAX: (48) 3721-9751

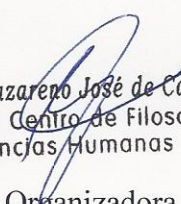
CERTIFICADO

Certificamos que **Marco Antônio Franciotti** participou, na **VIIª SEMANA DE INTEGRAÇÃO DO CFH – Humanidades em Mosaico**, como integrante da Mesa Redonda intitulada *Hipatia: o universo da mulher na Filosofia*.

Ementa:

A exposição trata, num primeiro momento, da relação entre filosofia e astronomia, levando em conta principalmente o advento da ciência moderna. Num segundo momento, a exposição centrará na colaboração de Hipácia para o desenvolvimento da astronomia e da matemática, suscitando reflexões sobre o papel das mulheres no conhecimento filosófico e científico.

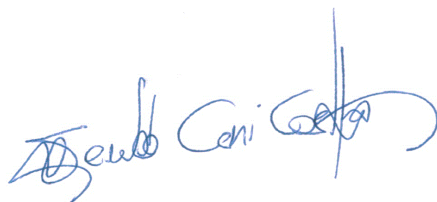
Florianópolis, 06 de dezembro de 2012


Prof. Dr. Nazareno José de Campos
Diretor do Centro de Filosofia e
Ciências Humanas

Comissão Organizadora
Representantes dos Centros Acadêmicos e Direção do CFH

Certificamos que **Marco Franciotti** ministrou a Conferência: Ceticismo e Idealismo em Kant, no **II Colóquio de Filosofia da UFES: Temas de Epistemologia e Metafísica**, realizado na Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Erechim, no período de 26 a 29 de novembro de 2012, com a carga horária de 4 horas.

Chapecó, 23 de janeiro de 2013.



Geraldo Ceni Coelho
Pró-Reitor de Extensão e Cultura



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Florianópolis, 18 de março de 2005

PORTARIA N. 006/CFH/2005

A Diretora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Santa Catarina, no uso de suas atribuições,

RESOLVE:

Designar o Professor Doutor Marco Antônio Frangiotti para exercer as funções de Coordenador do Laboratório de Recursos Informáticos em Filosofia – LABFIL. A referida função terá a carga horária de 10 (dez) horas semanais.

Assinatura manuscrita em tinta preta, legível como "mariajuracytonelli".

Prof. Dra. Maria Juracy Filgueiras Tonelli
Diretora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas